

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**JACOB KROEFF – JACOB KROEFF FILHO – JACOB KROEFF NETTO:**

o Hoteleiro, o Coronel, o Intendente - 1855 a 1966

**JOÃO HECKER LUZ**

**Porto Alegre  
2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**JOÃO HECKER LUZ**

**JACOB KROEFF – JACOB KROEFF FILHO – JACOB KROEFF NETTO:**

o Hoteleiro, o Coronel, o Intendente - 1855 a 1966

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. René E. Gertz

**Porto Alegre**

**2010**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO

Prof. Dr. René E. Gertz \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Claudia Schemes \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Núncia Santoro de Constantino \_\_\_\_\_

**Porto Alegre**

**2010**

Dedico este custoso trabalho à memória de José Maria e Egon (em especial), filhos de Jacob Kroeff Netto, que partiram recentemente.

## AGRADECIMENTOS

Ainda na Graduação, a Professora Doutora Elizabeth Torresini comentou que, por mais individual e elaborada que possa parecer uma pesquisa, necessariamente contará ela com a participação de outras pessoas, a quem agora agradeço. Assim, gostaria de enfatizar o suporte de meus pais, Sérgio e Anna, e do meu irmão Carlos. Além destes, as demais pessoas que juntaram esforços e que deram grandes contribuições para a realização final deste texto: Egon e Ruth Kroeff; Magdalena Lutzenberger, Lilly Lutzenberger, Lara Lutzenberger; Laura Rizzo Kroeff; Carmen Englert; Olga Echart; Marcos Kroeff; Joaquim Wiltgen Barbosa; José Maria Kroeff; Eduardo M. Carrion; Gaspar Stemmer; Camilo Mascarenhas; Myrian Kroeff Schmidt; Sérgio e Leni Kroeff; Carla Adams; Pe. Osmar Possomai; Luci Ceci; Regina Ribas; Cíntia Ledur; Marianne Meyer; Stefan Chamorrow; Nicanor Letti; Leonor Schwartzmann; Ir. Nadir Rodrigues; Irmã M. Cecília Petry; Irmã Brísida.

Aos locais de pesquisa e o apoio das equipes: Arquivo Público do Rio Grande do Sul; Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul; Colégio São José (secretária Mônica); Colégio Santa Catarina (Irmã Brísida e secretaria); Colégio Marista Pio XII (Patrícia dos Santos); Colégio São José (Mônica). Arquivo da Província Brasil Meridional – Jesuítas (Sr. João); Arquivo do Vale dos Sinos (Guido; Marilda; Nelson); Museu Visconde de São Leopoldo (Marcos Witt); Faculdade de Direito da UFRGS (Sra. Graça; Sonia Rozi); Arquivo da Província Brasil Meridional-Marista (Carina); Acervo da Assembleia Estadual do Rio Grande do Sul; Biblioteca do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul; CEDOP da Santa Casa de Porto Alegre (Adriane

Raimann); Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Caxias do Sul (Eduardo Reis); Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados Federais – CEDI.

Por fim, aos demais autores e pesquisadores para quem a História é muito mais que um passatempo.

## RESUMO

A presente dissertação é um trabalho com enfoque histórico na imigração alemã para o Estado do Rio Grande do Sul. Abordam-se alguns temas correlatos ao longo da pesquisa, contudo, o estudo concentra-se no antigo Município de São Leopoldo<sup>1</sup>, em particular na Família Kroeff, que tem suas origens na cidade alemã de Merl, no Palatinado, Alemanha. Para esse olhar mais particular e apurado sobre a Família, recorreu-se aos familiares vivos, entrevistando-os para a coleta dos dados e de suas respectivas impressões. A análise segue a trajetória dessa Família de imigrantes, em especial a de Jacob Kroeff e seu filho, que se fixaram em Hamburger-Berg (atual Município de Novo Hamburgo), onde instalam uma pequena pensão e um açougue. Tendo em vista a imigração oficial, procuraram-se documentos oficiais no: AHRs, APHRs, no Arquivo Municipal de Novo Hamburgo (Vale do Rio dos Sinos) e no Museu Visconde de São Leopoldo. De volta à vida de Jacob Kroeff Filho, passados alguns anos, o açougue cresceu e se tornou um pujante matadouro. A Família acumulou riqueza e poder, o que impeliu o pesquisador a tratar sobre a Política estadual e seus vários aspectos, inclusive as incursões de Kroeff Filho e Kroeff Netto no Legislativo Estadual. Kroeff Netto é outra figura a ser escrutinada e que finaliza o estudo.

**Palavras-chave:** Hamburger-Berg; São Leopoldo; Novo Hamburgo; Colonização Alemã; Família Kroeff; Matadouro.

---

<sup>1</sup> Esse município foi o berço da imigração alemã no RS e sofreu sucessivas divisões que criaram novos municípios ao longo dos anos.

## ABSTRACT

This dissertation is a work of historical focus on German immigration to the state of Rio Grande do Sul. Therefore we discuss some related issues throughout the research. However, the research focuses in São Leopoldo, particularly in Kroeff Family, which has its origins in the German city of Merl in Palatine, Germany. For this particular look on the Family and discharged, resorted to living relatives, whom we interviewed in data collection as well as their respective views. The analysis thus follows the trajectory of this family of immigrants, especially Kroeff Jacob and his son, who settled in Hamburguer-Berg (current city of Novo Hamburgo), where he opened a small pension and a butcher. In view of the immigration officer, tried in official documents: AHRS APHRS in the Municipal Archives of Novo Hamburgo (Vale do Rio dos Sinos) and the Museu Visconde São Leopoldo. Back to life Kroeff Son of Jacob Kroeff, after some years, the shop grows and becomes a thriving slaughterhouse. The family accumulates wealth and power, which forces us to deal on the European state and its various aspects, including raids and son Kroeff Netto in the state Legislature. Kroeff Netto is another picture to be scrutinized and that concludes our research.

**Keywords:** Hamburguer-Berg; São Leopoldo; Novo Hamburgo; German Colonization; Family Kroeff; Abattoir.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE QUADROS .....	12
INTRODUÇÃO .....	13
1 ANTECEDENTES .....	27
1.1 Palatinado e a Grande Família Kroeff .....	27
2 JACOB KROEFF .....	42
3 JACOB KROEFF FILHO .....	77
4 JACOB KROEFF NETTO.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	157
REFERÊNCIAS .....	163
APÊNDICES.....	172

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Região do Rio Mosela .....	31
Figura 2. Foto da cidade de Kroev, origem do nome Kroeff .....	32
Figura 3. Primeiros Kroeff no Brasil: Miguel e Lourenço – 15/11/1846.....	33
Figura 4: Fotografia de Joseph Lutzenberger .....	37
Figura 5: “Visto” de emigração da Família Hartmann.....	41
Figura 6. Foto da Merl dos Kroeff e Bins.....	51
Figura 7: Jacob Kroeff, C-091.....	53
Figura 8: carta abaixo assinado (Hamburgo Velho).....	58
Figura 9: Fotografia de Jacob Kroeff.....	61
Figura 10: Inventário de Tecla Kroeff, falecida em 1878.....	71
Figura 11: Inventário de Jacob Kroeff, falecido em 1886.....	72
Figura 12: Jacob Kroeff Filho, pouco antes de casar – c. 1870.....	82
Figura 13: Parada Kroeff/ Wiltgen.....	89
Figura 14: A linha para Canela e desvio para o matadouro.....	90
Figura 15: Linha do desvio Kroeff.....	90

Figura 16: Parada do trem em frente a casa do Coronel Jacob Kroeff .....	90
Figura 17: Nomeação de Kroeff F.: tenente-coronel da guarda nacional.....	92
Figura 18: Atas do Conselho Municipal de São Leopoldo: 1892 a 1902.....	93
Figura 19: Nominata do Partido de Centro Católico .....	98
Figura 20: Livro do Ano de 1899 – Col. N.S. Conceição (S.Leop.) .....	109
Figura 21: Rincão dos Kroeff, propriedade de Antônio Kroeff.....	115
Figura 22: Livro contábil sec. Faculdade Livre de Direito, 1901.....	121
Figura 23. Espírito das Leis, obra assinada por Jacob Kroeff Netto.....	123
Figura 24: Família Kroeff em Bad Ems, Alemanha, 1912.....	133
Figura 25: Santinho do Santíssimo.....	134
Figura 26: Propaganda do Matadouro Kroeff / Wiltgen.....	138
Figura 27: Família Nicolao Kroeff, na Fazenda Paquete.....	139
Figura 28: Carlos Dienstbach Neto, ref. a primórdios da emancipação.....	144
Figura 29: Livro da intendência municipal de Novo Hamburgo.....	148
Figura 30: Carta de apoio a Getúlio Dornelles Vargas, por Kroeff Netto.....	149
Figura 31: Anúncio do Colégio São Jacob (Ir. Maristas) em 1915.....	150
Figura 32: Anúncio de Plínio Gilberto Kroeff.....	151
Figura 33: Anúncio de Jacob Kroeff Netto.....	153

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Alunas “Kroeff” do Colégio São José .....	87
---	----

## INTRODUÇÃO

### **O Jacob[s] Kroeff no Rio Grande do Sul**

A colonização Alemã para o Brasil foi um contínuo processo, em que milhares de pessoas numa Europa “abarrotada” resolveram buscar melhores condições de vida. Essa realidade, repetida centenas e centenas de vezes, num primeiro momento pode ser configurada em uma grande massa, perigosamente unificada. O sonho comum, de melhores condições de vida, pode roubar, de um espectador menos crítico, seu caráter singular, mas há diferentes histórias de indivíduos e suas respectivas famílias.

Dentre os milhares que fugiram da fome, perseguições e até os que evitaram as suas responsabilidades como dívidas, e acusações, é preciso enfatizar o quanto esses grupos de imigrantes em geral eram heterogêneos. Nesses grupos, entre os quais havia numerosos anônimos, estavam os Kroeff, oriundos de Merl, região de cultura germânica, anexada (em 1792) à crescente Prússia.

Com essa leve noção do que seria imigração, resolvi dar continuidade aos estudos históricos e ingressei no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Desde muito cedo, ainda na Graduação, havia desenvolvido interesse sobre os meus antepassados, em especial sobre a minha família materna, os Kroeff, apenas mais uma dentre os milhares de “deportados” do velho continente, e que se dirigiram a localidade de Hamburger-

Berg (RS). Aos poucos, fui coletando materiais particulares em posse de tios, avós e outros familiares que, sempre que possível, dividiam os seus saberes comigo. Por muito tempo houve conversas corriqueiras sobre personagens da família nas rodas de chimarrão; porém, em dado momento, as informações iam rareando, repetiam-se, até parecerem “esgotadas”. Claro que as reminiscências nunca se esgotam efetivamente, pois, de tempos em tempos, uma nova versão ou um aspecto anteriormente ignorado vem à tona. De fato, a contribuição familiar estava chegando a uma zona limítrofe: tanto a memória quanto a interpretação dos relatos sobre os antepassados em comum não mais avançariam — enquanto isso, minha curiosidade aumentava.

Na Graduação, os alunos entram em contato com uma vasta gama de temas. Cada qual focaliza o seu interesse. Como era de se esperar, a emigração foi assunto tratado e revisitado. Mesmo por um longo período de quatro anos, as disciplinas do curso de História apresentam uma visão generalista; para atender às minhas demandas pessoais foram indicadas obras sobre a participação “germânica” no Estado do Rio Grande do Sul, nas quais, ocasionalmente, algum Kroeff poderia ser encontrado.

A minha curiosidade aumentava à medida que tomava contato com a História e houve, até mesmo, um deslumbramento com os grandes feitos da Humanidade. Contudo, continuava interessado em conhecer detalhes sobre os imigrantes alemães Kroeff, os meus antepassados. Nisso não há novidade ou exclusividade, pois muitos pesquisadores procuram trabalhar no que lhes é familiar. É bastante comum quando um pesquisador tem o seu interesse acentuado por assuntos há muito conhecidos ou sente atração por um evento ou por um período histórico específico. Ellen Woortmann escreve:

Em boa medida minha trajetória como antropóloga está unida aos meus interesses pela família e pelo parentesco. Este interesse foi desenvolvido no sentido de minha própria família (WOORTMANN apud BJERG, 2004:99).

De uma coleta quase desinteressada junto aos parentes, passei para um universo acadêmico, um importante salto de qualidade, quando outros aspectos ganham relevância. A pesquisa anterior era assistemática, sem organização, privada de metodologia. Ingressei no Mestrado com o propósito de desenvolver uma

investigação histórica mais rigorosa. A Academia recomenda que — caso se pretenda escrever sobre a imigração alemã — é necessário iniciar com uma revisão bibliográfica, repassando leituras já realizadas, buscando outras obras que foram sugeridas. A respeito disso, Yalour observa:

É conveniente ler os autores clássicos da área na qual se insere o problema, assim como a bibliografia recente. (...) Ler também a bibliografia das notas de pé-de-página que possam oferecer indicações de outras obras. Fazer uma leitura dinâmica, ou seja, uma leitura exploratória das obras não-incluídas (YALOUR, 2001: 62).

Assim, o primeiro passo foi debruçar-me atentamente sobre a bibliografia existente, aperfeiçoar um projeto e rever, deste modo, as ditas *obras principais* que, por qualidade ou dimensão, são portos de partida em viagem ao passado. Dessa maneira, o autor que mais contribuiu na primeira fase deste estudo foi Jean Roche (1969), com seus dois tomos sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul. Seu trabalho é uma síntese bem escrita que aborda a colonização germânica como um todo. É claro que essa obra por si só não consegue esgotar o tema. A pesquisa continuou e cito outros autores fundamentais analisados: Abrantes (1926), que vai indicar a visão de um agente do Governo; Amstad (1924), em seu livro sobre o centenário da colonização, que proporciona valiosas informações sobre o assunto e Magda Gans (2004) que demonstra a forte influência dos germânicos na capital gaúcha.

Muito se escreveu e se escreve sobre o traslado de pessoas, de famílias e de comunidades da Europa para o Novo Mundo, em particular dos germânicos ao solo gaúcho. Com a revisão bibliográfica pude dar novos rumos à pesquisa sob bases mais sólidas. Aprofundando o estudo da imigração alemã, tive a oportunidade de encontrar-me com os Kroeff mencionados na *Historiografia*<sup>2</sup>. Assim, aos poucos, os recém-chegados ganham espaço e destaque em solo gaúcho, e isso será destacado nos relatos dos visitantes, ou outras produções intelectuais.

A *Historiografia* também apresenta os seus modismos e alguns temas têm maior ou menor apelo em determinadas épocas. A produção biográfica

---

<sup>2</sup> Essas referências vão ser ao longo do trabalho, melhor explicitadas. Mas Miguel Kroeff (irmão mais velho de Jacob Kroeff) será um personagem que terá muita relevância e seu nome será é recorrente para a cidade de Santa Maria e a retomada da imigração.

recentemente recebeu novo alento, passados os “exageros” das biografias de grandes vultos históricos, sob a influência do pensamento positivista. Houve, mais do que nunca, a reabilitação da biografia histórica, em parte porque se pretendeu dar maior importância ao momento e não propriamente ao homem singular, como se fazia nas coletâneas de pessoas mais proeminentes. Hoje, o biógrafo historiador busca entender a intrínseca relação entre o indivíduo e o seu tempo histórico. Em uma via de duplo fluxo, com maior interatividade, o estudo pormenorizado de um indivíduo leva em conta, atualmente, o momento e redireciona o ambiente externo, o dito entorno ou contexto. Sobre isso, diz Schmidt, cabe a ressalva de que o “*gênero velho*” abarca em muito a visão anterior, aqui genericamente é atribuída a uma parte da produção intelectual da escola “positivista”:

Percebe-se que o retorno da biografia, pelo menos no âmbito da história, não significa simplesmente a retomada de um *gênero velho*, mas está inserido em um processo de profunda transformação das bases teórico-metodológicas da disciplina, com um conseqüente repensar de questões clássicas como: a relação indivíduo/sociedade, as formas narrativas do conhecimento histórico entre outras (SCHMIDT, 2000: 51).

A partir de tal fundamentação, o presente trabalho propõe um estudo biográfico sobre Jacob Kroeff Netto. Em relação à escolha do tema, foi preciso organizar o conhecimento empírico acumulado sobre o personagem. Através de Egon Kroeff, filho de Jacob Kroeff Netto, muitas das histórias foram preservadas e apontavam uma trilha a seguir. Mesmo assim, os relatos registrados não faziam pleno sentido, apresentando lacunas. Egon Kroeff declarou que seu pai nasceu no Rio Grande do Sul, filho de um imigrante alemão; que foi Deputado estadual por 15 anos a fio e que manteve grande amizade com Borges de Medeiros, o *eterno* presidente da Província do Rio Grande do Sul.

Quando indagado sobre as leis propostas pelo Deputado Jacob K. Netto, sobre outras relações políticas e mesmo sobre as suas atividades fora da Política, Egon não acrescentou informações. Com dados fragmentados, muito havia por descobrir: como “investigador-caçador”, buscaram-se os indícios e as evidências. Ginzburg escreve:

O caçador pode ter sido o primeiro a “contar uma história” porque apenas caçadores sabiam como interpretar uma seqüência coerente de eventos a partir de obscuros (e quase imperceptíveis) sinais deixados pela presa.

Essa “decifração” e “leitura” dos traços animais é metafórica. Vale a pena, porém, tentar entendê-las literalmente, como a destilação verbal de um processo histórico que conduz, embora através de um longo lapso de tempo, à invenção da escrita (CARLO GINZBURG apud SEBEOK, 1991: 100).

Escrever sobre o Deputado revelou-se, de início, o procedimento mais viável. A “ilusão” residia no fato de que seria fácil escrever sobre uma figura pública como Jacob Kroeff Netto. Creditaram-se a isso duas vantagens: muito material oficial e documentos correlatos, fruto de participação importante deste último no Governo gaúcho. Partiu-se da premissa de que um vulto histórico alcança destaque na sociedade; considera-se, então, que haveria quantidade abundante de material para estudo. Aqui, estive temeroso da premência de ter que descartar dados; em contrapartida, Mattoso advertia em relação ao perigo de se ter “muita” opinião e pouco material de pesquisa:

A opinião pode ter alguma base, mas é tendencialmente subjetiva, arbitrária e gratuita. Quando um autor invoca o direito de opinar, encerra-se na sua subjetividade e por isso como que esquiva os compromissos daí recorrentes. Ora a História não é de nenhum modo arbitrária. Tem que se construir segundo regras extremamente exigentes. Uma vez adotado um determinado esquema interpretativo, as soluções têm de ser coerentes. Não dependem dos (...) gostos ou preferências. O recurso à opinião só é lícito quando nenhuma evidência permite escolher uma das várias soluções concretas de um determinado problema. Mesmo aqui me parece preferível suspender o juízo (1997: 29).

Certamente, um grande manancial de registros históricos facilita a vida do pesquisador, porque uma “pessoa notória” é comentada, discutida e sobre esta se produz toda uma gama de dados. Nesse sentido, a figura de Kroeff Netto emerge e busca-se saber mais sobre a sua vida, sobre as suas opções e sobre os reflexos das escolhas que fez, considerando-se a grande riqueza que pode ser encontrada na vida de uma pessoa.

Vale referir, agora, que o estudo dos imigrantes e da família Kroeff reduzia-se à vida de “Jacozinho”, meu bisavô. Em face disso, um dos primeiros documentos a ser escrutinado foram as Atas do Poder Legislativo estadual, nos Arquivos da Assembleia, da qual Jacob Netto fez parte por muito tempo.

O que se encontrou foram lacunas e silêncios que prevaleceram sobre poucas anotações e sobre escassos discursos proferidos por Jacob. Os Anais revelaram-se raros, registravam pouco das sessões plenárias e a participação de Kroeff Netto naquela Casa não apresenta qualquer destaque; as discussões eram inertes e nada havia que sugerisse uma participação popular. Quase todos os Deputados faziam parte da mesma agremiação, o PRR (Partido Republicano Rio-Grandense)<sup>3</sup>. As discussões se pautavam por questões menores, o Parlamento parecia neutralizado. Isso conduziu a uma mudança no enfoque da minha análise, porque já não era possível reconhecer em Kroeff Netto o louvado parlamentar. Fazia-se necessário, pois, buscar novas direções não-planejadas.

Dois caminhos desenhavam-se: de um lado, identificar as estratégias desenvolvidas pelos republicanos, em especial, por Júlio de Castilhos e por Borges de Medeiros, além de estudar a oposição, personificada em seu líder Gaspar Silveira Martins. Em outras palavras, obter uma visão da Política estadual. Por outro lado, aprofundar o interesse na “família”, no sentido de rever os ancestrais. Se a opção fosse pela seara política, Kroeff Netto seria apenas mais um “político” a gravitar sob a égide do PRR.

A escolha não foi feita de imediato. Inicialmente, busquei entender o processo que se desenvolvia no Estado, no período posterior a 15 de novembro de 1889, com as sucessivas tentativas contra-revolucionárias. Para tanto, várias obras foram analisadas e aqui se destacam: Sérgio da Costa Franco, *Júlio de Castilhos e sua época*, publicada em 1966; biografias laudatórias ao “patriarca”, como as de Pio de Almeida<sup>4</sup> e de Othelo Rosa. Para o contraponto a essas “antigas biografias”, foi de utilidade a leitura de Décio Freitas em *O homem que inventou a ditadura no Brasil* (1998).

Ao se analisar a Carta Constitucional sul-rio-grandense, infere-se o papel secundário que se atribuía à Assembleia dos Representantes<sup>5</sup>, que se limitava a

---

<sup>3</sup> Isso muda um pouco com a Revolta de 1923, em que o Estado vai ser subdividido em comarcas eleitorais, em que, pelo menos, um representante da “oposição” seria nomeado Deputado. Kroeff Netto vai ser Deputado até 1927.

<sup>4</sup> ALMEIDA, João Pio de. Borges de Medeiros. Porto Alegre: Globo, 1928.

<sup>5</sup> Denominação da época para o atual Parlamento Gaúcho.

votar o orçamento, cujo projeto sequer elaborava, porquanto este era apresentado pelo Presidente, plenipotenciário. A isso se juntavam outras limitações ao parlamento ou imposições legais da constituição “Castilhistas”. Como o mandato imperativo, em virtude do qual podia ser anulado a qualquer momento o mandato dos representantes “pela maioria dos eleitores”. Entendi, aqui, o uso coercitivo que Castilhos fez desta prerrogativa, manipulando o eleitorado para anular mandatos daqueles que se arriscavam a criticá-lo.

Com a Carta de 14 de julho de 1891, o Parlamento fora aniquilado a uma confraria de apoiadores do regime com poder meramente orçamental, que na prática eximia-se inclusive desta prerrogativa. Neste sentido, Rodriguez afirma:

O menosprezo dos castilhistas pelo sistema representativo de governo manifestava-se, também, na legislação eleitoral, que favorecia as fraudes e, conseqüentemente, a manipulação das eleições a favor do sistema estabelecido. A 12 de janeiro de 1897, Castilhos promulgou a lei eleitoral do Estado, na qual estabelecia, indo contra muitas opiniões, o sistema de voto a descoberto<sup>6</sup>, adotado também nos tribunais de júri nos julgamentos penais (...) (RODRÍGUEZ, 1980: 113-114).

As atividades da Assembleia, além dessa redução drástica de poder, eram, em média, de três a quatro meses ao ano (outubro a janeiro), sem esquecer o recesso de fim de ano ou os atrasos na abertura dos trabalhos. Somam-se a isso a falta de *quorum* e o desinteresse dos parlamentares que preferiam cuidar de seus afazeres particulares. Especificamente, verifica-se que Jacozinho faltou muito às sessões; por outro lado, a impossibilidade de promover alterações legais está expressa também na ausência de propostas assinadas por Kroeff Netto, como de qualquer outro parlamentar.

Mesmo sendo apaixonante, a Política me levava a tomar distância da família que, definitivamente, ia-se impondo cada vez mais como o objeto da minha pesquisa. Articulando um personagem e um contexto político pouco favorável,

---

<sup>6</sup> Com essa nova Lei, diante do Juiz Eleitoral (mesário), o eleitor proferia verbalmente o seu voto. Não só assim deixando óbvio se era opositor ou situacionista, mas era formalmente constrangido a se expor. Outro dado interessante era que o mesário em muitos dos casos acumulava outras funções públicas, por exemplo, a de Juiz, Policial ou Cobrador de Impostos. Já, os postos de votação eram priorizados em escolas e igrejas, porém não era raro que fossem na casa do mesário, que anotava os resultados da “sua” secção e os enviava à Assembleia dos Representantes onde seriam totalizados.

acredito que o jovem Bacharel Jacob Netto pouco podia ou não desejava muito se empenhar no papel de representante popular, em um Parlamento que mais parecia um Conselho. Difícil era continuar uma pesquisa sobre um parlamentar ausente e escrever sobre uma Assembleia que não era do povo — isso, para mim, perdia o sentido. Cabe recordar que existem muitos estudos recentes sobre a Política de Castilhos/Borges, analisando a eterna dicotomia entre os governistas e os seus opositores, em um Estado dividido quase ao meio. Diga-se de passagem, tal dicotomia apresenta-se na própria Historiografia “apaixonada” do período.

Sem sombra de dúvida, eu me desviaria de meu propósito, se cedesse mais espaço à política partidária — deseja-se entender, pois, a dinâmica da família Kroeff. É necessário ressaltar que a pesquisa sobre Kroeff Netto ganhou fôlego com o aporte em Hégio Trindade, *Poder Legislativo e autoritarismo no Rio Grande do Sul 1891-1937*. Nesta obra encontra-se a informação de que Kroeff Netto teria exercido a função de representante estadual, especialmente para cuidar dos interesses da “colônia alemã” de São Leopoldo. O referido autor ia mais além, ao informar que o pai de Jacozinho, Jacob Kroeff Filho, foi igualmente representante da comunidade teuto-gaúcha<sup>7</sup>, algo que desconhecia. Meu avô, Egon Kroeff, omitira essa informação, tal dado parecia ser de grande importância para o futuro da dissertação.

Ao centralizar suas memórias apenas e seu pai (Kroeff Netto), o silêncio de Egon parecia agora eloquente, retumbava alto e forte. Aquela preciosa informação encontrada ao acaso na relação de ex-deputados daria um novo rumo à pesquisa.

Como nas obras de arte, detalhes mais descuidados ao olhar cotidiano podem esconder ou revelar informações preciosas, que, mesmo diante dos olhos, são negligenciadas. Assim comenta Carlo Ginzburg em torno do “método Morelli”, que buscava provar a autenticidade ou não de uma obra de arte; ainda, o historiador italiano sugere a busca de subsídios nos pequenos detalhes. E o indício aqui a perseguir era o fato de Kroeff Filho ter sido um Deputado.

Os comentários de Egon Kroeff sobre o seu pai (Jacozinho) eram recorrentes, inseridos no cotidiano comum, de pai e filho. Contudo, Egon, em suas falas não

---

<sup>7</sup> A extensiva relação dos representantes estaduais e as suas respectivas legislaturas encontram-se em Trindade (1980: 293).

dava a mesma atenção aos outros membros da família, em especial ao seu avô (Kroeff Filho) que parecia ter tido uma participação destacada, inclusive no âmbito da política regional, algo que num primeiro momento estaria restrito a Jacozinho que, em contrapartida, tinha menor “veia” empresarial.

O até então ponto central, Jacob Kroeff Netto, começava, timidamente, a dividir as minhas atenções com o outro Jacob, o Kroeff Filho. De maneira embrionária começava-se a desenvolver um projeto na esfera da História da Família: estudar apenas o Deputado Kroeff Netto, isso estava a cada dia mais distante. Como se sabe, a Política envolve paixões e posições, discursos e opiniões. Dos Anais percebia-se que Kroeff Netto funcionara mais como uma força de *sustentação* do que de *ação* — o Parlamento, de fato, contava pouco.

É importante referir que a História da Família é vertente que vem crescendo de importância ao longo dos últimos anos, visto que possibilita um estudo mais amplo, sobre um ou sobre vários indivíduos de determinado grupo. Entender Kroeff Netto é repensar a sua relação com o pai, com a mãe e com os irmãos. A respeito disso, Ellen Woortmann utiliza uma expressão em alemão (Stammhäuser)<sup>8</sup>:

Em uma polifonia dominou a voz de quem queria os ouvir como sujeitos e objetos. Em sentido esse, como eu encontrei mais tarde, eles conversaram com pedigrees sabedoria popular, cartas e declarações com estatísticas, abriga o túmulo com (nomeadamente, casas com log Stammhaus). Tão importante como foram os registros notariais e de poemas. A fala privada conversando com memória público subjetivo e até mesmo a história oficial (...) (WOORTMANN em BERJ (org.), 2004: 105).<sup>9</sup>

O próximo passo foi *reconstruir* a vida de Kroeff Filho, a partir de pouquíssimos dados que não haviam desaparecido. Os mesmos parentes que lembravam histórias de Kroeff Netto não podiam “opinar” sobre os mesmos aspectos na vida de Kroeff

---

<sup>8</sup> “Casa tronco”, ou seja, a grande família, que conta com avós, pais e filhos.

<sup>9</sup> O texto original se encontra em espanhol: ...una polifonia em la que predominase la voz de aquellos que quería oír como sujetos y como objetos. Em esse sentido, como comprobé mas tarde, lãs genealogias dialogaban com los saberes populares; las cartas y declaraciones com las estadísticas; las tumbas com las casas (de manera notable, com las casas troncos Stammhäuser). Tan importantes como los registros notariales eram las conciones y las poesias. El discurso privado dialogaba com el público; La memoria subjetiva —e incluso subterránea com la historia oficial (WOORTMANN em BERJ, 2004: 105).

Filho. Por ser uma pessoa mais velha, muitas das Histórias de Kroeff Filho se perderam com o seu falecimento, ou daqueles que conviveram com ele com maior intensidade. Uma ou outra informação eventualmente era pinçada — assim, disseram que este Kroeff foi rico e poderoso, mas que jogaram fora a sua fortuna, auxiliando, para tanto, o próprio Jacozinho.

Era preciso continuar a busca em outro território, fora do ambiente familiar. Retornou-se aos Anais da Assembleia, visando agora ao Jacob mais velho, do qual apenas se encontraram breves passagens sobre a sua participação na vida política naquela Casa Legislativa.

A pobreza de dados sobre o assunto nos Anais persiste: havia poucas informações e a certeza de uma atuação secundária — Kroeff Filho apresentava pouca atividade no Parlamento. Assumiu uma cadeira em 1892, pouco antes da Revolução Federalista, quando o Parlamento entrou em “recesso” de fato e de direito, em consequência da violência que se generalizou na província do Rio Grande.

Ao mesmo tempo em que eram frustrantes os dados nos Arquivos da Assembleia Estadual, por casualidade, fui à cidade de Novo Hamburgo, para lá fazer uma pesquisa de campo. Devido ao tamanho reduzido da cidade em relação à capital gaúcha, aproveitei para pesquisar o cemitério de Hamburgo Velho, onde foram enterrados muitos membros da família Kroeff, inclusive Jacob Filho. O cemitério é, de fato, um local rico para a pesquisa, porque se pode deter por mais tempo ao escrutínio dos dados, em especial à lápide de Jacob Filho. Parece que aqui surgiu uma nova trilha, desvelando a presa, para o caçador anteriormente citado. Não era possível ignorar a imponente sepultura para começar a estabelecer a relação direta entre o seu custo presumível e a condição econômica do falecido — aqui, começa-se a acreditar na sua famosa fortuna. Sobre isso, até então pouco sabia, ouviu-se contar: quando criança, Egon Kroeff andava a cavalo na ampla propriedade dos Kroeff, não muito distante dali. A lápide traz ainda hoje um texto em alemão, uma apologia ao defunto, cujo nome está precedido por sua patente militar abreviada: *Cel.* (Coronel). A descoberta representava o lampejo que atçou fogo na palha seca. Da lápide colhiam-se novas informações e era frágil o embasamento para compreendê-las. Na família não houve quem pudesse justificar a patente

militar, quem pudesse explicar a razão para tão imponente mausoléu ou mesmo quem explicasse sobre a situação econômica do morto, uma quantificação mais precisa. Mais dados eram necessários para que houvesse alguma coerência na narrativa da vida de Jacob Filho.

Novamente, Egon Kroeff assentia que Jacozinho (Kroeff Netto) possuía igualmente a patente de Coronel; vez ou outra, algum conhecido se referia a seu progenitor como “Coronel Jacozinho”. E, quanto à vida militar, o máximo que se sabia era ter sido reservista do *Tiro de Guerra*, pois entrei em contato com seu o atestado militar. Kroeff Netto havia cursado uma faculdade, era estudante “civil” e sempre preferiu que lhe chamassem pelo título de “Doutor”, com que assinava cartas e documentos. Sobre a Guarda Nacional, era o Exército de *segunda linha*, foi de grande valia a historiadora Janice Castro (1979) para o entendimento da chamada *Guarda Cidadã*. Assim,

a descentralização decorrente do Ato Adicional ocasionou a submissão da Guarda Nacional aos governos regionais, ligando-os intimamente aos interesses da política local. As deficiências do complexo eleitoral do Império à República estão associadas à Guarda Nacional, como instrumento de pressão governamental nos pleitos regionais (CASTRO, 1979: 215-16).

Tudo leva a crer que Jacob Kroeff Filho fosse de fato um colaborador político e que o posto militar fosse distinção e honraria, uma maneira de garantir-lhe poder em troca da aliança com o Governo, a quem fornecia homens e armas. Vale registrar que as patentes militares eram distribuídas pelas autoridades estaduais e chanceladas pelas federais, o que explica um segundo indício de caráter militar.

Cabe frisar, também, que o termo *Coronel* preserva, ainda hoje, um resíduo de grande poder no imaginário popular — a palavra quer dizer muito ainda na atualidade. A Guarda Nacional fora oficialmente extinguida em 1918: mas mesmo passados tantos anos, tenta-se compreender o significado e a importância deste posto militar, que foi ocupado pelos tantos Kroeff — o Filho, o Netto e Nicolao. Busca-se, também, compreender porque alcançaram tal patente militar.

Fez-se necessário, ainda, uma nova guinada nas leituras e parecia que a síntese tomava forma. Não se tratava mais de limitar o estudo à biografia de Jacozinho, o Kroeff Netto. Em uma História da Família, há a necessidade de se

incluir o seu pai (Jacob Kroeff) e o seu irmão (Nicolao Kroeff), e passar o olhar sobre os outros membros da família que se tornam, pouco a pouco, importantes na trama. A velha biografia “unitária” perde a força à medida que emergem novos “personagens”. De fato, cada vez mais o estudo concentra-se na família.

O estudo da família vem crescendo nos últimos anos, em modalidade que pode responder a muitas perguntas de maneira coletiva, sobre um grupo sanguíneo homogêneo, embora haja destaque neste ou naquele indivíduo, de determinada geração ou gênero. Tal modalidade propõe ainda espaço para incursões paralelas, como comparar uns a outros personagens, por exemplo, Jacozinho com a figura do pai ou com a do irmão. Essa percepção mais ampla do núcleo familiar é reforçada no estudo do *coronelismo*, fenômeno nacional com matizes regionais. Com o reconhecimento da importância dessa temática, procuram-se subsídios em *Coronelismo, enxada e voto*, de Victor Nunes Leal (1949). Nessa extensa obra, o caráter coletivo do poder fica bastante evidente. O Coronel é o “ápice” do poder, mas a sua família concorre favoravelmente à sua figura que, isolada, perde a força. Além dos conchavos com o poder político central, as famílias, representadas por seus diversos membros, fazem bem mais do que reforçar o fenômeno e participar do processo político. Ela dá suporte logístico, é um corpo abrangente que, muitas vezes, blinda o chefe e reforça o *status* do dito *mandão*.

Somadas ao livro de Leal, mais duas obras específicas sobre coronelismo, moldam esta pesquisa: *Coronelismo e oligarquias* (1889-1943), de Eul-Soo Pang (1978), que pode ser considerado uma *releitura* da obra de Leal, com vários acréscimos, pois retrocede cronologicamente no uso do termo Coronel, que já era utilizado no Brasil Colônia, logo anterior ao seu uso mais frequente com a criação da Guarda Nacional. E avança ainda mais na família, em detrimento da figura central do Coronel, abrindo espaço para outros agentes de sustentação. Pang escreve:

‘Oligarquia’ é definida neste trabalho tanto como um sistema de domínio público por uma ou mais pessoas, representando um clã ou grupo consanguíneo ou não mantido unido por metas econômicas comuns, interesses políticos e crenças ideológicas e religiosas, ou pelo desejo coletivo de glorificação de um líder carismático, tudo para promover o bem comum (PANG, 1978:7).

Outra importante publicação, a segunda que se destaca, lança um olhar específico sobre as pessoas da família, consanguíneas ou não, que gravitam em volta do Coronel: *Coronelismo em Goiás: estudo de casos e família*, organizada por Chaul (1998).

Pode-se afirmar, assim, que nas duas últimas obras ganha destaque o “entorno”, ou seja, as figuras atreladas ao poder do Coronel. A família é o ponto de partida para se compreender as relações de poder no Estado do Planalto Central do Brasil. Nessa coletânea há espaço, inclusive, para a discussão de gênero e para a participação feminina no processo. Mães, tias e filhas têm importante papel a ser desempenhado no fortalecimento do poder do Coronel.

O que se propõe a realizar nas páginas que seguem, portanto, é um estudo familiar biográfico, com destaque às questões relacionadas ao poder. Traça-se o percurso da família de Jacob Kroeff Filho, desde a partida do Velho Continente até a sua inserção social no território gaúcho. Receberão destaque os “patriarcas” de cada geração, Jacob Kroeff, na Alemanha, seu filho e o neto no Brasil; incluídos nessa História estarão parentes, agregados, enfim, o grande grupo familiar. Contudo, devem ser feitas duas ressalvas sobre este estudo. Sempre há um caráter mais pessoal na realização intelectual, um *tom*<sup>10</sup> — conceito singelo — que qualifica ou que denota as diversas opções tomadas na realização de uma dissertação. Isso porque, ao reescrever a “saga” familiar, inclusive com o auxílio de entrevistas dos membros mais antigos que conviveram ou que preservaram histórias dos entes já falecidos, o relato, o testemunho oral, se impregnam de forte apelo emocional. É, pois, uma expressão da individualidade, das concessões que “somos obrigados” a respeitar, fruto da elaboração e da maturação, ao longo dos anos, das pessoas por mim ouvidas.

Merece destaque a reflexão sobre uma das principais características das Ciências Humanas, como é o caso da História, que é a impossibilidade de averiguação ou mecanismo autônomo de reprodutibilidade. Lida-se com percepções e com interpretações dependentes dos sentidos. Neste aspecto, assinala Leite:

---

<sup>10</sup> A palavra *tom*, conceito que diz respeito ao modo como um autor produz a sua obra, foi em grande medida discutida nas aulas da Professora Doutora Margareth Bakos. Ao longo do semestre se utilizou a obra *Escrita de si, escrita da História* (GOMES, 2000).

Evidentemente, nas ciências humanas não se pode esperar uma teoria tão rigorosa – ou tão rigorosamente verificável – quanto às encontradas nas ciências naturais. Mas isso não significa que, ao estudar o homem, possamos deixar de buscar a objetividade e a racionalidade (LEITE, 1983: 301).

Por fim, outro aspecto que será destacado na temática da família, além da tradicional visão econômica sobre o trabalho dos seus membros, é a formação intelectual destes, pois a Família Kroeff, em sintonia com as lições e com as obrigações com o Estado prussiano de onde vieram, vai dar relevância à educação. Em outras palavras, o problema formulado a nortear a presente pesquisa foi a família Kroeff e seus múltiplos aspectos. É importante dizer, também, que a pesquisa se desenvolveu nas bibliotecas da PUCRS, Unisinos; nos Arquivos das cidades de São Leopoldo e de Novo Hamburgo e nos Arquivos estaduais (AHRs; APRs), localizados em Porto Alegre, sem esquecer os Colégios, as Escolas e as Faculdades por onde passaram os protagonistas e seus parentes aqui retratados. A dissertação organiza-se em capítulos, com um estudo individualizado, sempre que possível, de Jacob Kroeff, Jacob Kroeff Filho e Jacob Kroeff Netto.

Com todas essas ideias no ar — imigração, família Kroeff e o estado do Rio Grande do Sul —, espero realizar uma obra interessante e reveladora, dando condições para se conhecer mais sobre essa gente, *sua* Hamburger-Berg. Que, a cada página, os Kroeff se tornem mais indivíduos e menos massa, ao se relatar os efeitos da migração dessa gente ao sul do Brasil.

## 1 ANTECEDENTES

### 1.1 Palatinado e a Grande Família Kroeff

O rio Reno é um corte natural que divide a atual França da Alemanha; nessa região se localiza do lado leste a cidade de Merl<sup>11</sup>, berço dos Kroeff. Mesmo com o generoso rio, com o clima agradável e uma razoável situação financeira, esses merlenses optam por uma arriscada aventura no novo Mundo.

Falar de imigração na Família Kroeff significa mencionar a sua situação por volta da década de 1840. A Grande Família compreendia o casal Michael e Anne Kroeff, donos de um modesto estabelecimento comercial, que sustentava uma numerosa quantidade de pessoas — o termo **grande** se justifica pelos filhos casados e já pais. Todos vivem mais ou menos sob o mesmo teto e trabalham em prol do comércio familiar.

Do outro lado do Atlântico, a “despovoada” América era todo um continente a ser descoberto, contraponto de grandes vazios “*desocupados*”, ao contrário da Europa, dividida a palmas. O novo Continente estava cheio de oportunidades para os tipos médios (pessoas com alguma instrução), como os Kroeff. Por serem pessoas do campo, com habilidades específicas — plantadores de uvas, açougueiros, etc., — as cidades não ofereciam muitas opções, pois a industrialização era *novidade*.

---

<sup>11</sup> A cidade de Merl, na atualidade, está ligada à municipalidade de Zell.

Com sua imensidão, a América era de fato muitas “Américas”, os alemães de modo geral rumavam para o norte: a outra América era um ímã mais poderoso, mais perto, mais parecido culturalmente e com o clima mais frio — cópia fiel, de uma paisagem comum e protestante. Em um ritmo frenético, era o caminho mais natural, criando certo “refluxo”, impulsionando cada vez mais gente a seguir esse mesmo rumo — assim, era praxe se ir para a América não-ibérica. Mas algumas coisas estavam por dar novo rumo à América do Sul, certamente a pacificação da Província gaúcha só contribuiu para a decisão de Michael que trouxe a reboque o irmão menor Lourenço. Essa era a realidade desse núcleo familiar que vivia sob a égide de Michael (pai) e de seu comércio. Em um esforço de imaginação, não sobrou um relato da “janta” familiar em que as coisas foram decididas, no que se refere ao desejo de imigrar e para aonde ir. Contudo, o falecimento do “Michael Sênior”, em 1844, deve ter ajudado muito na tomada de decisão de Michael (filho), o mais velho, que decide migrar. Lá ficaram no Palatinado<sup>12</sup>, a sua mãe, o irmão Jacob e o restante da família, filhos sobrinhos, cunhadas.

Cabe ressaltar que a região do Mosela, onde viviam os Kroeff, é uma zona pobre, sem grandes empreendimentos comerciais; em contrapartida, os Kroeff não eram necessariamente gente miserável. Sobre essa região há o relato de Pimpão:

A maior parcela veio da região de Hunsrück, parte sudoeste do maciço renano, entre os rios Saar, Mosela, Reno e Nahe. Uma região belíssima, situada mais ou menos dentro do quadrilátero formado pelas cidades de Trier (Trévis), a mais antiga cidade alemã e outrora capital do setor ocidental do Império Romano, Koblenz (Coblença), Bingen e Saarbrücken. As fisionomias e os nomes de família que se vê na região sul do Brasil. É interessante aqui o fato de que no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina fala-se ainda o velho dialeto de Hunsrück. Um dialeto que hoje muito poucos entendem em seu lugar de origem. Hunsrück permanece sendo uma das regiões mais pobres da Alemanha. Panorama maravilhoso, as atividades se concentrando mais na agricultura, seu ar é puro e salutar, o que não basta para prender o homem. Sendo economicamente fraca, trata-se de uma região de muita migração (PIMPÃO, 1974:12).

---

<sup>12</sup> A macrorregião administrativa, que tinha sido incorporado ao reino prussiano por volta de 1792.

O retrato acima apresenta índices gerais que ajudam a compreender o desejo de se buscar uma realidade mais tranquila. Uma segunda opinião sobre essa área colada à França, porém um pouco divergente, é dada por Marcos Konder:

Por outro lado, ao fato de existirem na Alemanha camponeses das zonas de Mosel, Hunsrück e Eifel, regiões conhecidas pelas suas necessidades ou calamidades – Notstandsgebiet – onde o lavrador, servo da gleba, vivendo num clima áspero e frio e de terras menos dadas, era impelido a emigrar, e com satisfação aceitava a proposta, nem sempre sincera, do agente oficial do Brasil (KONDER, 1981: 9).

Parece, contudo, que essa parte da Europa apresenta um clima mais ameno, se comparado ao norte, o que propicia o cultivo de parreirais, ajudado ainda pela topografia acidentada, com montanhas e picos. A região, uma das maiores produtoras de vinho na Alemanha<sup>13</sup>, tem na viticultura sua maior fonte de renda:

Miguel Friederich era um apaixonado pela viti-vinicultura e possuía uma boa adega com vinhos especiais da sua terra natal, Merl. Aliás, vários “merlenses” havia em Pôrto Alegre e todos eles consagrados ao comércio e à indústria e bem assim... à distribuição dos vinhos de Merl sobre o Mosela. Eram distribuidores destes vinhos, Mathias José Bins (pai de Alberto Bins), e Jacob Kroeff Sênior, em Hamburgo Velho. Distribuía-los, como importadores que eram para todo o Rio Grande do Sul. Mas alguns particulares, como Friederich<sup>14</sup>, Sehl, Kalfelz, Griebeler, Schmitt, Thiesen e outros, quase todos, grandes comerciantes em Pôrto Alegre, São Leopoldo, Hamburgo – Nôvo e Velho, igualmente o propagavam e vendiam, incentivando ao mesmo tempo o cultivo de uvas de qualidade (SPALDING, 1969: 274-275 [tomo I]).

Outro que destaca a importância do vinho é Rambo:

O certo é que já os primeiros povoadores alemães, muitos dos quais procedentes do Reno e da Mosela, dedicaram-se à plantação de videiras (RAMBO, 1999: 220).

Mesmo enraizada no âmago de grande parcela dos imigrantes, essa tradição germânica foi *perdida* em parte com a industrialização. Se os Kroeff eram ou não

<sup>13</sup> Os vinhos brancos, do Mosela, constituem ainda nos dias atuais a zona de maior produção entre as várias regiões vitícolas na Alemanha.

<sup>14</sup> Sobre Jacob Alois Friedrich, ver o livro de Silva (2006), que aborda a vida desse homem dos vinhos, das esculturas e da ginástica. Um segundo papel desempenhado foi o de liderança teuto-gaúcha: foi Presidente da Sogipa, mantendo, deste modo, o aspecto de germanidade no quarto distrito de Porto Alegre.

produtores de vinho não há evidência que comprove essa produção vinícola da família. Mario Kroeff (Kroeff, 1977, 114) indica o nome Kröver em um rótulo, mas isso é apenas uma das variações do nome Kröv, região que provavelmente deu origem ao nome Kroeff, Kröf, Cköv, em uma infinidade de grafias, que em nada nos remete à Família Kroeff propriamente dita. Serve mais como uma referência do que poderia ter sido<sup>15</sup>. Assim, tudo leva a crer que o envolvimento dos Kroeff era apenas na distribuição, pois o açougueiro Jacob tinha um “bolicho” — para fazer uso de uma expressão local —, casa comercial que vendia de tudo, em especial, carne.

Nada os impedia, entretanto, de terem uma pequena propriedade rural com um parreiral para satisfazer um consumo privado ou revender as bagas. A Grande Família Kroeff crescia em um ritmo mais acelerado do que podia comportar o seu estabelecimento comercial, que já não dava conta de tantas bocas. Nisso reside a mais plausível hipótese — ou o mote principal da emigração — mas estavam longe da fome e da miséria — diferentemente e muitos dos seus conterrâneos:

Em regiões onde a densidade demográfica já havia atingido a um ponto que naquela época se afigurava como máximo, uma situação realmente angustiante agia no sentido de criar uma verdadeira tradição emigratória. Nas regiões do sul e sudoeste da Alemanha, “depois de cada má colheita, principalmente na Badênia e no Palatino, a fome forçava milhares de alemães a emigrarem tornando-os uma presa fácil de agentes estrangeiros”. Independentemente desses fatos intermitentes, os sítios eram de tal maneira retalhados que mesmo em épocas boas não comportavam mais o número de pessoas que neles procuravam manter-se. Para se fazer uma ideia do grau de divisão da propriedade, basta dizer que, por vezes, o dote concedido à filha casadeira era constituído por uma única árvore frutífera (WILLEMS, 1980: 33).

Perseguições religiosas e culturais parecem também não fazer parte do seu dia-a-dia — eles não emigraram por pressão direta de alguém. Muito menos por problemas religiosos: eram católicos já na Alemanha, vizinhos de Trier, antiguíssima cidade-bispado e emanadora da fé romana. Vale comentar também que o nome Kroeff, provavelmente, seja uma corruptela do município de Cröv, que conta

---

<sup>15</sup> Anos mais tarde, na década de 1970, Plínio Kroeff (filho mais velho de J. K. Netto) e sua esposa Laura Rizzo Kroeff — que muito colaborou para esta pesquisa — viajaram para Merl, em busca de alguma reminiscência: voltaram com as mãos cheias de vinho branco, mas de outras famílias, é claro.

atualmente com 2500 habitantes e que compreende uma área total de 1475 ha, 800 dos quais são vinhedos e 380 são floresta. A terra de onde os Kroeff herdariam o seu nome tem dimensão mais diminuta do que a Fazenda Paquete, que será citada futuramente.

Assim, Michael (o filho mais velho) e Karl Lourenz (o terceiro), decidem migrar para o extremo sul do Brasil.

Aos 15 de julho zarpei de Antuérpia com o belo veleiro de três mastros César, capitão Richter para trocar minha pátria por uma nova no outro lado do oceano (HÖRMEYER, 1986: 123).



Figura 1: Região do Rio Mosela  
Fonte: Trossen, 2010.



Figura 2: Vista panorâmica da cidade de Kröv.  
Fonte: Wikipédia, 2010.

Passada a década “perdida”, quando a guerra civil, comumente chamada de Revolução Farroupilha (1844-1845), retomam-se os antigos anseios monárquicos de atrair gente para se estabelecer na “fronteira” austral Brasileira.

A derrotada elite local, passadas as pugnas, tinha, agora, menos força e meios para se opor ao projeto de colonização federal — mas ainda era unida e se fazia presente:

A estância, entretanto, não tinha por que temer a concorrência da pequena propriedade, que se consolida a partir da chegada do contingente imigratório alemão. Constitui-se quase uma indústria extrativa, a estância, além de grandes extensões de campo, exigia relativamente pouco capital, e um número bastante pequeno de mão-de-obra, comparada com o que exigiam as fazendas de café. O imigrante, portanto, também não era visto como substituição da mão-de-obra escrava (LANDO, 1981: 54).

1846		1846			
N.	N.	Nome	Idade	Ofício	País
91	107	João Eldoff	55	Capitão	Prússia
92	108	Johes	31		
93	109	Miguel Kroeff	18	Artesão	Prússia
94	110	Lourenço Kroeff	14		
95	111	Mauritius Kroeff	18		Prússia
96	112	Paul Kroeff	15	Artesão	Prússia
97	113	Barbara Kroeff	15	Artesão	Prússia
98	114	Antônio Kroeff	15	Artesão	Prússia
99	115	Walt Kroeff	15	Artesão	Prússia

Figura 3: Chegada no Brasil dos Primeiros Kroeff: Miguel e Lourenço – 15/11/1846.  
Fonte: AHRN: Livro C-333

Quis o destino dos Kroeff, contudo, que optassem pelo Reino do Brasil. Como isso ocorreu não fica claro: uma conversa ao pé do ouvido; a perda de um navio<sup>16</sup>; a troca, até mesmo de um deles; o porquê ou os porquês específicos ficaram perdidos por aí<sup>17</sup>. Uma força que os ajudou a “desviá-los” do caminho habitual, ou seja, a América do Norte, sem dúvida foi a pacificação da Província Gaúcha. Caso tivessem resolvido virem antes, a década perdida acima referida provavelmente os impediria. No Palatinado, região original dos Kroeff, o agente responsável se encontrava na cidade de Mannheim. Segundo Abrantes (1926: 6), é legítimo afirmar que Miguel/Lourenço estiveram nessa localidade, diante do agente que os convenceu da validade da migração, para formalizar a sua partida; que, friso mais uma vez, contou com a morte do pai, meses antes, o que sem dúvida ajudou na decisão de ambos. Ao longo da pesquisa houve tentativas frustradas de se achar referências sobre alguma propaganda/panfleto ou sobre algum contato que poderia pontuar uma data específica para a tomada de decisão ou da influência direta do agente brasileiro.

<sup>16</sup> Na versão utilizada por Dreyer (2004), a partir dos manuscritos de Joseph Lutzenberger, há uma historietta que os irmãos Kroeff chegaram ao Porto de Bremen muito cedo e resolveram tomar uns “tragos” no Porto. Conversa vai, copo vem, acabaram perdendo o navio que pretendiam pegar rumo aos Estados Unidos — o próximo barco a zarpar iria para a América do Sul. Ao que parece, essa versão da perda do navio é mais folclore do que evento real.

<sup>17</sup> Houve tentativas de contato com os Kroeff de Santa Maria, morada de Miguel, que, infelizmente, não lograram êxito.

Os destinos eram muitos e as opiniões, numerosas: tomada a decisão de migrarem, os irmãos Kroeff tiveram que obedecer à legislação específica do seu reinado (Prússia). Era, pois, uma forma de a comunidade se assegurar que “malandros” devedores ou que outros cidadãos à margem da lei não sumissem antes de honrar as suas dívidas ou pendengas com a prefeitura local. Algumas últimas obrigações se faziam, ainda, necessárias. Se, para viajar entre os reinos germânicos era obrigatória a permissão, para migrar, a exigência era maior. Assim, era preciso pedir um “salvo-conduto” na *prefeitura*<sup>18</sup>, um atestado de bons antecedentes, ou seja, que os cidadãos não deviam impostos, que não apresentavam alguma querela jurídica e que voluntariamente abdicariam da sua “cidadania”. Aqui é preciso enfatizar o caráter localista de cada reinado. A Alemanha era, como se sabe, uma colcha de retalhos e de leis nem sempre unificadas. Contudo, a legislação prussiana, que a cada dia se tornava mais hegemônica, deve ser tida como um modelo genérico para as demais unidades alemãs. Sobre a sua chegada ao Brasil, Miguel se impressiona com o calor:

Nossa viagem decorreu muito feliz e, sem sofrer um temporal, chegamos após uma viagem de 45 dias, em 1º de setembro de 1846, ao Rio de Janeiro, a capital do Brasil. (...). Contudo, eu não aconselharia a nenhum cidadão alemão a fixar nela sua moradia permanente, por ser o calor do verão insuportável e grassar a febre amarela que ceifou muita gente (HÖRMEYER, 1986: 124).

Vale dizer que a Coroa brasileira tentava ampliar os atrativos aos prováveis imigrantes, e justificar, desta maneira, o envio de novos súditos às nossas pradarias. Terras, promessas de grande fertilidade, já eram vaticinadas ainda no tempo de Cabral, mas a situação na Europa também afugentava os “pequenos” a seguirem para rumos mais férteis e tranquilos. O Rio Grande do Sul, em especial a região do Vale do Rio dos Sinos, era, em parte, uma reprodução do Palatinado — os Kroeff, no entanto, mal sabiam disso ao imigrar. Se a Guerra era uma constante na zona fronteiriça, que bem caracteriza ao Rio Grande do Sul, no Velho Continente, a situação não inspirava sossego. O Mosela era uma área permanente de conflitos bélicos, ora invadida pela França ora esta última era vitimada por incursões

---

<sup>18</sup> O termo é inadequado; na verdade, é apenas uma sugestão de um órgão ou de uma central burocrática para prover as licenças e para dar baixa nos papéis.

germânicas. Essa belicosa convivência entre *vizinhos fraternos* se reproduzia por aqui: o Rio Grande do Sul era invadido igualmente pelos latinos. E a linha fronteira tinha que ser reescrita constantemente.

O rio, que separa a Alemanha e a França atuais, era um traçado natural de diferenciação que, porém, não se fazia respeitar. Essa zona fronteira apresentava desafios antigos, fato de constantes reclamações. Onde o conflito bélico é generalizado, a economia acomoda-se; entretanto, sob a influência direta e constante dessas agitações, a economia não progride, ficando estagnada. Vencer era, pois, indicativo de bonança; perder era prejuízo e dificuldade na certa. Nessa realidade em que a possibilidade de ser convocado ou de perda dos filhos homens para exercícios bélicos era um fato comum e acontecia com certa frequência, esse sim era mais um estímulo para o abandono da região. Mesmo com águas generosas e com o clima agradável, a situação financeira e a possibilidade de novos enfrentamentos devem ter sido forte motivação para a nova possibilidade que se abria: a emigração. Ao menos se dava cada vez mais ouvidos ao fenômeno da mudança de país que, pouco a pouco, soava mais doce. Sobre a lufada emigratória, a Literatura traz um exemplo:

Wilhem Heinrich Riehl escreveu, já em 1857, sobre os emigrantes do Palatino, região que forneceu importante contingente de habitantes para o Brasil, em sua obra *Die Pfälzer (Os Palatinos)*, que eles 'sonhavam com a América como o turco sonha com o paraíso' (BÜHLER, 2001: 69).

Não somente por ser vanguardista na sua iniciativa de imigrar, Miguel teve atitudes e realizações que aqui merecem uma atenção especial. Migrar era uma opção em voga na época: muito se falava sobre o Novo Mundo, das infinitas possibilidades de ascensão social e econômica. A vida era, com efeito, difícil na Europa, uma sociedade que almejava entrar em um novo capitalismo.

Promessas de riqueza, de trabalho e até de vida mansa eram a mola mestra nesse desejo de ocupar o solo "virgem", de fazer a América. Um exemplo disso é que o preço do frete, para as famílias, era menos oneroso, porque vinha da América nortista: tabaco, algodão e outros gêneros agrícolas, barateando o frete da volta, onde embarcavam os alemães beneficiados com a passagem mais em conta. Muitos deram ouvidos a isso e rumavam para fora da Europa. Com uma tarifa menos

dispendiosa, em virtude da distância e do comércio mais intenso, migrar com poucos recursos ficava mais fácil para os EUA que, além da agricultura, já contava com grandes cidades em que o comércio oferecia novos empregos.

Cabe destacar também que, em um dado momento, a burocracia dos Estados alemães se viu compelida a se manifestar frente à grande evasão de seus súditos de suas capitais em geral. Com um controle mais acirrado, migrar passou a responder a uma série de questões, de obrigações de um futuro emigrante perante o seu Reino de origem. Como atesta Abrantes, o número de pessoas que tendia a migrar era enorme:

Calcula-se que de 1824 á 44 tem annualmente emigrado da Allemanha 40.000 individuos, levando consigo obra de 35 milhoes de florins em dinheiro e bagagens : assim que tem perdido o Paiz, nos últimos 20 annos, 800.000 habitantes validos, e perto de 700 milhoes de capitães. (...) Antes do estabelecimento do Zollverein mal havia quem apreciase essa perda annual de braços, e valores ; porem logo a União das Alfandegas, creando um interesse commum á toda Confederação Germanica, provocou a discussão de questoens de commercio, industria e economia Nacional, não faltou quem ousasse chamar a attenção publica sobre tão grava assumpto (ABRANTES, 1926: 8-9).

Esse dado é de extrema relevância — emigrar, sem sombra de dúvida, passou a ter novos ritos. Os reinos alemães, receosos de perderem homens jovens em idade e em condições tanto para o trabalho mais pesado quanto para as lides militares, começaram a recuar e a impor novas sanções para a emigração. Os Kroeff, de modo geral, vão partir concomitantemente às novas recomendações. Um capítulo à parte nessa tomada de consciência foi que as autoridades germânicas começaram a sentir falta dos recursos tanto humanos quanto monetários, pois cada família levava consigo uma pequena poupança. E havia um segundo porém, diziam: nem tudo era o que mostravam as propagandas dos agente de imigração. Certamente, os relatos de Thomaz Davatz, contratado para ser um agricultor nos cafezais em São Paulo, dão mostras de certas contradições. Ele encontrou uma realidade muito mais severa, que pouco reproduzia as promessas de uma vida confortável, alardeada pelos agentes e pela sua propaganda:

Lindas descrições, relatos atraentes dos países que a imaginação entreviu; quadros pintados de modo parcial e inexato, em que a realidade é por vèzes deliberadamente falseada, cartas ou informes sedutores e fascinantes de amigos, de parentes; a eficácia de tantos prospectos de propaganda e

também, sobretudo, a atividade infatigável dos agentes de emigração, mais empenhados em recheiar os próprios bolsos do que em suavizar a existência do pobre... — tudo isso e mais alguma coisa contribuiu para que a questão da imigração atingisse um grau verdadeiramente doentio, tornando-se uma legítima febre de emigração que já contaminou muita gente (DAVATZ, 1972: 1).

Pelo visto, nem tudo era tão fácil quanto descreviam nos panfletos. Sobre a burocracia, segue abaixo a tradução do manuscrito elaborado por Joseph Lutzenberger<sup>19</sup>, no seu livro de memórias familiares, que se encontra em posse de Magdalena Lutzenberger. A tradução<sup>20</sup> foi gentilmente cedida e produzida por sua sobrinha, Lilly Charlotte Lutzenberger.



Figura 4: Fotografia de Joseph Lutzenberger (com o asterisco sobre o elmo)  
Fonte: Acervo Lutzenberger

---

<sup>19</sup> Marido de Emma Kroeff, Joseph Lutzenberger foi historiador amador nas horas vagas.

<sup>20</sup> Esse pequeno arquivo particular foi igualmente utilizado por Dreyer (2004) em sua obra; aqui, fiz uso de sua transposição.

Passaporte da Família Kroeff - 1854

(cópia pertencente à Dona Lúcia Link-Ferreira)

Brasão

Passaporte para o exterior, válido pelo tempo de duração da viagem de ida. Pois o referido Jakob Kroeff, açougueiro, natural de Merl - Distrito / Comarca de Zell, residente em Merl - Distrito / comarca de Zell, emigrará, via Hamburgo, com sua abaixo sinalizada esposa Thekla, nascida Scheid, e seus filhos Jakob e Amalia Kroeff para Sta. Catarina, no Brasil, possuindo o mesmo bons antecedentes. Assim, se lhe confere o presente passaporte e convocasse todas as autoridades civis e militares a permitir que o passageiro Kroeff e seus acompanhantes viagem livre e desimpedidamente, inclusive auxiliando e protegendo-o, quando necessário. No entanto, este passaporte deverá ser examinado e carimbado pela polícia de todas as localidades (tanto cidades como aldeias) nas quais o portador permanecer por um período de tempo superior a 24 horas.

Koblenz, em 3 de fevereiro de 1854.

VISTOS

1 - Central / Diretório da Polícia Real da Prússia em Koblenz e Ehrenbreitstein

3947 - O portador desta permaneceu aqui e agora segue para Amsterdam. Koblenz, em 19 de julho de 1854.

Central / Diretório da Polícia Real da Prússia

2 - Nr. 3929 - Visto no Consulado do Império do Brasil na Antuérpia.

Liberado para viajar ao Rio Grande do Sul a bordo do navio belga Maria.

Capitão Hup\_\_\_

G\_\_\_blain - Antuérpia, 28 de julho de 1854

Consul do Império Melchior Kramp

---

Carimbo: meio Thaler com 15 Groschen (moedas da época). Nr. 27 do Diário / Registro de Passaportes

Características do Portador do Passaporte

- 1 - Religião - católica.
- 2 - Idade - 32.
- 3 - Altura - 5 pés com 5 Zoll (= 1,70 m).
- 4 - Cabelos -
- 5 - Testa -
- 6 - Sobrancelhas -
- 7 - Olhos -
- 8 - Nariz -
- 9 - Boca -
- 10 - Barba
- 11 - Queixo -
- 12 - Rosto -
- 13 - Cor da pele do rosto -
- 14 - Estatura (aqui se refere ao biotipo - longilíneo, robusto, etc., não à altura, que já figura mais acima)
- 15 - Marcas específicas (cicatrices, manchas, etc.)  
Assinatura do portador - Jakob Kroeff  
Taxas:  
1 - carimbo - 15 Groschen de prata.

2 - Taxa - 10 Groschen de prata.

Total - 25 Groschen de prata.

2a - Liberado para o Rio Grande a bordo do Navio Maria.

O Comissário Marítimo de 1ra. classe do serviço.

(assinatura ilegível).

Carimbo: Porto de Antuérpia - Comissário Marítimo.

3 - Visto no retorno a Merl, Comarca / Distrito de Zell

Antuérpia, em 16 de setembro de 1854

Cônsul Geral do Reinado da Prússia.

(Assinatura ilegível)

Carimbo: Consulado Geral do Reinado da Prússia em Antuérpia.

4 - Nr.....

Grátis

Brasão

Visto para Colônia

Aachen, 18.09.1854

Escritório de Passaportes das Vias Férreas

5 - Nr. 4069

Visto no Consulado do Império do Brasil em Antuérpia.

Liberado para viajar ao Rio Grande do Sul a bordo do Navio Hortensia.

Capitão Schap\_\_\_\_\_

G\_\_\_\_\_blain de Antuérpia, em 20 de outubro de 1854.

Sn. Dr. Cônsul do Império

Melchior Kramp

Características da Esposa Kroeff Thekla, nascida Scheid.

- 1 - Local de nascimento - Merl
  - 2 - Local de residência - Merl
  - 3 - Religião - católica
  - 4 - Idade - 26
  - 5 - Altura - 5 pés, com 1/2 Zoll (= 1,61 m)
  - 6 - Cabelos - castanho escuros
  - 7 - Testa - estreita
  - 8 - Sobrancelhas - negras
  - 9 - Olhos - cor cinza
  - 10 - Nariz - comum
  - 11 - Boca - comum
  - 12 - Queixo - arredondado
  - 13 - Forma do rosto - rosto cheio
  - 14 - Cor do rosto - saudável
  - 15 - Biotipo - robusto
  - 16 - Marcas específicas - nenhuma
- Assinatura: Thekla Kroeff

Expedido por ordem do Governo Real de Koblenz.

Zell, em 3 de fevereiro de 1854.

Carimbo: Administração Real Prussiana da Comarca / Distrito de Zell

Administrador

Secretário Real da Comarca / Distrito de Eisenstetten.

O que chama a atenção é o grau de descrição realizado pelo Oficial burocrata. Sem um sistema digital, a aparência física era a forma de se ter controle da população — nisso reside, pois, o seu detalhismo. E levava-se algum tempo para se

realizar a tarefa. Outro indicativo que não pode fugir da nossa atenção diz respeito ao conceito de itinerário: quando o caminho a ser seguido passava por Amsterdam, o nome do navio e de seu comandante, tudo era anotado e controlado.

Em parte, esse fato ajuda a diminuir as fantasiosas histórias de emigrantes que passavam em um porto e embarcavam a esmo em um navio. A reprodução da “papelada” da família de Jacob Kroeff fornece-nos uma ideia mais clara de que o ato de imigrar — pelo menos, neste caso — não foi um sentimento pueril e realizado de chofre. A drástica mudança proposta aos seus familiares teve uma maturação, e Jacob Kroeff gastou tempo para refletir e para decidir sobre isso. Mesmo tendo partido com a sua mulher grávida, a “baixinha de tipo robusto”, a sua atitude foi pensada. Outro exemplo é o da família Hartmann (2006), que disponibilizou os seus vistos de emigração na Internet:

Tradução sugerida encontrada junto às reproduções

#### ATESTADO

Nº 473 - Atestado. O morador de Lütz, Mathias Hartmann (29.10.97), bem como os seus sete filhos: Johann (17.5.21), Mathias (20 anos, nasc. 1823), Jakob (17.09.1827), Peter (07.12.1824), Joseph (08.03.1830), Philipp (13.01.1834) e Friedrich Wilhelm (23.07.1837) sempre se portaram bem e amigavelmente entre nós, fato que, a pedido, consciente, declara e atesta o presidente da comunidade. Luetz, 24 e abril de 1845. Senhor Schöffner. Deu entrada no Poder Público a 6.5.45.

#### CONSENTIMENTO DAS AUTORIDADES, PAGAMENTO DAS TAXAS,

Leitura do texto acima:

de 3/6/45 Nº 639. Decreto real de 21 de maio de 1845. II - Nº 932, relativo à Autorização de emigração de Mathias Hartmann de Lütz. Koblenz, 21 de maio de 1845. Depto da Regência Real..... Spankern.

O Prefeito de Treis pelo pagamento dos papéis..... custas de 20 e meio..... Cochem, 30 de maio de 1845. O Chefe do Governo..... Weger.

Nº 3712. Ao Senhor Chefe de Governo Schönberger, bem-nascido, pela exclusão a quantia de 20 e meio..... O..... Hartmann desistiu por enquanto de sua viagem. Treis, aos 20.06.45. - Cochenbach. 30/3/46 os documentos...

Codex. n.º 3712 N.º 639 5  
 Regiminal Verfügung vom 21. Mai 1845  
 Nr. 932, betreffend Ostpreussens Provinz.  
 vom 1. Mai 1845 Hartmann zu Leetz  
 Köhlung vom 21. Mai 1845  
 Provinzial Regierung Ostpreussens  
 Königsberg  
 Dem dem H. Bürgermeister zu Tilsit zur  
 Aufsehung der Anlage zugewiesener  
 mit 20/2 N.º.  
 Codex. n.º 3712 N.º 639  
 Der Landrat  
 der  
 Provinz  
 Königsberg  
 Dem dem Herrn Landrat Schönbergers Hofr.  
 vorgelegenen undes Aufsehs der Anlage vom  
 20/2 N.º zugewiesen undes Aufsehung.  
 Der H. Hartmann (zu Leetz) für  
 seine anständig angelegene  
 Anlage des H.  
 Königsberg  
 dem Bürgermeister  
 Tilsit  
 dem Landrat

Figura 5: “Visto” de emigração da Família Hartmann.  
 Fonte: Hartmann, 2006.

A colonização para o Brasil — em especial a alemã — é um processo que ocorre em levas e que surge para suprimir determinadas necessidades específicas de um período restrito em questão. Por serem repetitivas, as diferentes “levas” não atendem apenas a um único propósito — apesar de algum aspecto dominar a escolha ou o perfil dos que para aqui vieram, ou melhor, encaixar-se-iam nos intuitos da Coroa reinante. Por causa da necessidade de homens para o exército, de agricultores para o campo, ou de crianças e de mulheres para povoar os ditos vazios populacionais, as demandas eram alternadas ao longo dos anos, podendo ressurgir um aspecto na pauta do Governo tanto provincial quanto nacional.

## 2 JACOB KROEFF

A Grande Família Kroeff começou a se desmembrar: com o êxito de Miguel e Lourenço<sup>21</sup>, o restante da família sentiu-se encorajada a seguir o mesmo rumo na esperança de encontrar vida melhor no extremo Sul do Brasil. Além das “panfletagens” e do assédio dos agentes, o Velho Continente recebia as boas novas na forma de cartas<sup>22</sup>, que eram lidas pelos agentes, ou repassadas a amigos e conhecidos:

Caso inteiramente diverso é o de pessoas que têm parentes ou conhecidos lá, que podem escrever-lhes como lá se passa; de pessoas que então podem calcular o que lá as espera, se é aconselhável ir para lá; de pessoas que podem aconselhar-se com alguém que conheça, por experiência própria, a terra e a vida, a vida de colono, cujos olhos mostram o que ele passou ou em cuja sinceridade se possa confiar (HÖRMEYER, 1966: 62).

Miguel, por exemplo, vai se mostrar um hábil negociante. Seu sucesso comercial garante para si um contrato, como agente de imigração, com a Província rio-grandense, além de abrir a sua própria colônia em Santa Maria<sup>23</sup>, aqui descrita pelo médico cronista Robert:

Saindo de lá, chegamos pouco depois à casa do alemão Kröff, que me pedira, em Santa Maria, que o visitasse. O asseio da casa e do proprietário

---

<sup>21</sup> Para uma visão sobre os descendentes de Lourenço ver Mario Kroeff (1972; 1974).

<sup>22</sup> Sobre esse tópico, reproduzimos um dado: “mais de 100.000 cartas chegam à Alemanha, anualmente, de colonos estabelecidos na América do N., incluindo alguns milhares delas socorros pecuniários, que habilitam aos que os recebem para acudir aos convites e emigraram também. Entre nós, longe de haver facilidade, há mesmo dificuldade para essa comunicação (ABRANTES, 1926: 36).

<sup>23</sup> “Pinhal constituía o Terceiro Distrito de Santa Maria e foi fundada no ano 1857 pelos alemães Jacob Albrech, Jacob Adami e Miguel Kroeff que adquiriram terras nesse local, estabelecendo aí uma colônia” (FORTES, 1962: 22).

do estabelecimento comercial era verdadeiramente surpreendente, mas inteiramente em harmonia com os moradores. Lá passei o dia, e, sem dúvida, com isso não perdi meu tempo. Como já disse, a região onde me achava chama-se Pinhal. O alemão acima referido comprara uma bela faixa de terra e mandara dividi-la em colônias. Onze famílias já se mudaram para ali e lançaram os fundamentos de uma colônia alemã, cuja prosperidade parecia garantida, não fôsse a má vontade de vários proprietários vizinhos. Pois levantou-se até a opinião de que Kröff incluirá em sua medição terras pertencentes ao govêrno. Removido essa insegurança, a laboriosidade dos colonos e a fertilidade do solo conduzirão a um melhor futuro. Depois de seis meses de trabalho, diversas famílias já tiveram uma boa colheita e venderam bem seus produtos a muito bom preço. Já foram montados, perto, dois curtumes e uma serraria, estando ambas as indústrias em plena atividade. (...) É, pois, um começo muito louvável. E, no entanto, a colônia, como todos os empreendimentos similares sob auspícios particulares, causou-me apreensões. No alto, na serra, tudo está ainda sem firme coesão. Ainda não há escola, nem igreja de qualquer confissão. Sem dúvida Kröff pensou nisso, mas, de onde virão os recursos para promover todas as instalações necessárias de uma colônia? Muitos empreendimentos particulares semelhantes são iniciados e não podem desenvolver-se completamente sem um grande auxílio do govêrno. E mesmo quando o govêrno faz grande sacrifício, não se tornam fortes esses empreendimentos isolados. Passam por um período de estiolação até que, desprendidas do empresário particular, lentamente se expandem (AVÉ-LALLAMENT, 1955: 202-203).

O papel desempenhado por Miguel, logo, não se restringe somente à sua família, mas a sua influência motivou a decisão de outros germanos. Bem-sucedido aqui no Rio Grande do Sul, o êxito o faz retornar à Alemanha, onde pode contar a sua aventura que fascina os seus irmãos:

Aproveito aqui a ocasião, proporcionada por uma breve visita a minha pátria antiga após uma estada de sete anos no Brasil para onde em breve retornarei, para entregar ao público alemão uma Descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil Meridional, redigida com sólido conhecimento do assunto e haurida de uma experiência de longos anos, pelo senhor capitão Hörmeyer de Porto Alegre. Uma exposição mais exata da situação desta Província poderá ser tanto mais desejável para algumas pessoas, visto a mesma pertencer àquelas regiões do Brasil que, tanto pelo seu clima ameno tão próprio à saúde, como pelas favoráveis condições de colonização e comunicação, conviriam muito particularmente ao emigrante alemão, abrindo-lhe um campo vasto de mais lucrativa atividade.

Embora talvez tenha mudado algo desde a redação desta obrinha que não mais pôde ser incluído, deve ser isso desculpado pelo fato de circunstâncias de natureza mais diversa terem atrasado, por mais de um ano, a publicação da mesma. Finalmente é meu desejo mais sincero que o propósito bem intencionado do autor de esclarecer seus patrícios sobre a verdadeira situação do Brasil, como também destruir muitos preconceitos sobre ele divulgados, queira ser conseguido! Coblença, ao 1º de abril de 1854 Michael Kröff (HÖRMEYER, 1966: 114).

Alguns anos depois, já na década de 1860, bem estabelecido como importante fomentador da imigração, banca a publicação de um segundo livro de seu colaborador, o ex-brummer<sup>24</sup>, Joseph Hörmeyer, que se engajou na campanha pró-imigração:

A intenção deste livro é, por enquanto, descrever uma região conhecida pelo autor, conforme a verdade e a finalidade da emigração; tirar as consequências, fica a critério do leitor. Este país é o Brasil (HÖRMEYER, 1986: 15).

O caso de Miguel não é uma exceção, pois outros imigrantes logo assumem um papel preponderante no esforço de trazer mais gente clara, europeus. Outra figura que se destaca é a de Pedro Kleudgen<sup>25</sup>. Fazer isso não era só intenção deste último empreendedor, mas é válido afirmar que a província sulista tinha várias áreas destinadas à colonização. Merece nota que isso incluía diversas terras particulares, que, com a ajuda do Governo Provincial, tinham a sua venda subvencionada e o traslado dos novos proprietários rurais. Assim, havia um interesse permanente na manutenção da imigração, alternando períodos com a maior ou a menor chegada de pessoas.

Esses projetos, que injetavam recursos públicos na imigração, apresentavam os seus opositores: em grande medida, os estancieiros<sup>26</sup> se opuseram, porém não a tal ponto de estancar a imigração — isso se deve por duas razões básicas. A primeira extrapolava a condição de retaliação dos “morubixabas locais”. Por seu caráter federal, a imigração era decidida e mantida pelos interesses da Coroa, fora da esfera provincial que perdera o direito de escolher o Vice-Presidente. Assim, as grandes somas oriundas dos tributos estaduais por décadas a fio eram

---

<sup>24</sup> Corruptela do Alemão, com significado pejorativo de resmungão. Era um numeroso grupo de soldados pagos, mercenários, que foram contratados pela coroa nacional. Muitos deles não retornaram e permaneceram no RS, contribuindo para o desenvolvimento local.

<sup>25</sup> Importante agente da imigração para a colônia estadual de Santa Cruz do Sul, cidade que ajudou no seu desenvolvimento e que anos mais tarde veio a falecer (29/02/1888). Nasceu em Hamburgo (Alemanha) em 10/11/1811 (ABEILLARD, 1976: 756-757). Sua participação foi decisiva na assinatura de um contrato com o Governo do Estado gaúcho, lavrado na forma da Lei n. 229, de 4 de dezembro de 1851, que teve validade de dois anos. Uma vez caducado o antigo contrato, o Estado teve como novo parceiro (preservando as linhas básicas) o senhor Miguel Kroeff. Tal contrato está disponível no maço C-75 (1854) do AHRS.

<sup>26</sup> Esses senhores representavam a elite cultural, política e financeira do Estado. Vale lembrar que tanto Pelotas como Rio Grande eram as principais cidades da Província.

redirecionadas e gastas na imigração, mesmo com a aversão declarada dos charqueadores, que assim se pronunciavam na Assembleia Estadual. Para acalmá-los, havia a garantia de que as suas terras não seriam tocadas:

Evidenciaremos assim elementos/processo relativos à estruturação política do território, como o estabelecimento da linha fronteira (só definida no início do séc. XIX); a construção do espaço latifundiário (a partir da doação de sesmaria), forma de apropriação dominante; a malha municipal (como base territorial mínima de reprodução do poder político), e a própria emergência de um 'contra-espaço' minifundiário colonial, que se pretendia geopoliticamente antagônico à base sócio-política articulada na Campanha (COSTA, 1988: 30).

Um segundo fator ainda mais determinante foi desenvolvido por Altair Lando (1981). Esse pesquisador dá ênfase à História Econômica aponta para a coexistência harmônica entre latifúndio e minifúndio, isto é, sem uma concorrência direta entre a produção agropecuária (latifúndio) e o esforço dos colonos em suas reduzidas propriedades (minifúndio):

A estância, entretanto, não tinha por que temer a concorrência da pequena propriedade, que se consolida a partir da chegada do contingente imigratório alemão. Constitui-se quase uma indústria extrativa, a estância, além de grandes extensões de campo, exigia relativamente pouco capital, e um número bastante pequeno de mão-de-obra (...) (LANDO, 1981: 54).

Por fim conclui o referido autor sobre a mudança que representava essa nova ocupação, a saber, as imensas propriedades dotadas com o trabalho escravo ou servil:

A atitude imigrantista constitui-se, portanto, numa crítica à sociedade tradicional em dois sentidos: introdução do trabalho livre e consolidação da pequena propriedade (LANDO, 1981: 54).

Com essa ótima base, emigrar parecia uma opção bastante vantajosa a Jacob que, temporariamente, assumiu o comércio familiar ainda em Merl e a responsabilidade de cuidar da matriarca viúva. Com a chegada de Miguel e com os seus fartos relatos, o ímpeto do primeiro só aumentou — em pouco tempo, já tinha decidido o seu futuro. Para Jacob, o projeto de felicidade futura era a América,

questão de alguns meses. Como atesta o documento reproduzido por Lutzenberger, Jacob entrará em solo gaúcho, por volta de 1855:

No dia 6 de janeiro 1855 chegaram ao Porto de Rio Grande, vieram a Porto Alegre e no dia 20 de janeiro de 1855 chegaram a Hamburgo Berg (Hamburgo Velho). Foram hospedados na casa de um conhecido deles, Norlon Schimitt. Jacó foi levado a Campo Bom para trabalhar (KROEFF, 1980: 1).

Nessa viagem, cresce o seu núcleo familiar: a sua filha Hortênsia nasce ainda no navio, em terras internacionais, e Jacob Kroeff Filho tem quatro anos de vida. Contudo, tal informação, do ponto de vista desta pesquisa histórica, só foi confirmada perto da conclusão final da dissertação. Em grande parte da pesquisa levou-se em consideração os dados apenas de uma segunda entrada, datada em 1857, que direcionou todos os esforços deste texto, com o destino final sendo a nova colônia de Santa Cruz.

Entretanto, para não fugir da cronologia dos fatos, a primeira viagem náutica de Jacob foi o seu batismo de fogo<sup>27</sup>. A experiência de Miguel, em suas viagens anteriores, foi muito afortunada, pois não enfrentou mares agitados. Igual sorte já não acompanharia Jacob, porque uma inesperada tormenta complicou muito a viagem a ponto de pôr em risco a vida de todos a bordo. Se não bastasse, o açougueiro transportava no navio uma preciosa carga do vinho branco do Mosela, que seria revendida nas colônias, garantindo um maior pecúlio na sua chegada. Esse revés não o demoveu de sua vontade, ou seja, de fazer a América. Além do nascimento de sua filha, Jacob amargou com tristeza um enorme prejuízo, ao jogar a sua preciosa carga etílica ao mar, sob ordens do capitão preocupado com a embarcação e com os passageiros. Passado o susto, todos sobreviveram à cansativa viagem e deram graças ao desembarcarem vivos na cidade de Rio Grande.

Sobre esses primeiros anos de adaptação, pouco se sabe, e a única fonte é ainda a pequena biografia escrita por uma de suas netas, que, na verdade, organizou alguns dados familiares esparsos, quando Jacob Filho fez uma grande

---

<sup>27</sup> Não se deve esquecer de referir aqui a sua mulher grávida, bem como os filhos, em especial, o futuro Coronel Kroeff.

festa na virada dos anos de 1904, ao completar 50 anos. O parágrafo abaixo traz valiosas informações sobre aquela época:

Jacob [pai] foi levado a Campo Bom para trabalhar numa cervejaria, mas como não tinha prática nenhuma deste ramo não quis aceitar o trabalho. Teve Sorte, pois apareceu um velho amigo, Sr. Sperb, e convidou a irem a '4 colônias' para ajudar a matar porcos em que Jacob era perito. Sr. Sperb, vendo que Jacob gostava disto, deu-lhe uma carreta cheia de porcos e aconselhou-o ir a Hamburgo Velho onde ele viria abrir uma marchanteria. Assim aconteceu e foram morar na casa onde depois pertenceu a seu filho Jacob Kroeff Filho (defronte ao lar da Menina hoje residência do sr. Afredo Moraes) (KROEFF, 1980: 2).

Assim, logo após a sua chegada, Jacob Kroeff estava se “misturando” com os locais. O insucesso na cervejaria evidencia a sua intenção de não se tornar um lavrador. Sua vocação, pois, eram os negócios, principalmente o abate suíno. Pouco mais se pode afirmar de suas andanças até se estabelecer em Hamburguer-Berg — ao que parece, a sua morada final.

A segunda viagem, de caráter definitivo, ocorreu em 1857, quando Jacob teve a missão de buscar sua mãe, sua cunhada e sobrinhas, e, provavelmente, algumas pipas de vinho. Em oposição à primeira viagem que foi traumática, devido a uma tempestade, na segunda, não há registros de algum percalço. Contudo, não se deve perder a noção do que seja um traslado continental, de norte a sul:

O enjôo no mar era um constante e era inevitável durante toda a viagem, e só não era pior para os passageiros quando o navio alcançava determinado ponto do globo terrestre que por eles, no século XIX, era popularmente conhecido por 'Linha do Sol'. Trata-se da intolerável Linha do Equador. O calor demasiado intenso pra os imigrantes tumultuados e a situação a bordo de cada navio, independente da época do ano, piorava ao aproximar a linha invisível (STOLTZ, 1997: 50).

A descrição que se segue representa uma das primeiras fontes, o que deu um falso começo à pesquisa. A fonte é um livro impresso que compilava os arquivos de entradas oficiais dos imigrantes no período e que mencionava Jacob Kraeff cujo rumo final seria a colônia estadual de Santa Cruz [do Sul]:

Kraeff, Jacob, 31-40, pruss., cas., prot., agricultor; chegado neste porto: 29-6-1857, bem.: Comercio (vapor); destino Santa Cruz. Obs.: Família composta de 5 pessoas, a esposa (21 e 30 anos), 1 mulher solteira (até 7

anos) e 2 homens solteiros (1 a 6 anos e outro entre 7 e 16). [a lápis consta] Brigue Bremem Ivanna. Seguiram para Rio Pardo em 3 de julho. Reg. 143-147, fl. 2, n. 16 (RIO GRANDE DO SUL, 2004:14).

Com essa diretriz, processou-se um longo escrutínio no rico manancial de dados sobre a colônia de Santa Cruz no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Em alguns dos muitíssimos maços, haveria de ter um registro da posse de terra, o número do lote e, com sorte, a descrição da família (não apenas um nome) ou dados tabulados.

Na pesquisa histórica, muitas vezes, segue-se uma pista que, após longo escrutínio, apresenta-se falsa. Não há, pois, registro de Jacob Kroeff em Santa Cruz. O tempo “perdido”, em contrapartida, produziu uma riqueza no levantamento dos dados: as cartas dos agrimensores, as informações sobre a saúde dos recém-chegados, o preço do transporte, a variação no valor dos grãos, o preço final de algum produto agrícola, as condições climáticas e enorme quantidade de situações corriqueiras e inusitadas. Desse modo, há nos arquivos informações sobre a colônia de Santa Cruz, um esboço da vida cotidiana dos imigrantes alemães, o que dotou de maior compreensão os vários aspectos, que, correlatos, ajudaram a contar a trajetória de Jacob Kroeff:

Não raro, o pesquisador ficar à mercê do acaso, consultando coleções inteiras de papéis para exumar umas poucas informações ou até nenhuma. A única sistematização possível, e posta em prática, foi a de confrontar continuamente entre si os documentos já disponíveis, presumir a partir deles a existência de outros e procurá-los nos locais e nas coleções mais prováveis (MARTINS, 1973:41).

Assim sem encontrar o destino da família Kroeff em Santa Cruz, a segunda opção, ainda dentro dos documentos do AHRS, era pesquisar a “colônia-mãe” de São Leopoldo, de onde se separaria o Município de Novo Hamburgo, denominado parte do quarto distrito – Hamburguer-Berg.

No que se refere a São Leopoldo, por ser uma colônia federal, teve grande parte de seus “papéis” entregues às autoridades nacionais, o que empobreceu o contingente total de documentos ali arquivados — só restou localizar os Kroeff em Hamburguer-Berg.

Havia, pois, informações conflitantes, pois o açougueiro Jacob Kroeff teria ganho terras, mesmo sem muita vocação para o plantio; mas era norma, o colono “recebia” um pedaço de terra para garantir seu sustento.

Jacob Kroeff seria finalmente encontrado em um registro de terras, do ano de 1860, e que já o colocava nas colinas da região. Aos poucos, a trilha-mestre vai se interligando: a chegada, o que teria feito, o retorno à Alemanha e a escolha direcionada para Hamburguer-Berg. Em determinado ponto, como em um quebra-cabeça, muitas das “pecinhas” pré-aglutinadas<sup>28</sup> vão formando pequenos *clusters* lógicos. Aos poucos, chegava-se mais perto de uma das poucas certezas — ainda do tempo da Graduação, logo, anterior ao do começo desta pesquisa — ao Hotel Kroeff.

Ao falar em hotel, deve-se ter em mente a dimensão diminuta desse estabelecimento. O Hotel, na verdade, era uma estalagem, uma casa ampla, para acomodar os poucos viajantes. Sobre a casa, isso era uma grande mudança na vida dos colonos, que, em sua maioria, já eram acostumados a viver em construções de alvenaria e que estariam “regredindo” para construir aquelas com os materiais circundantes:

A casa isolada, solta na paisagem, é uma imagem poderosa, representa um desejo poético e profundo do homem em sua relação com a natureza, tem força de intersubjetividade e aparece com especial frequência na América, ainda que a possa ser uma escolha antieconômica (BÜHLER, 2001: 87).

Construir uma casa é sinônimo de ocupação, de algo obrigatório. Sobre a morada dos Kroeff, logo ocuparam as imediações de Hamburguer-Berg e puderam construir ou até comprar uma morada mais sólida:

Antes de mais nada, devemos lembrar que a função básica de uma casa é a chamada função abrigo. A casa tem que ser entendida como um invólucro seletivo e corretivo das manifestações climáticas, enquanto oferece as mais variadas possibilidades de proteção (LEMOS, 1996: 9).

---

<sup>28</sup> A comparação entre uma pesquisa histórica e um quebra-cabeça é válida porque ambos envolvem múltiplas peças que precisam ser encaixadas em um todo lógico ou coerente. Sobre como montar um grande quebra-cabeça, há passos básicos como formar a borda externa, segmentar as peças por cor ou detalhe. Contudo, na pesquisa, o resultado final é desconhecido, e os rumos a serem tomados numerosos — bem diverso do quebra-cabeça que estampa em sua caixa o resultado já pronto.

Construída, a casa vai sofrendo ampliações para acomodar a chegada de novos e numerosos membros. A velha preocupação original voltava a ser, pois, a dívida territorial — dor de cabeça constante dos colonos que recebiam a visita dos credores. Com sorte, passados alguns anos e depois de muitas colheitas, a dívida já estaria presumivelmente quitada: o problema que se seguia era a falta de organização estatal (títulos de posse e os vários tipos de papéis burocráticos). Isso não só era motivo de aborrecimento entre o agricultor particular e o ente público, mas acarretava disputas entre vizinhos e mal-estar na espera dos documentos comprobatórios da posse legal. Mesmo fugindo um pouco da realidade de Jacob (que é aceitável crer chegou com uma melhor condição monetária, apesar da perda de sua carga), Bühler (2001) reforça os problemas com a falta de cuidado com a demarcação.

O melhor era mesmo garantir a posse através da ocupação efetiva com as lavouras e a casa. Cabe salientar que este aspecto legal, limitador em relação à posse, do colono sobre o próprio lote, poderia ser julgado motivo suficiente para a não-reconstrução das aldeias ancestrais alemãs em solo brasileiro, apesar de observação semelhante não ter sido encontrada em obras consultadas de outros pesquisadores (BÜHLER, 2001: 84-5).

Assim, o cerramento ou o cercamento dos campos nessa área de minifúndios vai ser uma disputa interna com o vizinho lindeiro — muitas vezes chegando à luta corporal, após o período de bate-boca<sup>29</sup>:

Uma das causas principais de brigas por limites reside na primeira medição muito superficial e precária das terras. Ocasionalmente as maiores desinteligências não só entre os colonos individualmente, como entre picadas inteiras, e levou a uma confusão sem limites para a colônia. A confusão e a exaltação foram tão grandes, que o embaixador alemão Von Eichmann apareceu pessoalmente no Rio Grande do Sul para inteirar-se in loco da situação. Visitou as localidades individualmente, ouviu as queixas dos colonos e depois disso redigiu um longo relatório para o governo, no qual desnudou sem reticências os erros e as barbaridades das autoridades encarregadas da administração. Em consequência, o governo ordenou não só uma nova medição, mas também um controle mais rigoroso de todo o processo de medição (SCHUPP, 2004: 214).

---



Figura 6: Foto da Merl dos Kroeff e Bins.  
Fonte: Acervo Lutzenberger.

Outra característica que salta aos olhos, além de sua condição econômica, por ser açougueiro de porcos, é que Jacob Kroeff teve algum grau de instrução — se foi ligado a alguma guilda, isso já é bem difícil de afirmar. Sobre educação, o Estado alemão, desde o começo da Reforma, e na Prússia mais ainda, havia um desejo de ampliar os anos de educação formal dos seus cidadãos:

Para a tradição judaico-cristã, a arte da escrita e da leitura é fundamental importância, especialmente desde a Reforma religiosa do século XVI. O culto luterano pressupõe a pessoa alfabetizada, capaz de cantar os hinos de louvor a Deus e de ler a Palavra de Deus, contida na Bíblia. Martin Lutero exigiu dos burgomestres e dos vereadores das cidades alemãs que construíssem e mantivessem escolas para que nunca mais as pessoas cristãs pudessem ser mantidas na ignorância no tocante a sua salvação. A alfabetização possibilita o acesso ao texto bíblico. Além disso, a exigência de Lutero buscava a formação do cidadão e cidadã, capazes de dirigir a sociedade, na qual imperasse a justiça. Mais tarde, ao verificar que o Estado não cumpria sua tarefa, o Pietismo alemão criou a escola paroquial e fundou as primeiras escolas modernas (DREHER citado por SARLET, 1994: 7).

De volta à geografia do lugar de origem dos Kroeff, o Mosela foi conquistado pelos prussianos<sup>30</sup> em 1792; os franceses o retomaram para si em 1799. Sem o mesmo interesse, o Governo francês não deu ênfase ao quesito educação, por ser uma “ocupação” de caráter militar:

Significativas melhoras no sistema escolar elementar, sob administração da Prússia, entre 1814 e 1840/48, eram vividas pelos que formaram a geração de pais e os imigrantes de levadas posteriores, aproximadamente após a Guerra dos Farrapos (SARLET, 1994: 24).

Nessa queda de braço entre os dois Reinos e seus vários reveses, mesmo assim os “jovens” Kroeff foram alfabetizados — os documentos não deixam claro tal aspecto. Cabe citar Erica Sarlet (1994), estudiosa da questão sobre Hamburger-Berg e ligada à educação dos evangélicos. Ela faz menção a uma regulamentação sobre o período mínimo de ensino público, que pode dar alguma ideia dos anos que os membros da família residentes em Merl estiveram nos bancos escolares:

Desde o início do Iluminismo, existia na Europa um sistema escolar diferenciado, especialmente no que tange às escolas secundárias que preparavam para estudos superiores. Eram reservadas à classe superior e eram instituições de cidades ricas, das Igrejas e de soberanos esclarecidos. No interior quase só existiam escolas primárias ou elementares, freqüentadas por crianças entre 6 a 12 anos. (...) Como já foi visto, as verdadeiras ondas de emigração na primeira metade do século XIX foram a consequência da miséria em que o povo se encontrava. Quem era tão pobre assim, só podia freqüentar escolas elementares, às vezes só periodicamente mesmo. Também não existia uma obrigatoriedade escolar geral (SARLET, 1994: 22).

Assim, com uma razoável formação, o açougueiro Jacob Kroeff devia ter algo a mais do que simplesmente *encolheirar* as letras e palavras. Escrever recibos, ler balancetes, ir ao mercado, anotar, são ações condizentes à sua profissão que seriam inviáveis sem o domínio do alfabeto e sem um bom preparo matemático, pois, na condição de comerciante, a aptidão numérica era outra importante realidade cotidiana. Em uma região picotada por diversas “autonomias” administrativas, as conversões de pesos e de valores eram constantes, dotando os indivíduos de maior

---

<sup>30</sup> Sobre a Prússia, ver: Krockow, 2002.

destreza mental para, inclusive, tirar proveito das transações com as outras moedas e dinheiro.

Não seria também estranho que as mulheres da família tivessem, mesmo que de forma secundária, alguma atividade correlata no comércio. A instrução feminina poderia ser válida — elas tiveram algum grau de educação formal no Mosela. As leis não faziam distinção de sexo, no que se refere às “primeiras letras”: apenas apontavam diferenças nos estudos secundários destinados aos homens economicamente dotados. Ambos os gêneros tiveram, assim, algum grau de educação formal — isso deve ter ajudado, de algum modo, os recém-chegados. Sobre a questão de gênero, essa maior simetria as atitudes e as atividades dos homens e mulheres representa um dos marcos nas primeiras levas de colonos. Exemplo disso são as mulheres de Jacob Kroeff — casado duas vezes — que vão ser atuantes no Hotel.

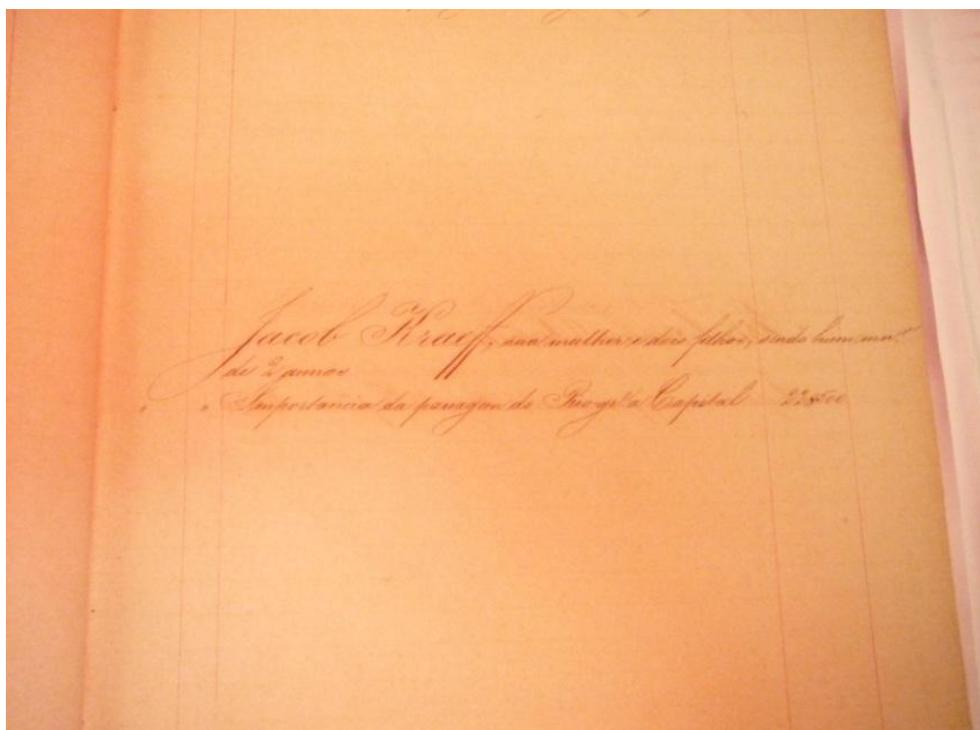


Figura 7: Jacob Kroeff, C-091.

Fonte: Livro de Registro dos Imigrantes AHRS

É importante comentar agora que Jacob sentiu a necessidade de ter uma pequena “loja”: desse lampejo, o Hotel pode ter a sua origem — não se sabe ao certo. Em um ambiente de pouco infraestrutura, raras eram as oportunidades de progresso, sem os recursos trazidos na algibeira. Além dos minifúndios, divisão mais equânime das terras, o agricultor poderia acumular algum capital com outras atividades remuneradas, como ser artesão nas horas vagas. Logo, é de se pensar que ele não se dedicou à agricultura propriamente dita — é provável que tenha tido um roçado, próximo à estalagem. A sua atividade sempre foi mais focada no comércio, o que não deixa muito espaço para a especulação do porquê de não se dedicar ao plantio — isso era contrário a tudo o que fizera até então — ser açougueiro e comerciante. De fato, a agricultura como um todo lhe era estranha e não fazia parte da sua realidade, semelhante ao restante dos seus familiares. Ao chegar aqui, procurou dar vazão à sua veia comercial.

Estabelecido, realizando o que fazia melhor profissionalmente, é preciso olhar o contexto à sua volta. A paisagem rural era pontilhada de centenas de pequenas propriedades: estas possuíam, além da plantação, a criação de animais, por exemplo, porcos e galinhas, que engrossavam a dieta familiar:

A priori, em cada propriedade colonial se produziam as mesmas coisas – não havia especificidade de um produto (...) (SERFERTH, 1974: 97).

Todos produziam, mas a tão sonhada autossuficiência nunca era alcançada: por isso, eram fundamentais as vendas, que se tornavam a ligação entre a picada e o mundo “exterior”, de onde vinham outras manufaturas, ferramentas e “temperos”, por exemplo o sal e o açúcar.

Quebrar essa inércia econômica era difícil: além do tino comercial, a sorte deveria ser uma boa parceira. Como já foi citado anteriormente, Jacob teve, provavelmente, mais recursos que a média dos colonos. Outro fato importante é que, logo depois de sua chegada, e já em 1858, aliado aos outros moradores, organizaram-se e escreveram uma petição para a recém-inaugurada Igreja da Nossa Senhora da Piedade (quarto distrito de São Leopoldo) para exigir um padre que falasse alemão, pois estavam cercados de protestantes. Assim parece que

desde muito cedo o açougueiro foi um colono com relativo destaque e que se tornava um líder comunitário. Esse é, pois, outro indicativo de que Jacob possuía algum capital-extra, trazido na algibeira — fator imprescindível para fomentar a abertura de sua estalagem e, posteriormente seu armazém ou venda. Localizado a poucos metros da igreja, seguindo a única via de então, era sintomático pensar que escolheu o lugar onde passava a estrada, rota de acesso até Sapiranga, o próximo “núcleo habitacional”. Em uma tentativa de recriar a economia de então, as chances de diversificação eram diminutas; os bens produzidos, em especial os alimentos, eram muito similares entre os minifúndios, predominantes na região. O bolicho e a hospedagem eram meios de mudar de ramo e de menor concorrência direta. Jacob que viveu à custa de seus porquinhos, ao adquirir *terras* em Hamburgo Velho deve ter-se dado conta da importância estratégica do local e resolveu apostar nisso, ao investir ali os seus recursos. Seus vínculos com a região aumentavam e ele era muito ligado à Igreja da Piedade, que se tornava uma importante zona periférica da “capital da colônia”.

É importante destacar que a cidade de São Leopoldo cresceu muito em virtude da Revolução Farroupilha: passado o susto do início das lutas, sem esquecer-se dos flagelos da carnificina, a situação começou a melhorar para o meio produtivo — quem dá prova disso é Lígia Carneiro e sua obra dedicada ao couro:

Essa situação de desordem, porém, durou apenas os primeiros anos de guerra. Em 1842, a colônia já se recuperava economicamente, e em função do isolamento da capital em relação ao resto da província, se tornara sua principal fonte de abastecimento de víveres. Além disto, fornecia às tropas legalistas os pertences de montaria de que essas precisavam (CARNEIRO, 1986: 22-23).

A mudança de Jacob para Hamburgo Velho ou a sua permanência por ali eram uma maneira de aproveitar os bons ventos da prosperidade. Jacob precisava decidir o que faria da vida: construir uma casa ampla era um jeito de tirar partido de tudo aquilo que aconteceu. Não só o comércio, seu bolicho, saiu fortalecido, mas houve a intensificação dos viajantes, mais gente circulando. Kroeff buscava trazer para perto de si um pouco dessa bonança monetária e assim agiu o açougueiro. Vale dizer também que os laços com a sua Merl seguiam: ele encomendava o vinho. Dentro

em breve já era um “comerciante” e não mais apenas o hábil carniceiro, reconhecido pelos amigos.

Jean Roche (1969) comenta que o porco era uma importante fonte de carne no dia-a-dia dos colonos. Contudo, se Jacob não pegava na faca, o seu comércio não perdia fôlego. Era uma opção válida, isto é, a chance de se deslocar ascendentemente na escala monetária, o seu estabelecimento comercial foi crescendo conquista uma nova freguesia — os porcos já rivalizavam com os vinhos. Aos poucos, a imagem de açougueiro foi se diluindo e se confundindo com a de hoteleiro, vendedor, além de sua participação no coro da Igreja.

Todos esses supostos rótulos tinham uma razão de ser: não se pode perder de vista o caráter eclético das “pousadas” desse período inicial da colônia. O Hotel Kroeff, como qualquer estabelecimento desse tipo, era um misto de hospedaria, de estrebaria e de refeitório. Deste modo, era um paradoro, ponto-central, onde os passantes e seus animais encontravam refúgio e descanso para seguirem viagem. Décadas mais tarde, o advento do automóvel redimensionou a noção de distância — tudo se tornou mais próximo. Exemplo disso é que Novo Hamburgo ficava distante sete horas de Porto Alegre, por volta da chegada dos Kroeff a Hamburgo-Berg, via rio. Se o transporte fosse outro (lombo de mula ou a pé), a viagem se estenderia por mais tempo.

Seu irmão Miguel tinha um estabelecimento homônimo em Santa Maria, o que é outro indicativo de como esses estabelecimentos, os *hotelzinhos*, exerciam múltiplas funções, isto é, de suprir da melhor forma possível uma gama de necessidades específicas dessas comunidades. O Hotel Kroeff Santamariense acompanhava a linha do trem<sup>31</sup>, inaugurada muitos anos depois.

Jacob não teria sido original: apenas seguiu o fluxo e capitalizou-se. Com o passar dos anos, e com a melhoria das rotas de circulação, o Hotel, de fato, ficou

---

<sup>31</sup> Em Marchiori (1997), há, pelo menos, duas citações sobre o Hotel (ver p. 102) e sobre Miguel (ver p. 212). Sobre este último, existe um indicativo da sua chegada já em 1842. A data que prefiro trabalhar é, de fato, 1846, com a pacificação do Estado, de acordo com documentação do AHRS, conforme já foi aqui referido.

“Esplêndido”<sup>32</sup>. Por se localizar na ponta “extrema” da colônia de São Leopoldo, nos arrabaldes de Hamburgo Velho, a hospedaria Kroeff devia ser uma das últimas paradas até Sapiranga, com um grande vazio pontilhado de pequenas propriedades rurais, excetuando-se algum comércio ao longo do caminho, mas de menor monta. Assim, ao entardecer, a pensãozinha deveria ficar abarrotada de hóspedes além dos habituais membros da localidade que iam lá tomar algo e confabular sobre a Política e sobre os acontecimentos locais. Não resta dúvida de que era um lugar de encontro, de conversa — até o correio devia ser deixado por lá. Cartas para os parentes na velha ‘Alemanha’ ou direcionadas aos negociantes da capital são exemplos de tal situação.

A rotina do Hotel incluía um ciclo contínuo de diversas tarefas, repetidas com alguma frequência. Fora o trabalho, o Hotel recebia a visita constante de amigos, que, além de comprar o que desejavam, relacionavam-se com os proprietários. Um casal que merece atenção em especial e digno de nota são os Steigleder, que compravam vinho e que visitavam com assiduidade o local. Segue o relato elaborado por Dreyer, que usa como fonte os escritos de Joseph Lutzenberger:

(...) também possuía uma hospedaria e havia começado a importar vinhos do Mosel, sua terra natal, sofisticando a oferta em Porto Alegre, onde até então se conseguiam apenas vinhos caseiros. A primeira garrafa de vinho Mosel que chegou seria vendida a um tal Sr. Philip Steigleder, um viajante que também teve estalagem, além de cervejaria, curtume, fábrica de lingüiça e padaria, negócios que na verdade eram conduzidos por sua incansável mulher, Bárbara. Os Steigleder tornaram-se amigos da família Kroeff. Mais tarde o filho de Jakob Kroeff que chegara ainda criança da Alemanha, viria a casar-se com a filha de Philip Steigleder, Theresa, a quem desde pequeno o futuro sogro prometia que, se ela se comportasse bem, ele lhe daria o filho em casamento. A promessa foi cumprida.

Jakob Filho e Theresa Steigleder casaram-se em 1872 e, é claro com toda essa tradição empreendedora, fizeram prosperar o Matadouro Kroeff, que Jakob construíra próximo à propriedade do sogro (e onde sua incansável sogra, Bárbara, atuaria como capataz). A tal ponto se dão bem que quatro anos depois já contam até com estação de trem privativa. Abatem vinte a trinta animais por dia, e as suas atividades expandem-se por vinte e duas colônias. Os doze filhos de Jakob e Theresa Kroeff tornam-se adultos sem conhecer e talvez até sem poder imaginar as dificuldades e privações que

---

<sup>32</sup> De Hotel Kroeff passa para Hotel Lackmann, em razão de o marido da primeira filha do Coronel Kroeff tê-lo comprado de sua “madrasta”. Já na década de 1930 recebe o nome de Hotel Esplêndido, sendo desativado na década de 1940-1950. Sua destruição por volta dos anos 60 foi motivada para um novo empreendimento imobiliário que nunca saiu do papel.

havia permeado o destino das famílias de origem dos pais (DREYER, 2004: 31-32).

A relação dos Kroeff com Steigleder era algo que ultrapassava o universo comercial — prova disso é que ambas as famílias frequentavam a paróquia da Piedade, como atesta a reprodução do documento abaixo, de 28 de novembro de 1858:



Figura 8: - Carta abaixo assinado Hamburgo Velho  
Fonte: Província BRM

O pároco era, naquela época, representante da Igreja e do Estado. Outro dado que passou ao escrutínio de Lutzenberger e de Dreyer foi a condição peculiar dos Steigleder<sup>33</sup> — um casal de velhos, gente mais madura e sem a mesma energia para as lides do campo. Imigraram já com idade avançada, para tal empreitada, em que a rigidez dos músculos é tão vital quanto a solidez de ímpeto. Em parte, assim se podem justificar as muitas tentativas de um ganho, de um sustento. Semelhante aos Kroeff, os Steigleder podem ser considerados gente *abonada economicamente*. Eram proprietários de terra (Kaiserwald em Hamburguer-Berg); ainda, dentro da esfera incipiente na região da colônia, tinham certo conforto e provável excedente monetário — tomar vinho importado era, certamente, um luxo.

Porque estavam ligados às informações e porque tinham dinheiro, os vendeiros eram uma espécie de líderes comunitários. Saber o que se passava nas picadas, mesmo as distantes, reconhecer os próximos atos da Presidência da Província, opinar sobre o silêncio dos platinos ou avisar sobre alguma quebra nas charqueadas, saber as flutuações na produção, eram ações que pertenciam ao entorno do Hotel. O futuro Coronel Kroeff [Filho] crescia atento às mudanças e sensível ao que o circundava, como no evento dos Muckers:

O advogado Fogaça disse que no dia 11 estivera na casa de pasto de Jacó Kroeff, na capela da Piedade [Hamburgo Velho], onde ouvira de diversos alemães, entre os quais André Ermal, que “em um dos domingos passados se reuniram em casa de Maurer cerca de quinhentas pessoas, entre homens e mulheres. (...) Através de um filho de Jacó Kroeff e do subdelegado Spindler, soubera da existência da representação contra [Jacobina] Maurer, bem como que Spindler dera parte a respeito das reuniões (DOMINGUES, 1977: 145).

Comprar comida e inteirar-se das notícias: o Hotel servia lanches e era um ponto de reunião das pessoas em trânsito ou dos moradores das picadas, que ali vendiam parte da produção. As vendas (armazéns) eram os pontos de intersecção

---

<sup>33</sup> Outro colaborador nesse tópico foi o senhor Gaspar Henrique Stemmer, que, como genealogista da região colonial, acrescentou dados relevantes, não só esse em particular. Foi ele que me mostrou os elos entre os Steigleder — Bárbara — e os Kramer, família esta que tem participação no evento dos Muckers. Ainda, foi grande a troca de *e-mails*, pois sempre o senhor Gaspar Henrique Stemmer sempre tinha uma opinião ou esclarecimento a fazer.

da vida nas picadas e se localizavam em encruzilhadas. Mais do que ponto de referência, eram os elos entre as zonas distantes e o consumidor.

Voltando à citação acima, tudo leva a crer que o filho de Jacob em questão se trata do futuro Coronel, Jacob K. Filho. Em contato com outros pesquisadores, pode-se (por um exercício de lógica) chegar a tal conclusão, como bem corrobora o senhor Gaspar Stemmer, genealogista, e que esclareceu tal dúvida<sup>34</sup>:

É claro que Johann (João) Lehn, sendo inspetor de quartirão em Sapiranga, tinha relações com o subdelegado<sup>35</sup> Spindler, seu superior imediato, e também com Jacob Kroeff Filho, casado com sua sobrinha Maria Theresa Steigleder (que recebeu o nome da tia, esposa de Johann Lehn (entrevista com Gaspar Stemmer).

Muito dos protagonistas na seara do Muckers frequentavam as dependências do Hotel, conversavam com Kroeff e Kroeff Filho — as intrigas e as fofocas enchiam o lugar. Se o parentesco não era suficiente, a localização do Hotel lhe dava outra importância no evento dos Muckers<sup>36</sup>. O nome Kroeff reaparece aqui mais uma vez:

Já haviam chegado a Hamburgerberg, quando o nosso vaqueano notou que havia esquecido a matalotagem. Acudiu-se então à mente que se dizia ser perigoso aceitar da gente do Ferrabrás qualquer bebida ou alimento. Bateu, pois, fortemente á porta da primeira estalagem, gritando:  
 - Amigo Kroeff<sup>37</sup>! Amigo Kroeff! – Não tardou a aparecer o bom e jovial velho Kroeff.  
 - Que há? – perguntou esse.  
 - Cá pra nós, que ninguém nos ouça, eu vou ao Ferrabrás, buscar Jacobina. Dê me dahi, dous pães e alguma cousa que se beba. Com a pressa, esqueceu-me trazer o farnel, e dos Muckers não aceito nada.  
 O velho Kroeff sorriu, de contente: a nova não lhe podia ser mais agradável; trouxe logo um pão e uma garrafa de vinho, e Luiz continuou a sua jornada (SCHUPP, s/d: 111-112).

---

<sup>34</sup> Em entrevista concedida, além de ter sido um colaborador assíduo ao longo desta pesquisa.

<sup>35</sup> Subdelegado era o equivalente a vice-intendente, que governava o distrito ou subdistrito, em alguns casos. A figura do chefe do Executivo local acumulava a de Chefe de Polícia. Naquela época, um problema social no Brasil, de fato, é um problema policial. Além disso, como representante do Governo Provincial, era o “fiscal” nos pleitos.

<sup>36</sup> Sobre os Muckers, há no AHRs toda a papelada oficial produzida nos embates jurídicos. Este pesquisador foi várias vezes tentado a desviar o foco de sua análise, mas o interesse despertado foi contido, justificando, deste modo, trabalhos futuros.

<sup>37</sup> Na quarta edição em português, de 1993, que tem como base a terceira edição alemã (1918), manteve-se a grafia *Kröff*.



Figura 9: Fotografia de Jacob Kroeff  
Fonte: Acervo Lutzenberger

Considerando-se que além do natural mal-estar que a seita de fanáticos causava à localidade, havia um aspecto em especial que irritava ainda mais Jacob e o seu estabelecimento comercial<sup>38</sup>:

Os Muckers eram puritanos. Condenavam as bebidas alcoólicas, o jogo os bailes. Aí está um dos motivos pelo qual todos os vendedores de beira de estrada e os poderosos donos de casas comerciais voltaram-se contra eles. Como se sabe, em todas as vendas, bebia-se muito, cachaça, vinho, cerveja. Nos dias de chuva, sábados, domingos, havia grande movimento nas vendas, o ponto de reunião obrigatória de colonos. Jogavam as cartas, conversavam, riam, discutiam, cantavam e, também, havia rixas e brigas. (...) Os Muckers não compareciam a estas reuniões e desaprovavam o que lá se fazia. Daí o apelido de santarrões, falsos beatos, resmungões, Muckers. (...) Os vendedores se julgavam donos de tudo, da opinião pública, política, religião, etc. Eram fortes, pois ditavam os preços dos produtos coloniais e das mercadorias a serem adquiridas pelos colonos. Sabiam de tudo e de todos e alguns arvoraram-se em verdadeiros tiranetes de sua área de influência (MUXFELDT, 1983: 110).

---

<sup>38</sup> Ver a relação dos bens inventariados e a grande quantidade de bebidas etílicas estocadas em sua “adega”.

O exemplo acima dá uma ideia mais aproximada do que ocorreria em uma picada distante: em Hamburguer-Berg, Jacob não poderia ser assim tão autoritário, pois teria maior concorrência à sua volta. Contudo, as outras informações reforçam a imagem da venda como cerne social e econômico na vida das diversas picadas ou linhas.

Em outra medida, isso só reforça a relação do Hotel Kroeff com os eventos sanguinários que se seguiram. Não apenas nesse caso específico, dos Muckers, mas de modo geral como um ponto de comunicação, comum a todas as diversas vendas que pontilhavam as rotas de comunicação. É de se imaginar quão rica era a vida nesses ambientes. Sobre os Muckers, a sua repercussão chegou ao trono e assim falou o Rei:

O socego publico não fora perturbado em todo o Imperio, com excepção do município de S. Leopoldo, onde uma seita de homens fanáticos commettera graves attentados que foi preciso reprimir com intervenção da força militar (FLEIUSS, 1922: 324 fala do trono de 12 de setembro de 1874).

Cronologicamente, em anos anteriores, houve outros desses eventos que marcariam a vida dos locais hamburguenses — um, em particular, deve ter sido a visita de Dom Pedro II, do Conde D’Eu e de todo o seu séquito. Era tempo de guerra, 1865: o rei vinha para animar as tropas gaúchas que combatiam Solano Lopes, o “Napoleão Paraguaio”. Mário Kroeff comenta a rápida passagem do Imperador:

Mal sabiam que, mais tarde, D. Pedro [II], em viagem que fez ao Sul tivesse ocasião de hospedar-se no Hotel Jacob Kroeff, em Hamburgo Velho, município de São Leopoldo, e ao sair escrever de seu próprio punho numa parede da sala: - **Eine Deutsche Hand geht durch das ganze Land** (o braço alemão está por toda parte) (KROEFF, 1972: 171).

Há, ainda, uma segunda versão sobre o ocorrido: alguém teria feito um mapa na parede de uma singela construção no Kaiserwald, e D. Pedro a teria apenas rubricado como prova de sua passagem e de seu reconhecimento pelo progresso naquela colônia. Se Mário Kroeff uniu uma parte com a outra, isso não fica evidente. Mesmo sem deixar pistas de onde se originou tal informação, é relevante reproduzi-la. O que é interessante indicar é que a estalagem, recebendo ou não a firma da

Realeza, já era um ponto destacado em 1865, quando da presença real no extremo Sul do Reinado:

No dia seguinte<sup>39</sup>, uma segunda-feira, bem cedo D. Pedro II., seu genro e demais membros da comitiva partiram a cavalo para Hamburgo Velho, voltando ao meio-dia para logo à tarde, embarcar de retorno para Pôrto Alegre, com festiva despedida (BECKER, 1968: 56-7).

Hamburguer-Berg não tinha tamanha importância, portanto, é bem razoável assumir que D. Pedro passou no Hotel para se alimentar. Uma segunda referência de tal visita indica que Dom Pedro II se instalou na casa do pároco de São Leopoldo:

No dia 23 de junho de 1865, inquietante mais e mais a Guerra do Paraguai, o Imperador do Brasil Dom Pedro II honrou nossa cidade com sua visita. Como não houvesse nenhuma casa conveniente para tão grande hóspede, os padres cederam a sua residência. O próprio Imperador dignou-se de conversar cheio de benevolência com o Padre Superior (RABUSKE, 1978: 59).

A política da boa vizinhança era talvez fruto da simpática recepção oferecida a D. Pedro quando de sua chegada à capital gaúcha.

(...) uma homenagem toda especial, realizando um espetacular desfile de tochas, formado por mais de mil pessoas, das quais cada um portava uma lanterna (BECKER, 1968: 55).

Os festejos ainda continuaram em São Leopoldo, com apresentações e com outras festividades, agraciando o distinto governante. A Guerra do Paraguai não só remodelaria a geopolítica sul-americana, mas também traria um novo ciclo de prosperidade. Passados alguns anos, explodiu a Guerra do Paraguai: o vento da morte trouxe uma mudança significativa para toda a colônia. A Guerra batia na porta dos Kroeff, mas o cenário bélico relativamente distante apresentou-se como um dínamo para a região. A indústria do couro recebeu novo alento; se a Guerra era ruim para as vítimas e para os familiares, era ótimo negócio para o setor coureiro, que ajudava a dar força à economia local:

---

<sup>39</sup> No dia 24 de julho.

Os três conflitos seguidos — a Revolução Farroupilha (1835-1845), a guerra Platina (1850-1852) e, por fim, a Guerra do Paraguai (1864-1870) — criaram um expressivo aumento de demanda, permitindo que, num período de 35 anos, o artesanato de couro vivesse sucessivas fases de grande produção. Nos períodos em que a procura diminuía — por não estar em andamento nenhum conflito — a demanda dos mercados próximos era, entretanto, suficiente para garantir a sobrevivência do artesanato. Isto, por certo, ajudou a sua consolidação, fazendo com que São Leopoldo fosse, ao fim da Guerra do Paraguai, um importante centro de manufatura de couro (CARNEIRO, 1986: 29).

O dinamismo da Guerra, emprestado ao ofício do couro, era importante alavanca para essa incipiente indústria local. Mesmo sem uma comprovação tácita, ao importar vinhos, o *Hotelzito* exercia a dupla função de “atacadista” e de “varejista”.

Os que não exportavam deviam seguir no velho esquema do escambo, em que produtos da colônia eram trocados por manufaturas e por outros víveres, entre os quais sal e açúcar. Sobre o escambo na colônia, Seyferth (1974) dá uma visão mais acurada de como deveria ter sido essa relação nas vendas longínquas. A autora escreve sobre uma Santa Catarina pouco próspera, mas que serve de parâmetro para o presente caso:

A primeira facilidade, o comércio em pequenas quantidades — o colono vendia ou trocava os seus produtos agrícolas e voltava para sua propriedade levando bens de consumo para uso da sua família. A venda servia ao mesmo tempo como local de armazenagem de produtos agrícolas e como ponto de distribuição de mercadorias não-produzidas na área (SEYFERTH, 1974: 96).

Esses pontos de comercialização familiar, as vendas, eram múltiplos e respeitavam certa distribuição geográfica. Localizavam-se nas sedes das picadas, nos *entroncamentos* das rotas principais: a produção exigia e a demanda possibilitava tal estrutura. Jacob não teve tantas facilidades em seu cotidiano, pois Hamburgo Velho já estava mais próximo de São Leopoldo, possibilitando maior concorrência em favor do produtor, não preso a um único comprador.

Vale referir que a “venda” trabalhava com dinheiro vivo e o escambo, troca de mercadoria direta, sem envolvimento de dinheiro em espécie. O produtor trazia parte da sua produção que era trocada, por ferramentas, sal, velas, e uma infinidade de

itens tão necessários a sua subsistência, que ele, colono, era incapaz de obter em suas terras. Assim o “vendedor” poderia novamente arbitrar um valor mais elevado aos pobres agricultores, que perdiam duplamente ao repassar os seus alimentos sempre subvalorizados e adquirir o que faltava em casa, com valores inflacionados. Parte da labuta era consumida e indiretamente ganhava um “sócio” indesejável, o vendedor.

Isso era bastante evidente no Vale do Itajaí (SC), em que Seyferth (1974) fez as suas pesquisas, na década de 1870 se reproduz o clamor dos colonos agricultores teuto-catarinenses, dirigido à sua Majestade no ano de 1864, para melhorar as vias de comunicação, as estradas semiabandonadas:

Essa implorada graça nos ministrará um affortunado progresso livrando-nos do fragello de não sermos então mais forçados a vender os nossos produtos nas mãos dos poucos negociantes estabelecidos na Sede da Colonia por preços absolutamente a descreção delles e de comprar delles em troca as nossas prezisões, que as nossas terras produzem, por preços caríssimos (SEYFERTH, 1974: 101).

O frete, em geral, aumentava muito o custo dos produtores, e vender para o comerciante local, mais próximo, era a maneira de evitar a contratação das mulas ou dos lanchões (barcos) responsáveis pelo transporte à época. Nesse sentido, o relato da Senhora Langendonck (2002) dá mostras disso. Ela adquiriu terras do Conde de Montravel que, coincidentemente, foi a mesma colônia onde a família Wiltgen<sup>40</sup> adquiriu suas primeiras terras para lavrar.

As terras da colônia eram excelentes, produziam magníficas colheitas, mas a impossibilidade do transporte tornava nulo seu valor. Hoje em dia, dizem, um agente da Sociedade compra essas colheitas e utiliza as mulas da administração para fazê-las transportar por distâncias e fadigas enormes, seja até o Jacuí, seja até alguma venda da região dos campos que tenha relação com Porto Alegre. Se forem levadas em conta essas despesas com transporte, as receitas dos colonos deverão ser mínimas (LANGENDONCK, 2002: 74).

---

<sup>40</sup> A Família Kroeff vai se misturar com os Wiltgen. Vale lembrar que tanto Nicolau Kroeff como Jacob K. Netto vão casar com duas Wiltgen: Adelina e Ottylia, respectivamente.

Para os colonos da grande São Leopoldo, o transporte não poderia ser tão proibitivo. Jacob Kroeff deve, pois, ter comprado parte da produção dos “vizinhos”. Contudo, estes não eram presos a um único comprador que melhor arbitrava os valores das mercadorias, como no exemplo catarinense acima citado. Mesmo com lucros menores, os agricultores evitavam a quebra com o armazenamento, outra calamidade de outrora. Já, com algum dinheiro no bolso, eles repassavam a responsabilidade para os vendedores — aqui, Jacob agora se preocupava em redistribuir logo os alimentos pela localidade ou por arcar com o envio para Porto Alegre.

Esse tímido comércio foi crescendo; além disso, mais e mais se produziam alimentos. Porto Alegre era o destino maior dos bens agrícolas e dos subprodutos — banha, couro e ossos. Mas nem tudo brotava da terra: tanto Novo Hamburgo quanto São Leopoldo vão ter as suas iniciantes fabriquetas, como o beneficiamento da banha que vira sabão e o do couro *in natura* que recebe seus vários *banhos* nos curtumes — e se torna fonte de riqueza para a redondeza. O couro trabalhado, “curado”, alcançava preços mais atrativos, auferindo ótimos lucros ao curtume.

A antiga e intensa atividade comercial vai crescendo ao longo dos anos: a entrada de capitais na colônia poderia ter maior meio circulante. Sobre a economia colonial, este estudo se baseia no trabalho de Roche (1969) e de Paul Singer (1977) — este último, por sinal, direciona o seu estudo financeiro a núcleos populacionais. Seu livro é dividido por macrorregiões, por estados e por cidades. Ao abordar a economia de Porto Alegre, o centro consumidor por excelência, cita São Leopoldo, o núcleo da produção. Para fins didáticos, ao falar sobre Blumenau, tem-se a possibilidade mais próxima de se entender o sucesso em São Leopoldo — e, a reboque, Novo Hamburgo.

O desejo de vencer em terras inóspitas, a labuta inicial dos colonos em limpar a terra e dali colher os frutos, em produzir a sua riqueza nas pequenas propriedades, todos esses esforços tiveram que contar com o suporte de Porto Alegre, aliado a batalha individual.

Sobre a capital, Porto Alegre tornou-se o ímã das atenções, pois a cidade aumentava, assim como as suas demandas por roupas, alimentos e manufaturas.

Em contrapartida, São Leopoldo se esforçava para nada faltar àquele núcleo, recebendo os seus dividendos. Não só burocratas, mas também gente da caserna engrossavam a lista dos habitantes. Porto Alegre, como principal cidade no limite sul do Império brasileiro, tinha os seus quartéis recheados de praças, atentos ao que se passava. Assim, guerra e soldados eram uma paisagem tão típica quanto as coxilhas.

A capital, de fato, comprava muitos alimentos coloniais produzidos de maneira coletiva. O minifúndio possibilitava, desta maneira, a produção variada de produtos agrícolas. Deste modo, São Leopoldo era o Município de maior produção agrícola do Estado: com uma divisão mais racional e com mais gente dona de seu quinhão, a produção aumentava consideravelmente. O espírito empreendedor era reflexo das necessidades de sustento. Produzir era, pois, o caminho individualizado para escapar da fome e para fugir da miséria. Tudo isso é muito diverso da Zona Sul a outra metade do estado gaúcho, tão acostumada com o trabalho escravo e semisservil, em imensas áreas pouco produtivas.

Os colonos vão ajudar a modelar um tipo médio, a saber, entre os que tinham muito, os ditos Coronéis (elite econômica e política), e os miseráveis. Além dos agricultores, alguns funcionários públicos vão engordar essa frágil classe média. O Rio Grande do Sul apresenta, assim, uma face mais justa e empreendedora. O minifúndio, impulsionado pela atividade familiar na região colonial vai ajudar a promover um desenvolvimento mais próximo a capital, Porto Alegre. Já, a Zona Sul do estado, acostumada ao latifúndio a cada dia perde seu elã e importância no cenário local. Sem entrar muito nas razões que levaram uma considerada estagnação das charqueadas, algumas hipóteses podem ser alinhadas. Um seria o não uso de técnicas mais modernas, desde a valorização laboral até o atraso no uso de frigoríficos, avanço tecnológico que possibilitaria obter novos mercados, e competir de igual com os produtores platinos. A própria Revolução Federalista será outro entrave, pois o eixo de poder político havia se mudado para Porto Alegre e imediações, como a rica colônia de São Leopoldo. Assim, toda uma política de estado vai se centrar em interesses alheios a política dos agropecuaristas.

Retorna-se, após esse preâmbulo, a Jacob e a paisagem de Novo Hamburgo. O açougueiro alemão Jacob Kroeff revê a sua “tortuosa” Merl, ali em Hamburguer-Berg — muitas situações se assemelhavam às paisagens de sua vida:

Hamburgo Velho.

Está localizado no centro-oeste da cidade de Novo Hamburgo. O terreno é acidentado com presença de elevações e morros. As principais elevações são aquelas em que hoje estão a Sociedade Aliança, a Fundação Evangélica, morro da igreja Nossa Senhora da Piedade (SCHÜTZ, 2001: 71).

Há, pois, um menor estranhamento entre o que Jacob deixou para trás e o que veio a descobrir, aos poucos, no Novo Mundo. Joahann Dreher assevera isso com o testemunho de Heirinch Georg Bercht:

Meu tio tinha na propriedade de Zarretin instalações para dois cavalos, cerca de seis vacas e alguns porcos, e uma casa muito grande na qual havia uma venda em que eram encontrados todos os produtos que os colonos necessitavam (2). A propriedade estava localizada diante da casa do pastor, com algumas enormes tílias, e perto da igreja. Como rapazes, podíamos ir com a carroça para o campo e prestar ajuda até ao ponto que o permitiam nossas forças, o que naturalmente encarávamos com muita alegria. (...) (2) – Chama a atenção da semelhança desta propriedade com a respectiva casa comercial com as assim chamadas ‘vendas’ nas zonas coloniais alemãs no Rio Grande do Sul de até pouco tempo atrás (DREHER, 1988: 38).

O clima temperado, a paisagem, os rios, alguns familiares, a igreja com os seus rituais em língua alemã criavam uma *zona de conforto*, em que Jacob podia e iria progredir, achar-se bem consigo mesmo, nutrir de alimento e de esperanças os seus filhos — o Rio Grande do Sul colonial alemão recordava em muito a sua Merl natal e o Palatinado. Cabe ressaltar também que a expressão acima em itálico é originária da Biologia — hoje retrata mais o caráter psicológico, aspecto que aqui ganha terreno e importância:

‘Zona de conforto’ — é uma expressão interessante, usada pelos técnicos para designar determinadas condições de temperatura, unidade e movimento do ar dentro do qual vivemos e nos agitamos (ROQUETTE PINTO, 1982: 65).

Tem-se, pois, aqui, uma *mini-Alemanha*, região com vários atributos da antiga morada. Em relação ao conceito de região,

a partir da chamada 'geografia crítica' (que incorpora as premissas do materialismo dialético e histórico), alguns geógrafos têm proposto um novo conceito de região, capaz de apreender as diferenças e contradições geradas pelas ações dos homens, ao longo de sua história, em um determinado espaço. Para esses geógrafos, a organização espacial sempre constitui em uma categoria social, fruto do trabalho humano e da forma dos homens se relacionarem entre si e com a natureza. Partindo desse quadro teórico, definem 'região' como a categoria espacial que expressa uma especificidade, uma singularidade, dentro de uma totalidade: assim, a região configura um espaço particular dentro de uma determinada organização social mais ampla, com a qual se articula (JANAÍNA AMADO citado por SILVA, 1990: 8).

Um tópico que merece ser ressaltado diz respeito à ausência de capacidade de os colonos alemães realizarem aqui o papel de lavradores. De acordo com Emílio Willems,

o emprego de técnicas extensivas foi visivelmente influenciado pela agricultura rudimentar do caboclo e pela falta de uma tradição agrícola de muito imigrantes alemães que aqui se dedicaram à lavoura. Mas foi, como já dissemos, precisamente a falta de conhecimentos agrícolas desses imigrantes que lhes facilitou a integração no meio brasileiro (WILLEMS, 1980: 239).

O referido autor completa a informação sobre o aperfeiçoamento das técnicas agrícolas — o que era desenvolvido na Alemanha não vinha com os novos colonos, já dispersos pelas cidades do Velho Mundo, alheios às inovações do campo mais comuns aos latifúndios. Sem dúvida, o seu dia-a-dia não era rural.

A aplicação de princípios científicos caracteriza a agricultura do século 19. Adubos químicos começaram a ser usados a partir de 1850, mas em escala reduzida. Só depois de 1890 esses processos generalizaram em todas as camadas da população rural. Pode-se dizer, portanto, que o século 19 estava no signo de uma transição intensiva e cada vez mais racionalizados. A mudança estava estreitamente associada a certos fatores que articulavam, em escala crescente, as zonas rurais com mercados urbanos, tomando-lhe os resquícios de auto-suficiência que às vezes haviam conservado (WILLIEMS, 1980: 237).

Leo Waibel (1979), particularmente, apresenta as razões disso:

Primeiro: quase todos os colonos europeus que imigraram para o sul do Brasil eram pobres, e muito poucos eram agricultores treinados e experimentados. Não puderam resistir ao novo meio econômico e rapidamente **adotaram os sistemas agrícolas dos nativos**. (...) Terceiro: Presumindo que os imigrantes europeus aplicariam o sistema extensivo de rotação de terras, tanto o governo como todas as companhias particulares de colonização deveriam ter repartido lotes muito maiores aos colonos. Aplicar um sistema agrícola extensivo em pequenas propriedades é uma contradição em si mesmo. Isto nos leva a considerar o tamanho das propriedades dos colonos da mata do sul do Brasil (WAIBEL, 1979: 256, grifo nosso).

Para exemplificar a falta de aptidão e a “imediate” *caboclalização* dos germânicos, é bastante pertinente o relato do boêmio Josef Umann (1981). Esse imigrante tardio, em relação a Jacob Kroeff, aqui chegou por volta de 1876, indo morar nas terras de Linha Cecília, a *duas horas*<sup>41</sup> da atual cidade de Venâncio Aires. A leitura de seu “diário”, traduzido pela Professora Hilda Flores, é um importante testemunho, das dificuldades de se ter pouco estudo e nenhum conhecimento agrícola, pois nem todos os colonos tinham educação formal. Esse trecho em especial faz referência à ignorância agrária e à necessidade de se reproduzir o sistema local de limpeza e de plantio do solo:

Também nós quatro vizinhos havíamos desmatado nossas roças, e não pudemos aguardar tempo favorável à coivara<sup>42</sup>. Colocamos fogo cedo demais, pelo que trechos do roçado queimaram mal ou nem pegaram fogo. Eu particularmente tive grande prejuízo, em tempo e na colheita. Muitos teriam regressado à pátria, se tivessem tido os meios para tal. Mas esta hipótese estava fora de cogitação, e por isso só restava pegar no duro (UMANN, 1981: 55).

De volta à família Kroeff, com a morte da sua primeira esposa Tecla (1828-1878), Jacob Kroeff (1822-1886) casou-se, mais uma vez, mas antes foi necessária a partilha dos bens. O inventário comprova a melhoria considerável em relação as suas parcas economias, acumuladas em Merl. Assim, Jacob Kroeff era um comerciante bem-sucedido na região.

---

<sup>41</sup> Venâncio Aires era a cidade mais próxima.

<sup>42</sup> Coivara é o processo de queima da vegetação rasteira, em que as cinzas ajudam a repor parte dos nutrientes perdidos.

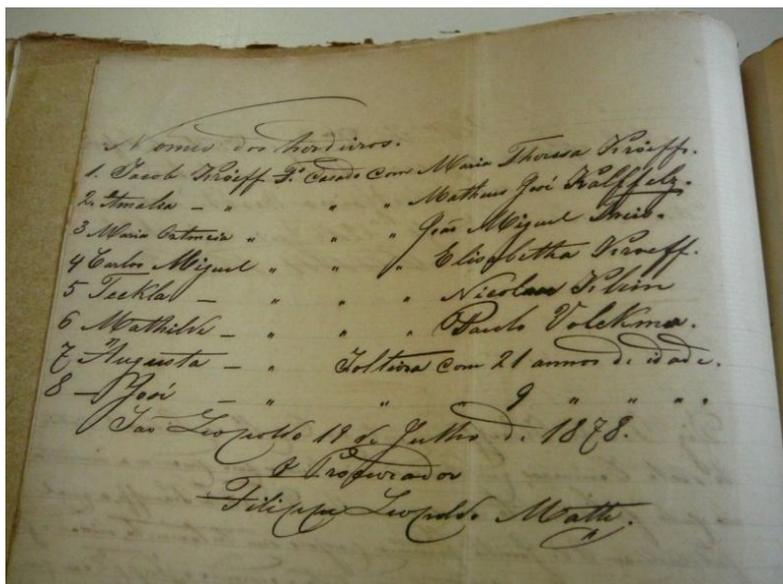


Figura 10: Inventário de Tecla Kroeff, falecida em 1878.  
Fonte: APRS, inventários São Leopoldo.

Por não mencionar valores, é de se imaginar que os bens ficaram na sua totalidade com Jacob, que ficou viúvo, mas não solitário. Com a morte de sua companheira de longa data, com a qual teve oito filhos, a vida seguiu e Jacob casou-se, em seguida, com Helena Maria (1852-1905), tendo mais quatro filhos: Ida, Hugo João<sup>43</sup> e Benjamin — este último teve morte prematura.

É importante destacar que a “viuvez” era algo comum tanto na Europa quanto na colônia do Brasil (ambiente insalubre), pois na ausência de maiores auxílios de médicos ou parteiras, geralmente produzia mulheres frágeis, castigadas por uma gravidez de alto risco. Assim, um acidente, infecção ou problema médico levava em grande medida a debilitação dos indivíduos, em especial as mulheres, que gestavam, amamentavam e tinham uma jornada de trabalho bastante similar à dos homens. Contudo, Tecla Kroeff (primeira companheira de Jacob) viveu bastante a ponto de criar todos os seus filhos: o caçula José tinha 17 anos de idade e já seria aceito como adulto de então. Outra informação decorrente desses documentos era o retorno de José para a Alemanha. Segue agora a transcrição do inventário de Jacob

<sup>43</sup> Sobre Hugo João Kroeff temos duas referências: a primeira, como membro da Comissão Julgadora da Exposição de 1924, em Novo Hamburgo, relatada por Duarte (1946: 113); a segunda, com foto de seu escritório em Taquara, como bem retrata Costa (1922:403).

Kroeff, bem mais detalhado e com reflexo da riqueza acumulada já em Hamburger-Berg.

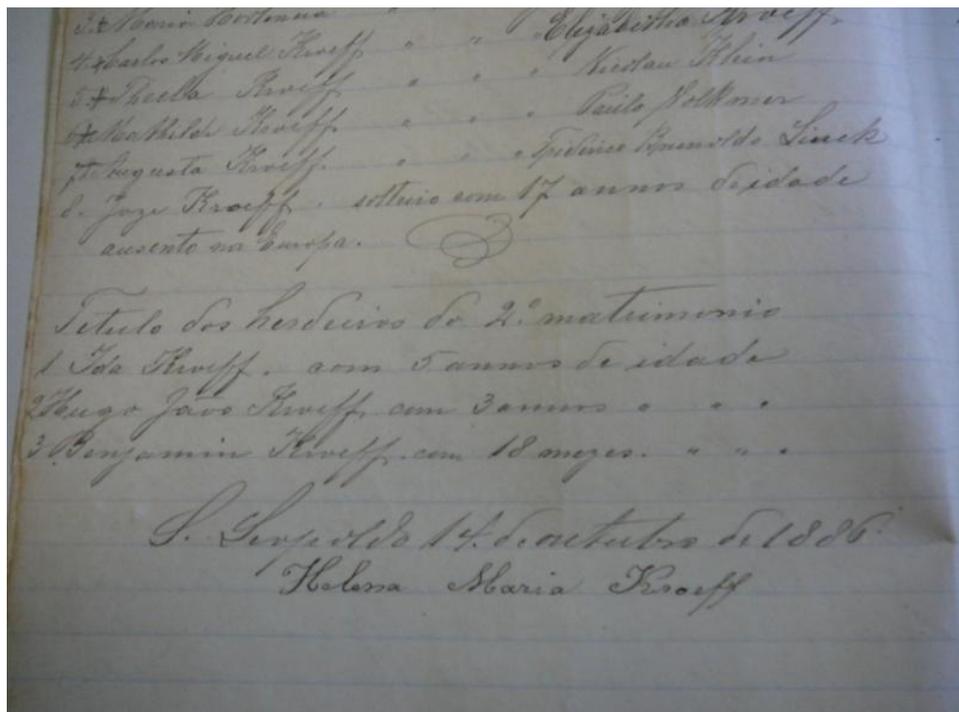


Figura 11: Inventário de Jacob Kroeff, falecido em 1886.  
Fonte: APRS, inventários São Leopoldo.

#### Relação dos bens pertencentes ao casal do finado Jacob Kroeff.

##### Inventário:

##### Bebidas:

- 347 garrafas de vinho nacional;
- 5 dúzias de cerveja inglesa
- 5 garrafas de champagne
- 4 dúzias de Limonada (gazosa [?])
- 21 garrafas de vinho do Reino (Docter.)
- 200 littros de vinho Borda
- 1 Barril com aguardente
- Diversas qualidades de bebidas e copos
- 2 talhas para água
- 1 latta de óleo

##### Moveis:

- 11 mezas, pequenas e grandes

9 lavatorias com seus pertences  
 24 cadeiras  
 2 cadeiras de balanço de primo (velhos)  
 5 diversos Armários  
 11 cammas de ferro, com seus pertences  
 3 marquezas  
 2 cammas de vento  
 1 comoda  
 4 quadro de óleo  
 2 espelhos grandes  
 1 relógio velho  
 8 lampiões para Qerosene  
 1 Piano em mau estado  
 Louça, talhares e bandeijas  
 ..em [Ilegível] da cozinha incluzive um forno p. cozinhar  
 2 Sellins de Lenha  
 2 Lombilho completto de meza em mau estado  
 ½ dúzia de toalhas de meza  
 2 duzias de toalhao pequenas ???? [ilegível]  
 4 duzias de lençóis  
 3 duzias de guarda nap´s  
 Todos os pertences ao açougue de porcos [isso aqui demonstra que o antigo negócio da carne não fora abandonado]  
 Semoventes  
 2 bestas [mulas possivelmente]  
 2 cavallos  
 3 vaccas mancas com crias  
 1 porca com leitões  
 Bem de raiz, situ<sup>a</sup>. Na Fregu<sup>a</sup>. Da Piedade  
 Uma caza com 1 porta e 5 janellas, com mais benfeitorias, edificados num terreno com 79 braças e 8 palmos de frente, e 27 braçasm.vemv. de fundos, dividindo-se ao Oeste com a Estrada geral Pieda., ao Leste com um caminho velho e terras diversas, ao Sul com terras da igreja Cathólica, e ao Norte com a propriedade das irmãs “Engel” dando divide em parte um muro, e a outra por cerca.  
 Mais um pedaço de terras de campo cercado com 256 braças de frente sobre a estrada geral, e 153 vistas de fundo, a intestar com terras de F. Kung dividindo-se, e pela outro lado com visttas da Igreja Catholica.  
 Acções:  
 A metade de 5 acções da Estrada de Ferro de P. Alegre A Novo Hamburgo as quais tem o valor nominal de duzentos mil Réis cada umma. Dois títulos hypotecarios da mesma E. d. F. ambas no valor de sete libras esterlinas

---

Bens de raiz, situados no termo de S. Antonio da Patrulha, comarca do Rio dos Sinos

Dezaseis colônias de terras de Mattos, com cem mil braças quadradas cada uma, sitas no lugar denominado =Ilha=

São Leopoldo 14 de outubro de 1886.

O Provedor do invet.<sup>te</sup>

Julio sperb

As dezaseis colônias acima transcripto fazem parte da posse legitimado em virtude da medição requerida no juiz commmissario daquelle termo, o requerente de Jacob Sesterhenn, cuja medição foi confirmada pela Presidencia da Provincia em 22 de março de 1878, e expedida a respectivo titulo em 13 de Dezembro de 1879, e foram vendido ao inventariado em 18 de Agosto de 1880. Pelo ditto Jacob Sesterhein, por escriptura publica passada nas (...) do tabelião daquelle termo. Era supre o Provedor Julio Sperb (APRS, inventários São Leopoldo).

Sobre o inventário não podemos nos furtar de fazer alguns comentários: o que chama a atenção é a enorme quantidade de bebidas armazenadas em seu estoque — provavelmente, para ávidos consumidores. Além disso, toda a descrição pormenorizada dos itens do Hotel só corrobora o fato de que o local era uma importante fonte de renda e que recebia fregueses com frequência. Ao reaplicar o seu pecúlio em ações, evidencia a presença de capital excedente; como reserva, especulava para obter lucro com os títulos. Ainda, o segundo terreno, de mato, deve ser aquele que cita Domingues (1977) sobre o campo de pasto, sendo, pois, utilizado pelas mulas e pelos cavalos dos viajantes. Também, “as dezesseis colônias” que seriam na verdade terrenos para, novamente, especular, comprar e vender em caso de necessidade ou de outra opção econômica — não se pagava imposto territorial —, era, pois, uma terra ociosa à espera de trabalhadores.

Grande parte desse capital acumulado não parece, em um primeiro momento, fruto do labor em terras nacionais ou ainda não se pode atribuir ao seu tino comercial por aqui desenvolvido. Isso só reforça a ideia de que tanto Miguel quanto Lourenço e Jacob, os irmãos Kroeff, aqui chegaram com algum capital extra e o multiplicaram. Há um reforço da ideia de algum capital a mais do que a média dos colonos, pois esse dinheiro extra foi bem aproveitado. Outro fator que, sem dúvida, ajudou a Jacob foi a opção de adquirir sua propriedade (o hotel) em terras próximas à faixa principal, a via que ligava Porto Alegre a Sapiranga. Muitos colonos apostaram em zonas mais periféricas, que não se desenvolveram tanto quanto Hamburger-Berg, e principalmente São Leopoldo nos anos que se seguiram. Jacob Kroeff fez uma escolha oportuna, pois escolheu uma região bastante movimentada, e o fluxo contínuo de pessoas só ajudou a conseguir maior clientela.

Ainda sobre a sua profissão original, no inventário está relacionado: “Todos os pertences ao açougue de porcos”. Aqui, há mais um ênfase ao seu ofício que não foi esquecido e que deveria ter sido repassado aos filhos homens. Desta maneira, Jacob Filho que vai se considerar “negociante” terá contato com o açougue do pai. Como seu pai, deu-se conta de que só o trabalho braçal de destrinchar os pobres animais não o levaria longe, virou comerciante — progrediu, mas não largou o ramo de atividade do pai. O Hotel se manteve mais ou menos nas mesmas dimensões; já o açougue, vai crescer muito.

O segundo inventário da família Kroeff diz respeito à partilha dos bens de Jacob. Vale ressaltar que Jacob Kroeff Filho assume a guarda do irmão, José<sup>44</sup>; pelo visto, o comando do Hotel, que passa a ser de sua atenção. Contudo, uma fonte de 1900 (FUNKE: 52), que se hospeda no Hotel Kroeff, fala da viúva Kroeff, o que nos leva a ter uma segunda opinião de que o negócio da carne já era mais atrativo que a pensão. Anos mais tarde, a filha mais velha do Coronel, Tecla Lackmann, vai assumir o estabelecimento, o que só reforça o seu controle ou a aquisição total dos outros herdeiros, com a morte da segunda mulher de Jacob Kroeff, em 1905. Em relação à partilha, não se pode afirmar se todos ficaram satisfeitos ou se o Tenente-Coronel Kroeff logrou ou não seus parentes mais próximos — ela sempre deixava margem para discordâncias e para reclamações.

Partilha do finado Jacob Kroeff			
Imp. <sup>cia</sup> dos moveis e liquidos			1:559:700
“ “ semoventes			270:000
“ “ Titulos			85:000
“ “ Raiz			12:300:000
“ Dividas passivas			7:484:997
“ Dinheiro			794:920 Mréis
22:494:617			
	Meação	da	viúva
11:247:308			
	D.º		fallecido
11:247:308			
	Legitima		C[?]11
1:022:482			
Pagamento a meação da viúva			
11:247:308			
Os moveis e liquidos (ilegível) o piano			
1:509:700			

<sup>44</sup> José Kroeff nasceu em 03-11-1870, em Costa da Serra, atual Novo Hamburgo. Além de ótimo aluno, foi premiado várias vezes no Colégio Nossa Senhora da Conceição; optou pela vida religiosa. Para tanto, ingressa na Companhia de Jesus, onde já na Holanda se aperfeiçoa. Infelizmente tem vida breve e morre em Exaten em 12-04-1891. Segundo os registros dos membros da Companhia de Jesus: “Em julho de 1886, José Kröff viajou sozinho de navio a Blyenbeck, Holanda, para fazer o noviciado. Entrou na Companhia de Jesus, dia 09 de setembro de 1886. Após os votos do biênio, foi ao Colégio de Wijnandsrade, Holanda, para estudos humanísticos e retóricos (Juniorado), onde demonstrou facilidade nos estudos e madureza de juízo. Em 1890, depois de superar uma gripe, ficou doente do pulmão. Em Exaten, piorou e recebeu os últimos sacramentos com toda a devoção. Faleceu piedosamente no Senhor, no segundo domingo depois da Páscoa, dia 12 de abril de 1891, pelas 3 horas da manhã. O escolástico José Kröff tinha 20 anos de idade e 4 de Companhia. Seu amor a todos se demonstrou pelo fato de, sentindo a morte, chamar a todos e despedir-se com sincera caridade, recomendando-se às orações de todos. Durante a doença que obrigou por quase um ano na cama ou no quarto, foi exemplo para todos por sua paciência e paz de alma “ (BRM).

Os semoventes  
270:000  
Em dinheiro  
344:955  
A divida de Jacob Serterhein  
9:12:581[?]  
A casa de 1 porta e 5 janellas  
5:100:000  
O portreiro  
2:400:000  
Nas 16 colonias somente 710:072 (rubrica)  
11:247:308  
Pagamento ao fia<sup>ro</sup> Jacob Kroeff F<sup>lo</sup> (rubrica)  
1:022:482  
No que deve a herança  
1:005:482  
As 5<sup>a</sup>. parte da metade das 5 acções  
10:000  
Idem “ do titulos hypotecarios sem<sup>e</sup>  
7:000  
Pagamto a herdeira Amalia Bade (rubrica)  
1:022:482 [esse é o valor que cada um dos 12 herdeiros recebeu,  
escolhemos essa senhora para exemplificar] . (11 filhos mais a esposa)

Em trato para hypotheca legal do menor José  
Nome do responsável Te. Corel. Jacob Kröff Filho [pelo visto ele já se  
tornara tenente coronel mais cedo que imaginávamos]  
Domicilio 2<sup>a</sup>. Distr<sup>o</sup>. de S. Leopldo  
Profissão Negociante  
Nome do menor José Kröff  
Filiação Filho legitimo dos finados Jacob Kröff  
e Tecla Kröff  
Razão da responsabilidade Tutella  
Data da responsabilidade Em 29 de Novembro de 1886  
São Leopoldo, 29 de Novembro de 1:886 Jacob Kraeff Filho  
[assinatura]

O velho hoteleiro Jacob (sênior), figura amável, segundo Schupp (2007), deixou uma boa herança aos descendentes, tanto econômica quanto cultural. Frequentador da igreja reforçou os valores cristãos e educacionais, que trouxe e que manteve aqui no Novo Mundo. Sua postura afável abriu portas e contatos, fez uma grande rede de conhecidos, investiu e multiplicou os seus recursos monetários (que trouxe na bagagem), pagou os estudos dos filhos e a Jacob Filho lhe transmitiu o seu ofício e o seu gosto pelo negócio da carne — outra forte presença econômica na vida da Família Kroeff. Não se deve esquecer que o hoteleiro aproximou Jacob Filho da futura esposa que, igualmente, tinha os seus atributos financeiros, fato que auxiliou na vida de recém-casados.

### 3 JACOB KROEFF FILHO

Escrever sobre a infância de Jacob Kroeff Filho é, sem dúvida, mencionar o seu ambiente familiar, como já foi descrito nas páginas anteriores e o Hotelzinho. Outra parte de seu convívio ocorreu no “açougue” do pai — essas são, pois, as reminiscências mais óbvias, de seu dia-a-dia nas emergentes ondulações de Hamburger-Berg. Sobre algum trauma da viagem náutica, entre a Europa e o Brasil, a tradição familiar nada reservou, tanto em documento material quanto na história oral.

Jacob passou os primeiros anos junto à família; ao “entrar” na adolescência, mudou-se para Porto Alegre, cidade com mais recursos, onde é possível receber uma educação mais aprimorada. As primeiras letras eram repassadas por alguém da família ou por um tutor que dividia os custos com os outros pais de alunos da região. Por ter maiores pretensões com seu filho, as velhas lições escolares de Merl não haviam sido esquecidas: Jacob Kroeff prefere, mesmo com o filho longe, garantir-lhe um estudo mais aprimorado. Kroeff Filho ruma sozinho, então, para a capital do Estado — sua idade nessa época é um mistério. Talvez já soubesse ler razoavelmente — deveria ter por volta de 10 anos, ou seja, em 1860:

Foi Jacob Kroeff Filho que veio com os pais com a idade de 4 anos ao Brasil. Passou sua juventude em Porto Alegre onde estudou no colégio dirigido pelo sr. Clemens Wallau. Quando ele voltou para casa, seus pais o admitiram nos negócios do pai (KROEFF, 1980: 2).

Sobre a educação no interior, outro exemplo da Família Kroeff (do ramo de Lourenço) é que cabiam às mulheres ou a algum tutor as “primeiras letras” — Mário

Kroeff (1972) confirma isso, quando fala sobre o papel feminino, em especial de sua mãe:

Guardo, na saudade, a imagem daquela filantrópica mulher, sentada à cabeceira de uma mesa, cosendo e ensinando cartilha à criançada da Fazenda. Serena, cuidava da lida cotidiana e até dos afazeres do campo, de comum acordo com meu irmão mais velho. Satisfeita com o dever cumprido, às vezes alegava: 'Já ensinei muita gente a ler. Só ao negrinho Jacinto não consegui meter o alfabeto na cabeça' (KROEFF, 1972: 14).

Em relação a Porto Alegre, esta não era uma cidade muito populosa e contava com um significativo contingente de estrangeiros: era recheada de imigrantes alemães, como Jacob Kroeff Filho. A respeito da influência destes últimos na Capital,

no conjunto de registros, despertam atenção as numerosas observações quanto à influência alemã em Porto Alegre e sobre a importância do contingente germânico nas atividades comerciais e industriais. Essa caracterização da cidade como “meio alemã” aparece em numerosos textos e sobreviveu ao avanço do tempo, inclusive após o ingresso de outros contingentes migratórios (NOAL FILHO, 2004: 9).

Mas há outro relato sobre a capital gaúcha, produzido pelo viajante Robert Avé-Lallamant, por volta de 1858, médico da Santa Casa do Rio de Janeiro, que tinha como destino visitar Aimé Bonpland (Corrientes, AR), amigo, nas Bandas Orientais:

Mas a reminiscência nórdica não se restringe apenas ao alto da Cidade de Porto Alegre, de onde se pode contemplar longa distância. Desce também à parte comercial. Ali toda parte se vê gente de raça loura perambulando. A cada momento se vê um alemão transitando, a cada momento se vê um nome alemão sobre as portas das casas e se ouve a rude língua alemã do Holstein e do dialeto pomerâneo até ao bávaro renano. Deve haver em Pôrto Alegre uns três mil alemães, ao passo que toda a cidade tem mais de 20.000 habitantes (AVÉ-LALLAMENT, 1953: 97).

Voltando ao período em que Jacob Kroeff Filho estava no colégio, não se guardou registro disso. Existe, de fato, uma gama bastante reduzida de anotações<sup>45</sup> ou de dados sobre os alunos matriculados. Cabe dizer que o ensino era, em grande

---

<sup>45</sup> O Colégio Santa Catarina, por exemplo, dispõe de um livro com o nome, filiação, sexo, data de entrada e de saída da instituição. Da mesma maneira, o Colégio São José.

parte, leigo: Magda Gans cita o Professor Wallau<sup>46</sup>; ela enfatiza o caráter do professor particular ou das “escolas”. De acordo com a referida autora, o Professor teria iniciado as atividades “escolares” em 1856 — Jacob Filho foi um de seus primeiros alunos.

Ainda sobre o assunto, pequenas escolas da época, Célia Ribeiro (2007: 41), que faz um extensivo estudo sobre o Professor Fernando Gomes, explica, em parte, porque esses recém- chegados escolhiam o caminho das letras e aqui optavam por abrir uma escola —por exemplo o Professor Wallau. Não estava distante o tempo de abrir o seu próprio colégio, como um negócio rentável na época, quando a Província dispunha de poucos estabelecimentos de ensino e o Governo facilitava a abertura de escolas privadas, sem lhes cobrar impostos.

Outro subsídio emprestado da pesquisa de Célia Ribeiro (2007) contempla o dia-a-dia das aulas, com o uso comum da palmatória. Em contrapartida, a escola tentava aprimorar-se, Rodrigues (2000: 38 e ss) faz alusão ao método Lancaster de ensino que nos dá outra base para um currículo comum às escassas escolas públicas de então. Contudo, o método foi abolido por falta de pessoas capacitadas, o que invariavelmente prejudicou a sua correta aplicação.

Nos colégios privados, por exemplo, o Souza Lobo, outra importante escola de Porto Alegre nessa época, as disciplinas deviam ter algum grau de semelhança ao ensino público, sem esquecer os *expertises* de cada professor, com a maior possibilidade de flexibilização da cartilha de ensino. Para exemplificar, eram oferecidas as seguintes disciplinas no Colégio Fernando Gomes: Latim, Francês, Inglês, Alemão, Aritmética, Geometria, Trigonometria Retilínea, História do Brasil, Elementos de Geografia, Cronologia, Retórica, Poética, Filosofia Moral e Racional.

---

<sup>46</sup> Que também será um dos redatores do jornal de língua alemã “Deutsches Volkblatt”, fundado em 1º de janeiro de 1891.

O primeiro redator indicado pela diretoria anônima foi o Sr. Klemens Wallau, por longos anos o fiel advogado da comunidade católica de Porto Alegre. Fora inteiramente talhado para o posto pelo que representavam sua pessoa, sua reputação, seus variados conhecimentos sem tardar e sua rica experiência. O novo redator encontrou sem tardar um eficiente auxiliar num jovem e talentoso sábio de nome Hugo Metzler, o qual, depois que o Sr. Wallau faleceu pouco tempo depois, em 1893, tornou-se seu sucessor. Não tardou para que Hugo Metzler tivesse ocasião de demonstrar ser o homem a quem se aplicava o verso de Uhland: “O valente sábio não se intimida” (Der wackre Schwabe fürcht sich nicht) (SCHUPP, 2004: 263).

“As aulas começavam às oito da manhã e iam até o meio-dia, também aos sábados” (Ribeiro, 2007: 48).

Outra particularidade da educação daquela época era o alojamento anexo ao colégio, que onerava ainda mais os custos do aprendizado. Os pais viam os seus recursos diminuídos, porque, além de pagar a escola, gastavam com a “hospedagem”. Educar os filhos era por demais caro, e o número de pretendidos candidatos diminuía; em alguns casos, cabia à família escolher um ou dois filhos, que seriam agraciados em morar longe de casa para saber mais do que o “bê-á-bá”. Por ser homem, é fácil imaginar que a escolha recaiu “naturalmente” para Jacob Filho.

O tempo total que Jacob estudou permanece uma incógnita, mas pode-se imaginar que concluiu os estudos junto ao Senhor Wallau. Após tal período, o jovem Kroeff Filho retorna à colônia para ajudar o seu pai, junto ao Hotel. O contato entre pai e filho durante os anos escolares deve ter sido reduzido, promovido por cartas. A viagem até a Capital era feita de lanchão ou no lombo do cavalo, durava mais de sete horas, não era repetida continuamente. Outro momento em que se matava a saudade eram as férias, provavelmente em dezembro e parte de janeiro.

Agora, a análise volta-se ao tio mais velho de Jacob K. Filho, Miguel Kroeff. Sua importância já foi citada; contudo, ganha aqui um novo destaque, pois alugou uma sala na Sociedade Germânica de Porto Alegre. Isso funcionou como um contato a mais para Jacob Filho, que recebeu a visita de seu tio e que entrou em contato com a elite teuta que se reunia nos salões da referida Sociedade. Nina Tubino apresenta valores específicos:

A sede provisória foi a parte superior de um sobrado, alugado da senhora Justiana de Freitas Valle. O aluguel estabelecido de \$54 mil réis e a Sociedade sublocava o andar térreo para a firma Kroeff & Abrecht por 20 mil réis. (...) O movimento da Sociedade girava em torno do bar e da copa. O primeiro ecônomo foi o senhor Parfetti, um Brummer que ficou famoso pelo excelente café que preparava (TUBINO, 2007: 155).

A Sociedade era um porto seguro, onde se falava alemão habitualmente. Apesar do aspecto sentimental de lembrar a terra natal (o saudosismo), essa Sociedade buscava unir os seus membros para promover o desenvolvimento dos

alemães que aqui residiam. A seguir, o depoimento de Bercht, em um período bem posterior à sua fundação, por volta de 1900:

Depois de alguns, anos entrei para a Sociedade Leopoldina. Quanto à Sociedade Germânica, sempre ouvia falar que sua vida social era muito dispendiosa e, por este motivo, só me associei bem mais tarde, quando já estava casado. Também eram comuns as noites de dança e de baile em que cada jovem rapaz convidava a sua dama (BERCHT em DREHER, 188: 49).

Desta maneira, Miguel Kroeff engrossou as suas relações com os patrícios em uma rede comum de trocas. A referida Sociedade, de fato, funcionou como base operacional na Capital: por causa do ir e do vir para a distante Santa Maria, facilitou ter aqui um elo em que se articulavam novas alianças.

Também é importante fazer menção ao aporte que o seu tio deve ter dado ao jovem Jacob Filho, quando de seus estudos na Capital. Provavelmente, toda a família, de certa maneira, fez uso e se beneficiou do “rico parente nativo”. Concluídos seus estudos no colégio do Professor Wallau, Jacob Filho retornou ao lar, às colinas de Hamburguer-Berg, por volta de 1870.

O próximo passo a caminho da vida adulta é dado em 1873, quando Jacob Filho se casa com Maria Theresa Steigleder. A união foi longa e duradoura, com uma grande prole. Todos, com a exceção de uma única filha, vão alcançar a puberdade, o que revela alguns registros escolares. Isso é outro indicativo para uma estável condição econômica, pois Jacob Filho sempre pagou pela educação de seus filhos, em um Estado ausente no quesito educação.

Outra forte corrente em sua vida foi a veia política: pode-se afirmar que ele pertencia a uma classe social, acima do ordinário colono. Em uma região dominada pelo minifúndio e escassa em dinheiro, não era preciso ter muito capital para ser considerado rico.

Jean Roche (1969) calcula algo com quatro contos de *riqueza familiar*, como uma referência monetária para o colono ser considerado remediado: Jacob Filho teve bem mais que isso e pôde bancar a educação de sua numerosa família. A casa que comprou era praticamente vizinha ao Hotel e até hoje reside uma descendente

sua, Marlise Lackmann. O sobrenome Lackmann é decorrência do casamento de sua filha mais velha, que herdou o Hotel Kroeff. Sobre o estabelecimento, mudou o seu nome para Hotel Esplêndido, até o seu fechamento, no final da década de 1940 a 1950.



Figura 12 - Jacob Kroeff Filho, pouco antes de casar – c. 1870  
Fonte: Acervo Lutzenberger

Jacob seguiu no ramo da família: tanto no serviço do Hotel quanto no abate de carnes. Seu pai lhe passou os macetes da profissão que trouxera do Velho Continente. Vale referir agora que Hamburgo Velho era uma pequena área; mesmo sem ter que investir muito, ao que consta, Jacob Filho comprou um terreno nas cercanias da estrada de acesso e começou a abater o seu gado. O tino comercial de Jacob Filho sempre foi enfatizado pelo neto Egon Kroeff:

- O vô sempre fora comerciante, essa era sua natureza. Homem de negócio, bem diferente do pai, mais da conversa, e político.

Essa postura lhe trouxe sucesso: com uma vida autônoma, trilhou o seu próprio caminho, contou com o suporte do pai — contudo, via-se como um negociante, nem hoteleiro nem açougueiro. Ao casar com Theresa, herdou, sem a morte dos sogros, a propriedade do KaiserWald, um belo começo que Jacob Filho soube aumentar. Ali era o lugar para criar mais reses, e foi assim que começou, com os seus conhecimentos de porcos e com as “matrizes” do sogro.

O empreendimento cresceu com a sua competência; além disso, conseguiu mandar carne para a capital, um mercado muito maior que a restrita colônia onde residia. Sobre a personalidade do avô, o neto declara<sup>47</sup>:

- Lembro o vô chegando numa aranha para almoçar lá em casa. Na hora do almoço eu e o Lulu ficamos de algazarra na mesa e o velho coronel só olhava. Depois veio a sobremesa e por fim saímos da mesa. Nesse momento o vô chamou o pai para conversar no escritório. Por curiosidade fui espiar, e vi o pai levar uma imensa ‘mijada’ tanto em alemão como em português, devido ao nosso mau comportamento junto à mesa. Era proibido falar na hora do almoço, e o pai foi lembrado assim de modo veemente e não abriu a boca para reagir, ouviu tudo ali, para o meu estarecimento. Olhava para baixo e não dava sinais de réplica, ouviu o que queria e não queria calado mesmo...

Não só as oportunidades estavam à sua volta: com o pai cheio de contatos, seguido de um bom casamento, tudo isso era um ótimo impulso para o sucesso de Jacob Filho.

Mas não é só isso: Jacob Filho (é o que se pode chamar hoje em dia) foi um empreendedor: a sua postura decidida foi algo muito importante no mundo dos negócios em que pessoas resolutas tendem a obter os melhores resultados. Seu ânimo foi de grande valia na atividade cotidiana de argumentação sobre valores, sobre prazos, enfim, sobre as negociações econômicas. A respeito do assunto, Schemes fala sobre os “capitães de indústria” na emergente colônia:

Baseados em Fillion, podemos concluir que esses empreendedores citados<sup>48</sup> possuem as características indispensáveis na constituição de um

---

<sup>47</sup> Jacob Kroeff Filho falece em Fevereiro de 1926; Egon Kroeff nasce em 1920.

empreendedor: identificar oportunidades de negócios, conceber visões e realizá-las, tomar decisões, dominar a tecnologia adotada em seu negócio, saber comprar e vender, saber lançar-se no mercado, cercar-se das pessoas certas e delegar poder (SCHEMES, 2006: 65).

Jacob Filho soube construir para si um pequeno império, que começou no Hotel e que se estendeu ao gado. Ajudado pelo sogro, ampliou o seu abate; em um ritmo crescente, já era um pequeno comerciante local no mundo das carnes.

Outra informação que merece destaque é que uma de suas propriedades foi alugada para ser o início da Fundação Evangélica de Hamburgo Velho:

Em março de 1886, as irmãs e professoras Amalie e Lina Engel criam, no 'Hamburger Berg', em Hamburgo Velho, na freguesia na Nossa Senhora da Piedade, uma pequena escola. (...) Já no primeiro ano, a casa se torna pequena. As irmãs Engel procuram um novo prédio mais adequado para a escola-internato. Encontram-no na Avenida Maurício Cardoso n. 27. A casa pertence ao hoteleiro Jacob Kroeff, dono do Hotel Kroeff, localizado duas casas acima (KANNENBERG, 1987: 19).

Com um pequeno capital acumulado, Jacob Filho tinha outros imóveis:

O vizinho da escola, o senhor Jacob Kroeff, o mesmo senhor que vendera o prédio n. 17 da Av. Maurício Cardoso, em 1886, para as irmãs Engel, vende um tira de suas terras que acompanharam todo o terreno da Fundação. O preço é 100\$000. O valor é considerado muito barato e acessível. A compra é efetivada. O presidente do Curatório ou Diretoria, pastor F. Pechmann, fica encarregado de cuidar da conclusão da planta do aumento e do orçamento. A construção deve ser iniciada imediatamente após. O que se pretende construir? O aumento de 3,50 metros de largura tem dois pisos e acompanha a altura e a linha externa do prédio existente, seguindo a divisa com o Senhor Kroeff (KANNENBERG, 1987: 65).

Suas atividades dividiam o seu dia-a-dia nos interesses pessoais e na observância do Hotel da família. Sobre esse período, entre seu casamento (1873), o início do Matador (1875) (KERN, 1994: 67) e a morte do pai (1886), não se conseguiu muitas informações — entretanto, com datas tão próximas, fica difícil não se fazer uma relação direta entre os eventos.

---

<sup>48</sup> Schemes (2006) escreve sobre Pedro Adams Filho que viria a casar-se com Olga Kroeff (mãe da Sra. Carla Bins, que nos concedeu a entrevista), antepenúltima filha do Coronel. Schemes compara alguns dos empresários de sucesso que progrediram na cidade de Novo Hamburgo, traçando um perfil comum a todos eles.

Vale ressaltar que para o colono a labuta diária o impossibilitava de exercer outras funções. Com pouco capital, com pouco tempo, era vetado ao colono médio realizar novas incursões no mundo dos negócios. Jacob Kroeff (e possivelmente o Filho) tiveram a competência e mais a sorte de ter uma pequena concorrência à sua volta.

Outro aspecto que merece ser levado em consideração diz respeito à criação mais difícil de bovinos em comparação aos suínos. O negócio do gado sempre foi um luxo e poucos eram os colonos com os meios para possuir vacas. Esses animais de grande porte apresentam outras demandas, diferentemente da cultura do porco, que, confinado, é bem mais fácil de ser cuidado e principalmente abatido. A vaca precisa de uma área maior, e os riscos envolvidos também são outro empecilho; além disso, a perda de um desses animais poderia arruinar economicamente o seu proprietário, tal o seu valor para um simples lavrador. Na relação dos animais na colônia do segundo distrito, é bastante evidente tal fato, em que as famílias contavam com meia dúzia de porcos, de galinhas e a vaca, se havia, quando muito, era uma; se muito, um terneiro.

Kroeff Filho pode assim bancar os riscos em seus negócios, com o aporte do sogro e com a demanda do Hotel, repassando o gado ao pai. Sobre este último, contraiu segundas núpcias e aumentou a família com mais quatro filhos, veio a falecer em 1886. Jacob Filho já tinha se estabilizado a essa altura: recebeu uma boa herança; além de uma parcela em dinheiro, recebeu parte do Hotel, deixado aos cuidados da jovem viúva.

Passado o período de adaptação, Jacob Filho e sua esposa produziram uma família numerosa:

-Tecla Philomena - 2 de junho de 1873, casou-se em 4 de outubro de 1892 com João Leopoldo Lackmann (7 de outubro de 1860);

- Antonio Roberto - 29 de abril de 1875, casou-se em 26 outubro de 1898 com Otilia Becker;

- Maria Teresa - 18 de outubro de 1876, veio a falecer muito jovem em 1º de janeiro de 1898;

- Nicolao - 15 de abril de 1878. Casou-se em 15 de junho de 1905 com Adelina Wiltgen;

- Amália Carolina - 9 de dezembro de 1879. Casou-se em 4 de outubro de 1899 com Albino Wiltgen;

- Augusta - 12 de fevereiro de 1881. Faleceu em 28 de janeiro de 1898, tinha-se preparado para ser freira franciscana;

- Jacob K. Netto - 3 de fevereiro de 1883. Casou-se em 16 de outubro de 1906 com Ottylia Wiltgen;

- Ottilia Kroeff - 19 de maio de 1884. Faleceu em 3 de março de 1887;

- Maria Anna (Anita) – 1º de fevereiro de 1887. Casou-se com Alfredo Wiltgen;

- Emma Elsa - 23 de dezembro de 1893. Casou-se em 26 de fevereiro de 1926 com Joseph Lutzenberger;

- Hildegart - 17 de setembro de 1898. Casou-se em 10 de junho de 1922 com Gaston Englert.

Sobre a educação das mulheres, o Quadro 1, a seguir, mostra a relação das filhas e das netas do Coronel Jacob Kroeff Filho que estudaram no Colégio São José:

### 1. Thecla Kroeff

Nome da Menina	Nome do Pai	Residência	Idade	Dia da Entrada	Dia de Saída
Amália Kroeff	Jacob Kroeff	Novo Hamburgo	-	20-janeiro-1889	01-dezembro-1894
Augusta Kroeff	Jacob Kroeff	Novo Hamburgo	-	20-janeiro-1889	26-novembro-1896
Anita Kroeff	Jacob Kroeff	Novo Hamburgo	10anos	01-fevereiro-1897	12-dezembro-1900
Olga Kroeff	Jacob Kroeff	Novo Hamburgo	14anos	01-março-1907	15/dezembro-1907
Emma Kroeff	Jacob Kroeff	Novo Hamburgo	14anos	01-março-1909	13-dezembro-1910
Hildegardis Kroeff	Jacob Kroeff	Novo Hamburgo	-	07-setembro-1913	15-setembro-1916

#### Filha de Helena Kroeff - viúva

Nome da Menina	Nome do Pai	Residência	Idade	Dia da Entrada	Dia de Saída
Ida Kroeff	Helena Kroeff	Novo Hamburgo	12anos	16-fevereiro-1893	30-novembro-1894

#### Filha de Carlos Kroeff [irmão de Jacob Kroeff Filho]

Nome da Menina	Nome do Pai	Residência	Idade	Dia da Entrada	Dia de Saída
Augusta Kroeff	Carlos Kroeff	Novo Hamburgo	14	03-fev-1893	1-dez-1893
Thecla kroeff	Carlos Kroeff	Novo Hamburgo	13	10-fev-1894	01-junho-1895
Frieda Kroeff	Carlos Kroeff	Novo Hamburgo	11	01-fev-1897	18-dezembro-1899
Matha Kroeff	Carlos Kroeff	Novo Hamburgo	12	24-janeiro-1899	01-junho-1900
Marieta Kroeff	Carlos Kroeff	Taquara	14	01-março-1910	07-dezembro-1911

#### Filhas de Jacob Kroeff Neto

Nome da Menina	Nome do Pai	Residência	Idade	Dia da Entrada	Dia de Saída
Elgin Kroeff	Jacob K Neto	Novo Hamburgo	08anos	03-abril-1923	4-dezembro-1927
Erna Kroeff	Jacob K Neto	Novo Hamburgo	08anos	01-março-1926	31-julho-1927

#### Filha de Nicolau Kroeff

Nome da Menina	Nome do Pai	Residência	Idade	Dia da Entrada	Dia de Saída
Lilian Kroeff	Nicolau Kroeff	Montenegro	12anos	04-junho-1923	5-dezembro-1925

#### casal Pedro e Bárbara Wiltgen

Nome da Menina	Nome do Pai	Residência	Idade	Dia da Entrada	Dia de Saída
Adeline Wiltgen	Pedro Wiltgen	São Sebastião	12anos	06-fev-1896	12-dez-1900
Otilia Wiltgen	Pedro Wiltgen	São Sebastião	11anos	06-fev-1896	11-dez-1901

Quadro 1- Alunas "Kroeff" do Colégio São José

Fonte: Secretaria do Colégio São José, de São Leopoldo (27 de julho de 2010)

Como se pode constatar, todas as filhas tiveram uma boa educação no Colégio São José — mesmo sem uma indicação, eram alunas internas. As filhas mais jovens começaram os seus estudos no Colégio Santa Catarina, mais próximo de casa, ainda em Hamburgo Velho.

Voltando-se novamente à vida econômica de Jacob Filho, com o capital extra proveniente da herança do pai Jacob Filho deu novos passos e cresceu. Ainda que vivesse em um ambiente restrito, ou seja, em Hamburguer-Berg, esta já contava há algum tempo com o transporte ferroviário<sup>49</sup>, que impulsionou a região: surgiram novos parceiros e o negócio da carne foi ampliado. Com efeito, a construção da Linha de Ferro Porto Alegre-Novo Hamburgo foi um importantíssimo marco para o Estado e principalmente para o escoamento da produção colonial — esta sempre se serviu da Capital, como maior consumidora de seus produtos, ou pelo menos atacadista, como ficou evidente na Guerra do Paraguai. Sobre a estrada de ferro Fortes relata<sup>50</sup>:

Indicamos a seguir as diversas linhas que formaram a Viação Férrea do Rio Grande do Sul:

Linha Pôrto Alegre a Novo Hamburgo – PAHN

Pela Lei 599 de 10-1-1867, o Govêrno da província, autorizou o contrato para estudos e construção da linha Pôrto Alegre a Novo Hamburgo, com um privilégio para 70 anos de exploração. Apresentaram propostas: Johan Genity e Julio Villain, sendo aceita a do primeiro, celebrando-se o contrato em 30—7-1869, para 60 anos. O contrato foi aprovado pela Lei 685 de 27-8-1869. Organizou-se em Londres a “Companhia Brasileira Limitada da Estrada de Ferro de Pôrto Alegre a Novo Hamburgo”, sendo os trabalhos iniciados em 26-11-1871 em São Leopoldo, lançando-se a pedra fundamental da estação local. Em 14-4-1874, foi inaugurado o primeiro trecho, Pôrto Alegre-São Leopoldo.

Em 1-1-1875 foi inaugurado o segundo trecho, São Leopoldo Novo Hamburgo. Em 1905, o Govêrno do Estado entrando em acordo como Governo da União, expediu o Decreto 5.541 de 6-6-1905 em que passa a Estrada para domínio Federal (FORTES, 1962: 2-3).

---

<sup>49</sup> Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_linhaspoa/kroeff.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/kroeff.htm)>.

<sup>50</sup> Para uma visão atual, seguida de histórico das estações e de algumas informações correlatas, ver: Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul (IPHAE, 2002).

De fato, a estrada de ferro facilitou a comunicação entre a portentosa colônia e a Capital. Sempre competindo com o transporte fluvial, foi, aos poucos, minando essa forma de transporte, inclusive como uma concorrência cruel, ao reduzir o preço do seu frete. Especificamente, o que interessa, aqui, é a Parada Kroeff. A Estação Kroeff ou Desvio Kroeff era uma parada que atendia ao matadouro de suínos dos Jacob Kroeff & Wiltgen, fundado em 1912:

Kroeffe – Posição quilométrica – 0    Altitude: 14,11    Inauguração: 1912.  
Parada que atende ao matadouro de suínos da firma Jacob Kroeff & Wiltgen, fundada em 1912 (FORTES, 1962: 73).

Outro dado interessante refere-se ao *trem da carne*<sup>51</sup>, onde o Matadouro Kroeff e seu concorrente Provenzano despachavam as suas carcaças e retalhos para Porto Alegre. O trem passava por volta das onze horas da manhã e abastecia o comércio da capital, dos açougues e principalmente o Mercado Público. As ilustrações abaixo dão ideia da simplicidade de que se está falando:



Figura 13: Parada Kroeff/ Wiltgen.

Fonte: Giebrecht (2007). Disponível em:

<[www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_linhaspoa/kroeff.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/kroeff.htm)>.

---

<sup>51</sup> Tanto Hugo Meztler (s.d.) quanto Alfredo da Costa (1922) fazem referência a esse trem, carregado de carne.



Figura 14: A linha para Canela e desvio para o matadouro.  
Fonte: Giebrecht (2007)



Figura 15: Linha do desvio Kroeff.  
Fonte: Giebrecht (2007)



Figura 16: Parada do trem em frente a casa do Coronel Jacob Kroeff.  
Fonte: Giebrecht (2007)

A revista Mascara relata a abertura do pequeno matadouro de Jacob Filho:

Em 1880 o Cel. Jacob Kroeff Fo. Fundou no antigo Neu-Hamburger um modesto matadouro destinado ao abastecimento de São Leopoldo e desta capital. Tal foi o impulso dado à tentativa nascente, que entrou desde logo numa senda de seguro progresso (MASCARA, 1925, número VII, s. p.).

Sua ágil administração fez progredir o tímido empreendimento: não só o comércio crescia, mas também a sua família, o seu prestígio e o seu poder. Em termos econômicos, comprou terras e aumentou o seu próprio gado, abatendo e produzindo os novilhos.

Em relação ao universo político, com os seus prósperos negócios, a sua participação era outra maneira de fazer contatos e de aproveitar oportunidades. Vale recordar que o ambiente político era diminuto, o Parlamentarismo era regido sob os olhos do autoritário Rei, e a participação político-partidária se segmentava em duas forças antagônicas, a saber, os liberais e os conservadores.

A Política da época era feita pelos Senhores: gente como Jacob Kroeff Filho dispunha de tempo e de dinheiro para exercer as funções públicas e para fazer os conchavos tão necessários ao exercício da Política.

Uma via de acesso à vida política e uma chance de ganhar intimidade com os mandatários ocorriam graças à Guarda Nacional<sup>52</sup>. Esta começou como uma alternativa de descentralização do poder: cada município reuniu um grupo de notáveis para assegurar a ordem e a manutenção da paz pública. Com o passar dos anos, o seu caráter mais municipalista e independente foi-se perdendo: tornou-se um braço armado do Governo nos rincões até mais distantes:

A Guarda Nacional fornecia destacamentos para fora dos municípios em defesa das praças, costas e fronteiras, como auxiliar do exército. No caso de insuficiência de tropa de linha, ou Polícia, dava o numero necessário de homens para a escolta de remessas de dinheiro ou quaesquer efeitos pertencentes à Nação: condução de presos ou condenados; socorro aos municípios conflagrados ou em caso de incursão de malfeitores (FLEIUSS, 1922: 161).

---

<sup>52</sup> A Guarda Nacional também era conhecida como Milícia Cívica. Ver: Fleiuss (1922); para um bom apanhado das origens da Guarda Nacional, Castro (1979).

Ser membro desta organização era estar informado, era ter acesso a informações classificadas, — um apoio aos chefes do Executivo. Nisso residia o interesse de Jacob Filho, que mais e mais se misturava à ordem vigente. A carreira que se seguiu era uma troca de favores entre Jacob e os chefes da Nação. Com a nova licença outorgada pelo Executivo nacional, Decreto n. 1051, de 21 de novembro de 1890, houve a possibilidade de se: “criar commandos superiores e corpos da Guarda Nacional no território do mesmo Estado” (FLEIUSS, 1922:505).

Jacob Filho recebe a patente de Tenente-Coronel, o que o coloca na posição de Oficial superior. Sua nomeação foi no dia 06 de abril de 1891, no Palácio do Governo Dr. Fernando Abbott.

Essa possibilidade de cada Estado regular novamente a indicação e a composição de seu próprio corpo de Oficiais dirigentes abriu a porta para uma nova escalada nas nomeações — há, pois, um crescimento na troca de favores com os líderes locais. Embora a Guarda Nacional tenha sido extinta em 1918, quem ganhou o título manteve a distinção:

Em muitos casos, as pessoas passavam por uma série de promoções de um posto inferior para outro superior, frequentemente comprando a nomeação. Em número de brigadas da Guarda, Minas liderava o país, com 447 brigadas. Dois anos depois, o Ministro da Guerra Nacional Calógeras observou que o Brasil tinha 44.242 oficiais da Guarda Nacional “em serviço”, o Rio Grande do Sul liderava, com 5.908, São Paulo tinha 5.490 e a Bahia 5020 (PANG, 1978: 30).

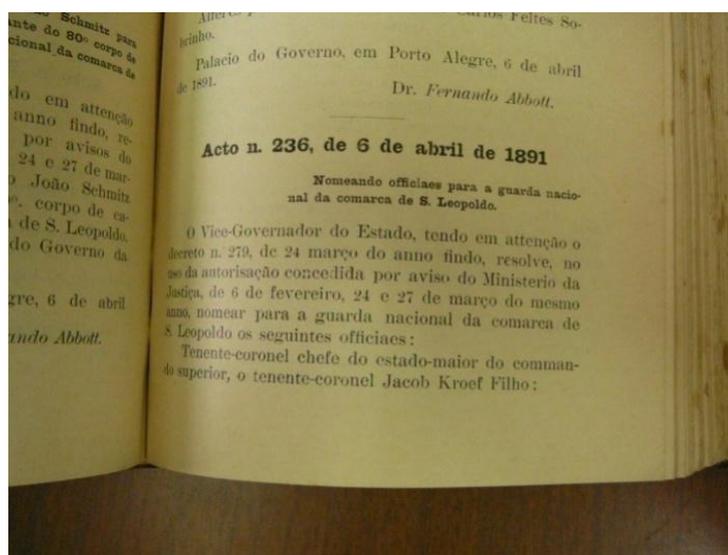


Figura 17: Nomeação de Kroeff F.: tenente-coronel da guarda nacional  
Fonte: AHRS: livro L-620, página 247.

Jacob alcançava, assim, outro nível de poder: de fato, era membro da elite administrativa da Guarda Nacional. Como sempre foi a sua intenção, circulou no mundo dos negócios e no da política partidária. Foi eleito ainda na Monarquia como Conselheiro Municipal: assumiu pela primeira vez em 7 de janeiro de 1887<sup>53</sup>. Passado o turbilhão do golpe republicano o seu próximo passo era deixar o referido cargo e ser Presidente da Câmara de São Leopoldo. Ele foi responsável pela primeira Lei Orgânica do Município, bilíngue, já em tempos de República. Sobre a sua participação política, os Anais da Casa Legislativa Municipal (que se encontram no Museu Visconde de São Leopoldo) apresentam escassas informações — entretanto, um dado fica saliente, no que se refere ao negócio do gado. Em tal período, a quantidade e os tipos de impostos eram reduzidos, se comparados à intensiva carga tributária de hoje. No Município de São Leopoldo se cobrava imposto de exportação e importação: era, pois, a forma de se levantar algum capital — isso pouco se relacionava com alguma política de subsídios. Mesmo convencendo os seus colegas, Jacob Kroeff Filho não conseguiu extinguir o imposto de exportação do gado: este continuou a ser cobrado e na mesma alíquota. Perdida a batalha na Câmara local, partiu para uma instância superior.

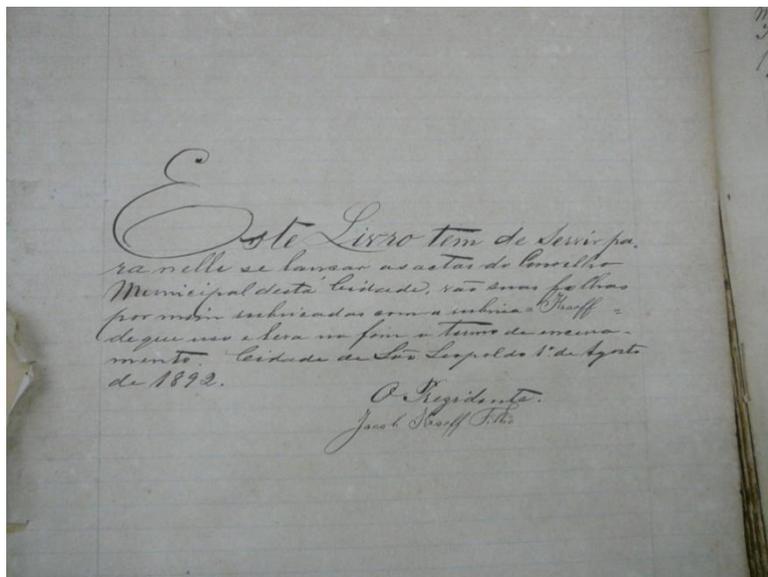


Figura 18: Atas do Conselho Municipal de São Leopoldo: 1892 a 1902.  
Fonte: Museu Visconde de São Leopoldo.

<sup>53</sup>Ver: AHRS: maço 264, ofício do dia 7 de janeiro de 1887, encaminhado à Assembleia da Província. No Documento, consta a assinatura de Jacob Kroeff Filho.

No ano de 1892, foi eleito para a Assembleia Estadual: pelo visto, a Lei facultava a dupla atividade política. Jacob Kroeff Filho criou uma Lei sobre a taxaço da carne verde. A referida Lei teve problemas para ser aprovada: não só diminuía o valor cobrado do gado abatido, mas também incidia sobre os recursos repassados à recém-criada Brigada Militar. Tal instituição, pode-se dizer, funcionava como o Exército do Executivo Estadual. Neste sentido, realocar, diminuir qualquer recurso de tal incorporação causava mal-estar entre muitos Deputados. Luis Englert<sup>54</sup>, que ao lado de Jacob pleiteava a criação do Partido Católico, apoiou o amigo — por fim, a Lei foi aprovada.

Segue, abaixo, a reprodução da Lei (emenda) e os comentários de apoio, extraídos dos Anais da Assembleia:

#### ORDEM DO DIA

Entram em 3ª. Discussão o projecto de orçamento, parecer da respectiva comissão e emendas aprovadas em 2ª.

O Sr. Alencastro da Fontoura falla pela ordem pedindo seja a casa consultada si dispensa a referida leitura, sendo unicamente feita a das emendas aprovadas. Consultada a casa, esta vota pelo pedido do orador.

O Sr. Kraeff Filho justifica a seguinte emenda : Art. 6º. Em vez de 8\$00 por cabeça de gado criar e 4\$000 por cabeça de gado de corte, diga-se : 6\$000 por cabeça de gado exportado. — S.R.

20 de fevereiro de 1893. Jacob Kraeff Filho (Anais, 1893).

Acrescentou-se a Lei outra emenda, que alterou o valor do gado de exportação. É necessário destacar que, à época, a ausência de pressão popular e o começo da Revolução Federalista esvaziaram a Casa Legislativa, o Parlamento ficou um bom tempo sem utilidade, em decorrência da Guerra (Revolução Federalista), e a carta retalhista de Júlio de Castilhos, que visava a esvaziar o parlamento como já se comentou anteriormente. Para a presente pesquisa, é importante frisar que o Deputado Kroeff Filho, em duas legislações,<sup>55</sup> aprovou uma emenda.

---

<sup>54</sup> Avô de Carmen — Kroeff — Englert, e sogro da filha caçula de Jacob Kroeff, Hildegart.

<sup>55</sup> Para o presente trabalho, utilizamos como apoio o texto de Trindade (2005).

O período da Revolução Federalista trouxe muitas vantagens ao Coronel Kroeff. Seu neto, José Maria<sup>56</sup>, ouvia, algumas vezes, quando pequeno<sup>57</sup>, sua mãe comentar que seu sogro (Kroeff Filho) tinha alguns aliados na zona Sul do Estado, gente do gado como ele.

Com o início dos confrontos, os líderes sulistas criaram um boicote e se negaram a suprir a demanda de carne para a Capital. Era a maneira de minar o poder Castilhistas, tirando da população um dos gêneros alimentícios. José Maria continua o seu relato: “O vô não só conseguia comprar carne por lá. Em tal período, Jacob Kroeff Filho fura o bloqueio, revendendo a carne, fazendo bastante dinheiro com o ágio por ele garantido.”

Retorna-se, agora, à sua participação como representante no Legislativo: o Partido Católico de Centro. O modelo para o Partido de Centro, proposto em São Leopoldo, teve as suas origens na Alemanha, em que se combatiam os avanços políticos de Otto von Bismark e de outros liberais que diminuían o poder e a influência da Igreja Católica por lá; aqui, um segundo medo era a expulsão das ordens religiosas ou o confisco de seus bens. Com o fim da Monarquia e do Padroado caíram muitos dos benefícios da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. A ameaça atingia as várias congregações religiosas, ameaçadas de extinção ou de expulsão pelos novos mandatários exaltados: republicanos radicais exigiam a tomada pura e simples de todos os bens das referidas ordens eclesiásticas, por julgá-los de legítima posse do novo Governo Provisório.

Sem Bismarck por aqui, na colônia gaúcha, a inspiração era combater os republicanos — Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros que de forma ininterrupta por várias décadas se mantiveram no poder. Havia, também, a falta de representatividade daqueles ideais religiosos, visto com indiferença pelos dirigentes positivistas. De fato, os partidos republicanos estaduais pouco a pouco desarticulavam as oposições ou os concorrentes.

---

<sup>56</sup>Único filho do casal Jacob Kroeff e Elza Ludwig, que não resistiu e veio a falecer antes da conclusão desta pesquisa.

<sup>57</sup>Essas conversas ou provocações, na hora da janta, sobre o sogro eram recorrentes, pois acreditava dona Elza que seu marido Jacozinho foi prejudicado na partilha dos bens em 1926.

Assim, o Partido dos Católicos Leopoldenses queria uma maior participação na Política e garantia na vida pública. Seus membros eram, pois, temerosos das atitudes dos radicais republicanos gaúchos — na sua maioria, influenciados pelo contismo.

É importante citar Manuel da Cruz que analisa o Partido Católico português — este pode ser relacionado às origens do Partido Católico do Centro Germânico:

Na Alemanha, sobretudo, fora fundado em 1870 o partido do Centro Católico e em 1871 a *Volksverein der deutschen Katholiken*<sup>58</sup> que lhe serviria de suporte social para fazer face ao *Kulturkampf* bismarkiano. De 25% dos lugares do Reichstag obtidos já em 1874, o Zentrum tornar-se-ia em 1881 uma força majoritária do parlamento alemão. (...) No Brasil agitava-se já em 1875 a ideia da criação de um partido católico (CRUZ, 1980: 262).

Manuel da Cruz continua a sua interpretação sobre as origens do Partido Católico português<sup>59</sup>, o qual sofreu uma mudança de paradigma ao entrar em contato com as novas opiniões do Sumo Pontífice. Ele passa, pois, a reconhecer nas Repúblicas uma maneira de assegurar os seus poderes. A nova postura era, de maneira clara, a de cuidar dos interesses da Igreja em cada unidade nacional:

(...) só no início da década de 90 se vai assistir de novo ao relançamento de iniciativas de organização política dos católicos, sobretudo após a publicação da famosa carta de Leão XIII aos bispos franceses *Au milieu des sollicitudes*<sup>60</sup>, de 16 de fevereiro de 1892, preconizando o *ralliement* na recomendação de abandonar a oposição aos regimes liberais e republicanos, para passar a combater apenas a legislação nociva aos interesses da doutrina da Igreja, devendo para isso os católicos procurar a concentração de esforços e pôr de parte as divergências partidárias. Assentava essa política em dois princípios básicos: o da afirmação da contingência e relatividade das formas de governo das sociedades e o da distinção entre instituições políticas dos regimes e a legislação por elas emanada.

---

<sup>58</sup> Provavelmente o autor trocou a letra “V” por “W”, na palavra “*Volksverein*”; se for o caso, teremos na tradução livre: *associação étnica dos católicos alemães*.

<sup>59</sup> O referido Partido terá o seguinte desfecho: “Com ele, vários universitários lançariam em 1901 o Centro Acadêmico de Democracia Cristã de Coimbra, a partir do qual, já depois de 1910, se irá desencadear o movimento juvenil que conduzirá à formação, em 1917, do Partido do Centro Católico Português. Será este o primeiro partido católico a dispor de representação parlamentar. Dele fez parte, e por ele subiu ao poder, Salazar, em 1928 (CRUZ, 1980: 269).

<sup>60</sup> Em tradução livre: *no meio das solicitações ou angústias*.

Os católicos deveriam prestar obediência aos poderes públicos estabelecidos, em nome da considerada imutável necessidade de autoridade política postulada pelo “bem comum”, devendo abandonar por isso quaisquer veleidades subversivas ou insurreccionais. Da mesma maneira, deveriam eles “combater, por todos os meios legais e honestos, os abusos progressivos da legislação”. Numa palavra: os interesses morais e religiosos da Igreja deveriam os católicos antepô-los, e nunca subordiná-los, aos interesses políticos partidários (CRUZ, 1980: 266).

Aqui, a iniciativa do Partido de Centro Católico<sup>61</sup>, entre vários aspectos, não conseguiu ter êxito. Contudo, isso não foi uma exclusividade dos católicos: as oposições, organizadas no formato de partidos ou não, de um modo geral tiveram poucas chances de exercer os seus desejos e de praticar a saudável democracia. Capitaneados pelo déspota Júlio de Castilhos, os republicanos gaúchos eram pouco tolerantes, e tudo fizeram para aniquilar as inteligências destoantes. Apesar disso, o Partido Católico tinha outras particularidades que só viriam a complicar a sua própria existência, como se destaca abaixo:

Parece que se generalizou a convicção de que um partido nitidamente confessional, como fora o Partido do Centro Católico, contaria com chances quase nulas para se impor no cenário político-regional e com muito maior dificuldade ainda no nacional. Essa situação ficara muito clara pelas duas eleições em que o partido havia participado. As lideranças católicas, tanto leigas como religiosas, defrontaram-se então com um desafio muito sério e ao mesmo tempo fascinante: encontrar fórmulas e pôr em prática as estratégias que fossem capazes de marcar a sua presença no contexto geral do Estado e, como conseqüência, assegurassem seus direitos como cidadãos e também garantissem a participação, ao menos indireta nas decisões políticas (RAMBO, 1995: 45-46).

Mesmo com várias tentativas de aproximação com outros grupos, houve quem pensou em editar as determinações do partido alemão em italiano<sup>62</sup>, para angariar adeptos e simpatizantes entre os recém-chegados. Contudo, o próprio PRR teve que se recompor, levando em consideração as antigas lideranças católicas, por exemplo, Luís Englert, Jacob Kroeff Filho, Adolpho Luiz Dupont e o Monsenhor Nicolau Marx.

---

<sup>61</sup> Nesta mesma seara há o “Koloniepartei”, o Partido da Colônia. Como os católicos, os colonos se sentiam pouco representados e buscavam na criação do Partido um meio para a ação política. Pulverizado em algumas cidades, a boa ideia não vingou, mas se pensou no assunto (SCHERHOLT em MÜLLER, 1987: 155 e ss.)

<sup>62</sup> No Museu Visconde de São Leopoldo, tivemos acesso à grande parte da documentação do Partido, inclusive, traduções para o português em que registramos aqui as informações.

Portanto, com as naturais distinções, as oposições aos republicanos encontraram alguns pontos de contato e principalmente de convívio. Deste modo, houve uma acomodação entre ambos os projetos (castilhistas e católico), anteriormente vistos como antagônicos. Assim, o Partido Católico integrou-se mais e mais dentro do PRR, que, por sua vez, aceitou a composição e tornou-se bastante tolerante em relação aos religiosos. Em parte, essa interação/integração pôde ser atestada nas constantes visitas feitas pelos membros do Partido Católico — em especial, Luiz Englert e Jacob Kroeff Filho — ao Secretário particular de Júlio de Castilhos, Aurelio Bittencourt. A correspondência foi impressa no formato de livro pelo AHRS — nesta obra, encontram-se várias situações de convívio entre o PRR e o Partido Católico.

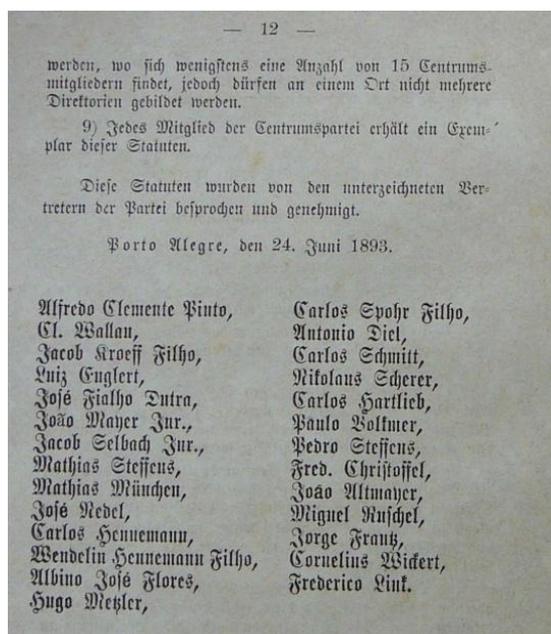


Figura 19: Nominata do Partido de Centro Católico  
Fonte: Museu Visconde de São Leopoldo.

Porto Alegre 16-12-96, às 3,25pm.

**Dr. Júlio.** – Boa tarde

(...) Aqui esteve, há dez minutos, o nosso amigo **Kraeff**. Veio dizer-me que, no mesmo dia em que a comissão dos catholicos esteve em Palacio, houve reunião do Centro, na qual foi deliberado que se consultasse os directorios locais dos 1º. e 5º districtos eleitoraes quanto á apresentação, para deputados federaes, do Clemente Pinto e Stteffens (de São Sebastião). Enviada a consulta para São Leopoldo, o directorio local tomou

conhecimento d'ella em reunião de hontem, a que, apesar da chuva torrencial, assistiu o **Kraeff**. Ahi foi resolvido responder dizendo que é inconveniente a lembrança de apresentarem os catholicos candidatos seus n'um pelito em que em que devem todos collocar-se ao lado do governo. Tão sensata deliberação póde não ser a de outros lugares e por isso o **Kraeff**, pedindo que não façaes uso do nome d'elle, vos lembra a conveniência de chamar no palcioa o Clemente Pinto e exortal-o a entrar na linha. É preciso notar que o Clemente Pinto não assistiu á reunião: estava em São Leopoldo. O **Kraeff** confia muito na efficacia de uma conferencia vossa com o tal Alfredo Pinto. Também eu. Em todo o caso vós sabeis melhor o que convem e eu estou prompto a executar as vossas ordens. (...)

Bem. Mais nada agora. Até logo ou até amanhã despede-se o vosso [a] Aurelio (BITTENCOURT, 2009: 61-62)<sup>63</sup>.

Passada a tentativa de uma no só vida efêmera, ainda no meio político, Jacob Kroeff Filho entrava para os “bastidores”, ou seja, não concorreu mais a cargo público eletivo, apenas exercendo e fazendo política partidária do PRR.

É importante referir o texto de Rambo, que relaciona o Partido Católico, a imprensa da época e Hugo Metzler. Este último assume a Typographia do Centro. Com os novos contatos no Partido Católico, isso só vai reforçar a admiração desse homem das letras por seu antigo patrão, Coronel Jacob Filho. Com a citação, deixamos o partido católico de lado.

Com a eleição para Constituinte estadual, encerrou-se a efêmera existência do Partido de Centro Católico. Ficou como herança mais visível para os católicos do Rio Grande do Sul, a Typographia do Centro. Essa editora não tardaria em passar para as mãos de Hugo Meztler que fez dela porta-voz dos interesses dos teutocatólicos, e isso até a sua morte em 1929. Sucederam-no na mesma tarefa seus filhos Franz e Wolfram. Em 1956 um incêndio não totalmente elucidado destruiu a typographia do Centro com todas as instalações, coleções de jornais, periódicos, impressos, almanaques, etc. nela arquivados (RAMBO, 1995: 45).

Com os recursos acumulados, o seu empreendimento precisava da entrada de capitais. Nessa busca conheceu Pedro Wiltgen, seu novo sócio, em 1903. Pedro nasceu na Europa, foi imigrante junto aos pais, desistiu cedo da vida braçal do campo — assim com o novo sócio o matadouro passou a se denominar Kroeff-Wiltgen.

---

<sup>63</sup> Sobre Kraeff (essa é a grafia encontrada no livro), Englert e Partido Católico, ver também as páginas: 32;44-45; 55; 70-71; 87; 91; 115; 131; 138; 196; 219; 301; 394.

Em 1905, Jacob Netto juntou-se ao pai e ambos criaram a “Kroeff e Cia”, empreendimento que abrigava mais dois Jacob: Hackmann e Lehn. A empresa movimentava um total de 1.000\$000, segundo a reportagem da *Revista Máscara*, em 1925. Vale dizer que a nova firma cuidava do beneficiamento da carne suína.

Do gado, partiu-se para as conservas: a firma recebeu o nome de Fábrica de Conservas Tigre (1912). *Conservas* era o nome dado ao produto enlatado, que poderia ser enviado para mais longe, porque o seu acondicionamento preservava melhor o produto perecível. Não só a Capital dos gaúchos poderia ser atendida, mas também a da Nação, ou seja, o Rio de Janeiro. São Paulo, a outra metrópole nacional da época, começou a saborear os produtos Kroeff.

A respeito desse período, Mario Kroeff escreveu sobre as visitas que eventualmente fez ao matadouro dos primos em Hamburguer-Berg:

Para o oeste ficava a Bôca da Serra. Ali pela estrada real desciam diariamente tropas de gado rumo ao matadouro, em Nôvo Hamburgo, nas cercanias de Pôrto Alegre. O dono da emprêsa era nosso primo Jacob Kroeff. Os tropeiros mostravam-se vaqueanos no manejo de um patrimônio vivo, semovente, manso as vezes, mas ocultando fôrça bruta e indomável. Gostava de ouvir-los aboiar o rebanho com seu canto longo e nostálgico, fazendo os animais entrar em marcha cadenciada, ao som de uma toada. Na frente, como sinuelo, ia a égua madrinha, batendo seu cincerro e puxada pelo cabresto (KROEFF, 1972: 19).

O gado bem alimentado no clima severo da Serra era vendido, sem muita contestação, o que engordava o bolso de ambos os lados da família:

Em épocas menos remotas, uma vez constituída a propriedade rural, com a organização das fazendas para o gado de cria, foi o gaúcho, tocando suas tropas no rumo dos matadouros.

A primeira empresa de abate, montada para abastecimento do Pôrto Alegre, teve carne vinda dos bovinos da região serrana. Era o matadouro de Nôvo Hamburgo, nas cercanias do rio dos Sinos, pertencente ao nosso primo Jacob Kroeff [Filho]. Ele comprou algumas novilhadas, pagando quatro mil réis por cabeça (quatro centavos hoje). Ainda menino, vi descerem tropas e mais tropas, oriundas dos Campos de Cima da Serra, passando por São Francisco de Paula, cortando áreas de nossa fazenda. Vinham de Vacaria, Lajes e São Joaquim, tôdas pela estrada da Bôca da Serra, via Taquara, rumo a Nôvo Hamburgo (KROEFF, 1972: 37).

Em contraste com a calma no Estado, o antigo lar de Jacob Filho se convulsionou, porque o Velho continente entrou em uma guerra civil sem precedentes — a Primeira Grande Guerra em 1914. O mercado europeu abriu-se para os produtos alimentícios americanos. Era, pois, um mercado novo, que se ampliava no fornecimento de matérias-primas e de alimentos para uma Europa devastada. O matadouro Kroeff-Wiltgen assinou um contrato de fornecimento de vários tipos de corte com uma firma inglesa.

Sem sombra de dúvida, a riqueza batia à porta do Coronel. Com a vida bem estabelecida, presenteava com uma fazenda a cada filho ou filha que casava, ampliando os seus negócios, pois tinha mais um parceiro na família. Também se deve frisar que a preocupação com os estudos estendia-se a um leque mais amplo, tentando prover, deste modo, um futuro aos netos — isso, certamente, era motivo para se adquirir mais terras.

Sobre a educação, o Coronel Kroeff ajudou as Irmãs da Congregação de Santa Catarina<sup>64</sup> a se instalarem em Hamburgo Velho. Chega-se a tais afirmações, lendo os textos da Irmã Cecília Petry. Segue-se a transcrição para o Português das cartas das Primeiras Irmãs:

Hamburgo [Velho], 29.11.1900

Querida Madre Geral

Aos 2 de setembro chegamos a Porto Alegre; dois senhores vieram nos buscar no navio; (...) Iguamente ainda não ficou determinado o lugar da construção. Há sempre muitas cabeças e quase cada um tem outro parecer. Talvez Ir. Eustáquia, em breve, venha até aqui, pois é extremamente necessário, para que possamos conversar sobre tudo isso; com o escrever fica só pela metade. O terreno para a construção nos será barato; o senhor Kröff vai doar toda a sua parte, o senhor Linck e o senhor Altmeyer em parte (PETRY, 1995: 47-49).

---

<sup>64</sup> Além do escrito da Irmã Petry, o Colégio publicou um livro no seu centenário, em que aparece José Kroeff — apesar do erro de digitação, a figura é a do Coronel: “A vinda das Irmãs para Novo Hamburgo deve-se ao Padre Norberto Bloes S. J. que, ao visitá-las em Porto Alegre, formalizou-lhes o convite. Algum tempo depois, convidadas pelas famílias do Dr. Czermak, Carlos Klein, José Kroeff, João Altmeyer, Zimmer e Plentz, as Irmãs, Maria Julitta Schwark e Maria Romualda Flach, vieram a ‘Hamburger Berg’ como se chamava, então Hamburgo Velho (COLÉGIO, 2000: 16)”.

Uma segunda carta refere-se novamente à ação do Senhor Kröff, que desejava o rápido estabelecimento do novo Colégio, pois funcionava de maneira precária:

Hamburgo [Velho], 29.10.1901

Hoje, depois que a querida Ir. Eustáquia nos enviou a cópia da escritura do terreno de Petrópolis<sup>65</sup>, posso lhe comunicar que nossa Congregação, desde 15 de outubro, tornou-se proprietária de casa e terreno em Hamburgo, e não somente isso, a também se tornou colona, o que aí, no além-mar, se diz camponesa. Todo o nosso terreno mede 42.060 metros quadrados, incluindo as construções. Se a senhora tirar as queridas Irmãs da Europa, convido a todas, pois, um lindo terreno que, nas circunstâncias atuais custa um bom dinheiro, 34 contos, mas afinal ficamos com uma dívida de 20 contos, uma boa quantiazinha a juros de 5 ½%. Felizmente estas dívidas passaram para o Sr. Kröff; a meu pedido, ele pagou os outros dois senhores, pois estes precisavam de dinheiro. O número de internas é até agora ainda 18 e o preço dos alimentos não baixa. Não são as Irmãs de Santa Catarina, nem a sua escola, mas o lindo bosque com sua bela situação que são louvados e atraem os pais de Porto Alegre a enviarem as suas filhas para nosso Colégio. Se o ambiente ainda for mais embelezado, o que naturalmente custará um pouquinho de dinheiro, temos esperança de receber mais alunas. Algumas já se inscreveram para o próximo ano. Em São Leopoldo, ao contrário, as franciscanas, onde tudo é muito fino e toda a moradia está organizada de modo mais nobre possível, têm menos alunas, por causa da má situação e da alta pensão. Neste ano, a pensão mensal é de 100 mil. Nós, entretanto, queremos ficar com 1 mil pela diária. Deus ajudará. Além disso, pensamos em passar a mensalidade escolar dos filhos dos colonos de 4 mil para 3 mil. A pobre gente não pode mesmo valer-se, pois não tem dinheiro (PETRY, 1995: 61).

Em relação à Família Kroeff, Teresa, a esposa do Coronel Kroeff, apoiava as iniciativas do marido; aquela, em seu tempo livre, visitava as Irmãs:

[09.09.1900] No decorrer da tarde, ainda vieram mais senhoras, para, particularmente, saudar as queridas Irmãs. Uma delas, a senhora Kroeff. Alta personalidade, havia assumido, neste dia, a supervisão da cozinha. Seus empregados trouxeram tudo o que era necessário para a refeição (PETRY, 2003: 122).

É necessário ressaltar que o velho Coronel Jacob Kroeff teve participação ativa nos principais eventos de Hamburgo Velho — por exemplo, em um deles, ajudou na construção de um segundo colégio, o São Jacó.

---

<sup>65</sup> Petrópolis, no Rio de Janeiro, é a sede da Congregação no Brasil e onde ainda reside a Irmã Cecília Petry. Ela, por sinal, é afilhada do Jacob Kroeff Netto e filha do Leopoldo Petry, parceiros políticos de Novo Hamburgo.

Com uma atribulada vida, cheia de atividades, como se não bastasse tudo isso, Jacob Filho teve uma criação de cavalos de corrida, muito elogiado por Assis Brasil (TILL, 2000: 450-451), um dos mais exigentes e competentes agropecuaristas do Estado. Em uma zona que manteve a sua aura germânica, Jacob era um dos sócios do Prado Navegantes<sup>66</sup>. Este se localizava em uma zona periférica da cidade, dominada por alemães e por teutos que ali se concentram.

No que se refere ao Prado Navegantes, muito se perdeu, pois este era um local predominantemente de apostas — durou de 1891 até 1906. Sobre o caráter germânico do Bairro Navegantes e sobre a escolha intencional da área para ser zona industrial, Petersen assevera:

À medida em que aumentava o parque industrial de Porto Alegre, também aumentava a exigência de moradias para os operários nas proximidades das fábricas. São João e Navegantes, onde se concentrava a maioria das fábricas, começaram a ser cortadas desde 1900 por “avenidas” que na maioria das vezes não passavam de valos paralelos por onde se drenava a água dos imensos banhados daquela parte da cidade. Em 1907, já com linha de bonde elétrico, o arrabalde progredira bastante. As ruas, porém, continuavam intransitáveis, não havia água encanada e a iluminação era apenas simbólica. A instalação da fábrica Renner em 1914 contribuiu para reforçar o caráter de bairro industrial (PETERSEN, 1992: 237).

A respeito disso, Fortes observa:

No próprio ano de 1916, ocorreria um dos fatos decisivos para a mudança de ritmo e da escala dessa expansão. A indústria do vestuário A. J. Renner, que, em 1914 já instalara no Navegantes o seu setor de fiação de lã, decide transferir completamente suas atividades da pequena São Sebastião do Caí, onde se originara, para Porto Alegre. A decisão coincide com o declínio das corridas de cavalos na capital, e Renner arrematou as terras do antigo prado do Navegantes, que até então não haviam sido atingidas pelas cheias para nelas instalar a sua fábrica de capas (FORTES, 2004: 41).

---

<sup>66</sup> O Prado Navegantes constitui-se em um dos cinco Prados de Porto Alegre, naquela época: Prado da Estrada do Mato Grosso (Partenon); Prado Boa Vista; Prado Rio-Grandense, Prado Independência e Hipódromo dos Moinhos de Vento. Em comum acordo foi feita uma fusão por volta de 1899-1900 entre os quatro Prados de Porto Alegre, resultando na fundação do Derby Club do Rio Grande Sul. Este se transformou em Associação Protetora do Turfe em 1907 e, finalmente, Jockey Club do Rio Grande do Sul em 1944.

Passado o tempo áureo das corridas de cavalos, a febre das apostas diminuiu. Não se sabe explicar por qual motivo Jacob Filho não participou da fundação do futuro Jockey Club do Rio Grande do Sul: preferiu desativar o seu Prado e seguiu apenas com a criação de cavalos.

Em 1922, viaja uma segunda vez à Europa em companhia apenas da esposa — aqui cuidaram dos negócios Albino Wiltgen e Jacob Netto. Para estes administradores não se reservou um futuro muito ameno. Passa-se, neste momento para a análise sobre Jacob Kroeff Netto, o Jacozinho.

## 4 JACOB KROEFF NETTO

O costume de batizar os filhos com nomes que se repetiam na família, através de gerações, era bastante frequente entre os imigrantes alemães. O hábito de convidar, para padrinhos de batismo, os tios e outros parentes próximos, cujos nomes, na maior parte das vezes, eram dados aos afilhados, foi a causa principal dessas repetições nominais. Algumas vezes, isso ocorreu entre irmãos com nome duplos, distinguindo-se apenas a variação de um dos prenomes (BRENNER, 1995: 40).

O sobrenome Netto é, de fato, estranho, pois o Jacob a que se refere o título do capítulo tinha dois irmãos mais velhos: Antônio e Nicolao. Há, aqui, uma dúvida: por que o Coronel esperou tanto tempo para escolher aquele nome. Antônio Roberto Kroeff nasceu em 29 de abril de 1875; portanto, era o segundo filho do casal e o primeiro varão. Na escolha do nome do filho, os Kroeff, como bons católicos, seguiam alguns ritos: o mais comum era homenagear o santo do dia ou ainda a escolha recaía sobre o santo de maior devoção dos familiares. Assim o nome de Antônio se justificaria por isso. O primogênito seria recebido com grande alegria, garantindo o nome à linhagem nos negócios. Depois de Antônio, viria uma “penca” de mulheres<sup>67</sup>. Vale lembrar que eram 12 filhos ao todo com apenas três homens.

Nasce Nicolao, o próximo homem, e mais uma vez a homenagem ao pai não ocorre. Finalmente em 1883 nasce Jacob: tem-se, então, um gesto de louvor ao hospitaleiro Jacob, ex-açougueiro de porcos. O velho Jacob, como já se constatou, era um homem religioso ligado à sua comunidade, bom negociante e tolerante com a sua esposa. Casou uma segunda vez, pois não queria permanecer viúvo. Esse

---

<sup>67</sup> Ao longo do trabalho, sempre recorremos a Linck (2006) na página virtual: <[www.kroeffblogspot.com.br](http://www.kroeffblogspot.com.br)>. Ali se pode encontrar uma completa e fidedigna árvore genealógica dos Kroeff, não apenas o ramo “Jacob”.

homem cordato teria o seu nome lembrado mais uma vez, com um neto a caminho já no apagar de sua existência.

A justa homenagem faz sentido: o seu avô era uma pessoa muito querida na região, e o seu nome era uma lembrança constante. Outro fator importante era que Jacob Netto sempre seria chamado no diminutivo, pelo menos em casa, pois o Coronel, de presença notória e mais marcante do que a do seu avô, reservou para si o nome Jacob Kroeff, pouco fazendo uso do complemento *Filho*, de uso restrito na documentação escrita.

Sem se cair em um forte determinismo, não se sabe se isso de alguma maneira afetou o futuro Intendente da cidade de Novo Hamburgo, mas é uma hipótese que não se pode ignorar.

Outra característica da família era a rigidez: Jacob Kroeff Filho representava com exatidão o estereótipo de homem duro. Preocupava-se com a educação, mandando os filhos para os internatos, onde tivessem um ensino de controlada disciplina, acrescido de valores religiosos, impreteríveis à época. Como família “abastada” da região, era norma procurar o que havia de melhor no quesito educação. Na ausência das escolas do Estado, as escolas particulares forneciam aos que podiam pagar uma opção bastante usual. A educação nunca fora vista como prioridade pelo Estado, assim as ordens religiosas, em seu intento de catequizar construíam escolas que, em muitos casos, eram os únicos colégios com um razoável nível educacional na região. A outra opção eram os antigos “colégios de professores”, como o do professor Wallau, onde Jacob Filho estudou, mas essas instituições tinham vida “curta”, pois duravam tanto quanto seus idealizadores. Nesses colégios particulares tinha-se a educação laica, que, para alguns pais, era um forte empecilho, espaço perigoso para as Ciências Humanas e com pouco terreno para a Religião Católica. Com maior capital financeiro e principalmente com recursos humanos, os colégios religiosos desbancavam as antigas salas de aula coletivas dos mestres. A dupla missão de evangelizar e de educar dava ao aspecto metafísico pouca presença nas *escolinhas particulares*. Esse fato é bastante

evidente na citação a seguir, conforme destaca Leopoldo Petry,<sup>68</sup> referindo-se às primeiras filhas do Coronel, que inauguram por assim dizer o internato do Colégio São José, em São Leopoldo:

Abril de 1872 e 23 alunas assistindo à primeira aula. Com o passar dos dias as matrículas aumentavam. Não havia mais lugar no pequeno colégio, quando, numa tarde Madre Ana foi visitada pelo Cel. Jacob Kroeff F<sup>o</sup>., de Nôvo Hamburgo. Queria internar suas duas filhas Tecla e Matilde. Impossível. A insistência do pai junto à Madre fêz com que fossem admitidas as duas primeiras internas. Tecla e Matilde moraram então num tosco galpão ao lado do colégio. Estudaram muito, e mais tarde, seriam as progenitoras de várias religiosas (PETRY, 1966: 65)

Resumindo: dois aspectos são mais fortes — uma forte presença do clero na vida dos rebentos e os valores religiosos. Vale mencionar que os homens da família se dirigiam ao colégio dos jesuítas, o Nossa Senhora da Conceição:

O programa oficial de ensino secundário, de 6 anos, qualificado pelos professores de São Leopoldo como ‘esplêndido compêndio do ginásio alemão de 9 anos’ — adotado em 1894 — entrava escrupulosamente em vigor nos meados de fevereiro, encerrando-se o ano letivo com magna pompa na segunda metade de dezembro, interrompido apenas pelas festas de guarda e os raros dias feriados (JAEGER, em DUARTE, 1947: 289).

Sobre essa instituição de ensino, que foi considerado o mais importante colégio do Estado, apresenta-se o relato de João Neves da Fontoura, que o considerou como um período importante na sua vida e formação:

Num colégio de jesuítas, o Reitor abre todas as cartas, que chegam ou saem. (...) Com esses dados e com outros, não admira que Augusto Comte houvesse proposto uma aliança da Companhia com os positivistas. Durante meu tempo de São Leopoldo, alguns daqueles irmãos leigos gozavam de grande popularidade ente os rapazes. Eram os que estavam mais perto de nós, do nosso pequeno mundo, do nosso cotidiano. (...) Sonhos ou realidades? Será que a gente vê mesmo, com exatidão, as pessoas e as coisas? Ruskin diz que não, que “we never see anything cleraly” Quem sabe (FONTOURA, 1969: 60)?

Assim, no que tange à educação formal, Jacozinho e seus irmãos tiveram o que havia de melhor na região, e, por conseguinte, em todo o Rio Grande do Sul.

---

<sup>68</sup>Para uma visão mais ampla do período da educação de Kroeff Filho e de Kroeff Netto, ver: Schneider (1993).

O Colégio Conceição, ligado aos jesuítas, era uma poderosa ordem que se apresentou como resposta à Reforma protestante. Tinha, neste sentido, uma função fundamental ligada à educação e, em certa medida, à doutrinação da igreja Católica Apostólica Romana. Muitos eram os estrangeiros — em sua maioria germânicos — que ali davam aulas: isso gerava uma constante renovação tanto das cartilhas quanto daquilo que se aprendia. Vale ressaltar que havia a preocupação em dotar o colégio com mestres mais capacitados; deste modo, muitos tinham “estudos avançados” em suas respectivas áreas de interesse. Assim, botânicos, filósofos, geógrafos deram uma educação rica e sem perder em nada aos bons colégios europeus.

Jacozinho teve relativo destaque no colégio: sem um histórico escolar, há no Arquivo da Ordem Jesuíta um compêndio com a premiação dos melhores alunos, somados todos os exames, os quais eram presenteados em uma festa de fim de ano. Jacozinho aparece inúmeras vezes como digno de nota por seus ótimos rendimentos escolares. Recebeu, pois, a sua maior distinção escolar na noite de 19 de dezembro de 1899.

Outro detalhe muito importante dessas premiações eram as festas abertas à comunidade, em especial aos pais e aos parentes, em que figuras de importância no Estado<sup>69</sup> eram os convidados de honra na cerimônia de premiação.

---

<sup>69</sup> Nesse sentido, Jacob K. Filho, Pedro Wiltgen, Luis Englert, arcebispos, militares, entre outros.

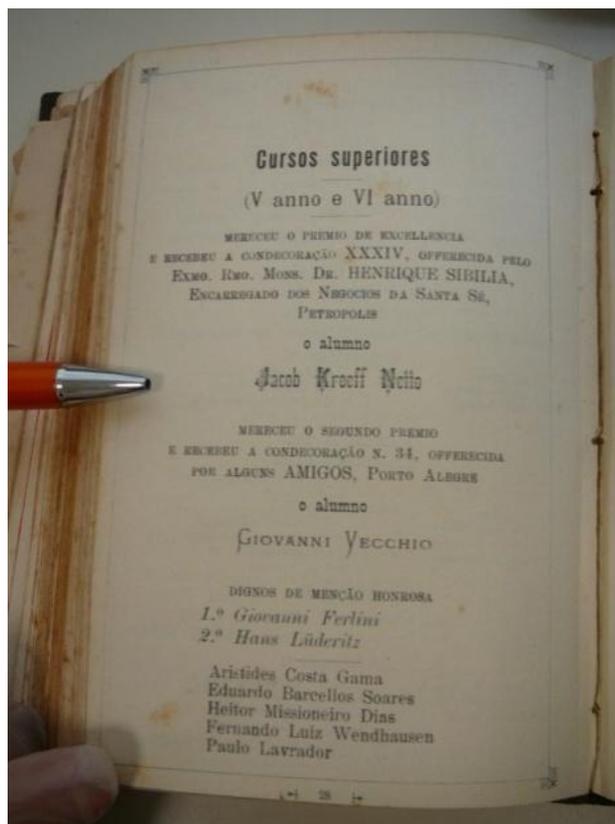


Figura 20: Livro do Ano de 1899 – Colégio N. S. Conceição

Fonte: Província BMR

Sobre a sua vida cotidiana, no colégio era regada a atividades regulares de ensino e rezas. A saudade da família era diminuída com eventuais vistas e com o retorno nas férias. Nos últimos anos do internato, Jacozinho já não contava com a presença de seu irmão Nicolao; contudo, havia primos e outros conhecidos.

É importante ressaltar também que o pai de Jacozinho, o Coronel Kroeff, tinha forte personalidade e que não se intimidava facilmente. Acostumado no mundo da Política e dos negócios, a sua conduta como pai poderia ser considerada, hoje, muito agressiva, mas não se deve esquecer que ele pertence a uma sociedade patriarcal, extremamente machista, conservadora e moralista. Mesmo sem participar do combate na Revolução Federalista, era Coronel da Guarda Nacional e tinha a *sua tropa*, alguns comandados que se reportavam a ele. Seu filho Nicolao ajudou o Coronel Cháchá nas cercanias do Caí (Fazenda Paquete, atual Capela de Santana). Isso é um exemplo de que foi ambientado nas lidas militares ou na postura sisuda e de poucas palavras.

Sobre a irmã de Jacozinho, Hildegart concluiu os seus estudos no Colégio Santa Catarina (Hamburguer-Berg). Adquiriu uma personalidade resoluta bem próxima à do pai, figura que sempre admirou. Prova disso é que pôde exercer o seu mando em casa e na fazenda da Família no Rincão dos Kroeff — como parte da herança paterna. Lá, a família se dirigia no final de dezembro e só retornava em março para o começo das aulas, não sendo incomum chegarem atrasados. A lição não se perdia, pois Hildegart dava aulas de primeiras letras e cobrava os temas.

Seu marido, Luis (Adolpho Gaston) Englert<sup>70</sup>, também tinha origens germânicas. Com a sua vida atribulada de político e de provedor, pouco tempo tinha para ficar no Rincão ao lado da esposa e dos filhos, porque, depois de alguns dias, voltava às atividades na cidade. Vale lembrar que as dificuldades de transporte eram reais, visto que o acesso aos locais era difícil: não se podia dar ao luxo de ficar tanto tempo por lá, razão pela qual raramente prolongava sua estada por mais de uma semana.

Anos mais tarde foi construída uma capelinha, e os feriados religiosos eram regiadamente seguidos. O filho Paulo, conhecido por Paulão, já havia encontrado a sua vocação e brincava de sacerdote, dando pão como hóstia para a família<sup>71</sup>, não tardou e viria a ser um influente jesuíta e diretor do Colégio Anchieta em Porto Alegre.

As informações sobre essa família foram prestadas pela Sra. Carmen Kroeff Englert, que as expôs de maneira bastante vívida, nas entrevistas cedidas no intuito de coletar dados da Família Kroeff. Mais do que nunca, o que é interessante nessa trajetória são algumas vozes femininas. À exceção de Egon Kroeff, basicamente “dos velhos”<sup>72</sup>, os relatos vêm das mulheres que duraram mais anos que os homens da família.

---

<sup>70</sup> Gaston Englert era filho de Luiz Englert, constituinte em 1891, e companheiro do Coronel Kroeff no Partido Católico do Centro.

<sup>71</sup> Assim relatou a Senhora Carla (Kroeff) Adams Bins (filha de Pedro Adams Filho e Olga Kroeff), em entrevista realizada em sua residência.

<sup>72</sup> Cabe relembra essas vozes femininas: Olga Kroeff Echart, Laura Rizzo Kroeff, Magdalena Kroeff Lutzenberger, Carmen Kroeff Englert, Carla Bins Adams.

Em seu relato, D. Carmen fala sobre os demais irmãos; no que diz respeito a Paulão, sente-se mais à vontade, porque este era uma figura pública. Mas o seu assunto favorito são os pais, em especial a sua mãe, Hildegart, de viva lembrança e de estilo marcante, presente ainda hoje em seu imaginário, reflexo contínuo de carregada admiração. Dito de outro modo, a sua narrativa ajuda a ‘moldar’ o caráter determinado da mãe.

De acordo com Carmen, sua mãe soube ser amável, mesmo com rédeas curtas. Isso era possível porque o seu marido lhe dava suporte e espaço, coexistindo em um ambiente de admirável isonomia. Não era questionada em suas determinações sobre como administrar a casa ou como educar os filhos, jamais sendo contrariada pelo marido, atestando a sua autonomia e respeito devotado pelo Constituinte de 1943.

Retornando aos tios da Família Kroeff, Carmen lembra-se dos discursos do tio Jacob Netto, em festas e em outros eventos, que, sempre quando podia, adorava falar:

Os camaradas de São Leopoldo não aceitavam suas novas posições. Marcos estava muito entusiasmado com o apoio do Dr. Jacob Kroeff Netto, homem de idade, advogado, católico praticante, que em seu discurso, com voz máscula e vigorosa, incentivou o povo a levantar vibrantes vivas aos grandes líderes mundiais em evidência. Com sua voz retumbante, encerrava seu discurso (KERN, 1993: 206).

Quanto a Jacozinho, este conviveu em especial com as suas irmãs menores, Olga, Emma e Hildegart. Olga era extrovertida, como declara a sua sobrinha Magdalena:

Um cidadão proeminente de Novo Hamburgo, que ficara viúvo há alguns anos, Pedro Adams Filho — na intimidade Pitt — anunciou seu noivado com Olga Kroeff, a ruiva e efervescente irmã de Emma (DREYER, 2004: 28).

Em entrevista, Magdalena Lutzenberger referiu-se à tia com grande satisfação, considerando-a faceira, isto é, que se arrumava e era vaidosa, se vestia com distinção. Bastante diferente da sua mãe, sempre se trajava em tons escuros e sóbrios, Magdalena, desde juvenzinha, acostumou-se a ver a tia dessa forma alegre. Olga, que apesar da grande diferença de idade, casou-se com o homem mais rico da região, o industrial Pedro Adams Filho, considerado o pai da indústria

calçadista em Novo Hamburgo (SCHEMES, 2006). Algumas informações adicionais sobre o período foram dadas por Carla Bins<sup>73</sup>, que mais contribuiu com dados sobre o relacionamento entre a sua mãe e os Lutzenberger, pois ambas as famílias moravam em Porto Alegre, e pouco se sabia sobre Hamburguer-Berg e os Kroeff. Lembra-se, contudo, das dificuldades financeiras passadas com a má administração da fábrica do pai que faleceu alguns anos após o seu nascimento.

Aqui também merece destaque Emma, última irmã de Jacozinho a sair de casa, junto com Olga. Sempre foi mais tímida e é interessante o fato de ela não ter seguido a vida religiosa. A morte das duas irmãs, Maria Teresa e Augusta, por tifo, talvez tenha influído nessa decisão. É importante comentar que, pouco tempo depois de tamanha tragédia, nasceria Hildegart, que teve esse nome, em homenagem à santa do dia, pois o nascimento desta filha não poderia suplantar a dor dos dois óbitos.

Ainda sobre Emma, seguiu em comunhão com a vida do internato, sentindo-se à vontade no colégio e no convívio com as religiosas, a ponto de ter uma relação estreita com uma das freiras de enorme predileção — chamava-a de segunda *Mutti*, tal sua empatia com essa senhora. Entretanto, não prossegue como celibatária. Casa-se com Joseph Lutzenberger, ex-combatente da Primeira Guerra que saiu da Alemanha para tentar a sorte em Porto Alegre. Seu filho José, já com fama mundial, expressava-se assim a respeito da mãe:

Minha mãe nunca ganhou um tostão em emprego, mas que linda e significativa infância nos deu! E quanta coisa boa fazia, comidas maravilhosas, tricôs e bordados, roupas de todo tipo, cuidava de um jardim que me deu profundo contato com a Natureza. Quanta sabedoria ela nos ensinou! Sua contribuição ao Produto Nacional Bruto era zero. Então era atraso aquilo (DREYER, 2004: 122-123)?

Emma não incutiu valor religioso à vida do filho, mas, quando Laura Rizzo casou-se com Plínio Kroeff (filho mais velho de Jacozinho, logo, o seu sobrinho) em 1938, fez questão de convidá-la para fazer parte do grupo de rezas na Igreja São

---

<sup>73</sup> Para a reconstituição da memória familiar, ela comentou da união e da convivência com as tias Kroeff (Anita, Emma e Hildegart) e com as primas da Capital.

José (construída e projetada por seu marido). Ainda hoje a *Tia Laura* pode ser vista lá aos sábados, rezando como um dos membros mais ativos.

Mesmo já falecido, Joseph colaborou bastante com o presente estudo, pois os registros da sua história familiar foram de grande valia. Na Alemanha, os seus antepassados eram gráficos, com uma cultura bem elevada. Os maus negócios da família tinham diminuído o capital econômico, mas não o intelectual. Fez-se engenheiro militar e como oficial (tenente) lutou na Grande Guerra<sup>74</sup>. Para ele, ser oficial, além do prestígio, representava uma necessidade de constante aperfeiçoamento — não entendia como alguém podia da noite para o dia e por motivação política tornar-se oficial militar. Até o franzino Borges de Medeiros usou da farda:

Em meados de 1893, interrompendo as suas funções no Tribunal, seguiu para Cachoeira a fim de auxiliar, com a popularidade e prestígio de seu nome, a organização de uma brigada civil, de que fez como assistente no posto de tenente-coronel, e que entrou em seguida em acção sob o comando do coronel Joaquim Thomaz dos Santos e Silva Filho, valoroso soldado republicano cujos feitos heróicos destacaram o seu nome na galeria de bravos dessa sangrenta lucta fratricida (ALMEIDA, 1928: 14).

Em 1926, o arquiteto Lutzenberger estava na cidade a convite da Comissão julgadora, e Emma foi uma das artesãs que exibiu as suas obras<sup>75</sup>:

Com GRANDE PRÊMIO – Ema Kroeff, pinturas; Colégio São José, bordados e pinturas; (...) Pedro Adams Filho & Cia., calçados; (...) Kroeff e Cia., carnes (DUARTE, 1946: 119 -120).

É importante também destacar que o casamento entre Emma e Lutzenberger teve uma cerimônia dupla com o outro casal Olga/Pitt Adams, sem grandes exageros, já que o pai de ambas as noivas falecerá meses antes (fevereiro de

---

<sup>74</sup> Joseph Lutzenberger costumava fazer chacota do sogro e dos cunhados, todos Oficiais, membros da Guarda Nacional. Na Alemanha, Joseph Lutzenberger fazia todos os anos exercícios de reciclagem, para a manutenção de seus status junto ao Exército alemão. Achava a situação aqui inverossímil, pois seus parentes julgavam-se se militares da ativa.

<sup>75</sup> Restou apenas uma foto de uma pintura que pode ser creditada a ela, Emma Lutzenberger. Depois que se casou não produziu mais. A esse respeito, ambas as filhas do casal viraram “artistas”: Magdalena e a irmã Rose produziram obras de arte.

1926); assim, manifestações de muita alegria foram refreadas em homenagem ao morto. Olga seguiu em lua de mel para Europa, vestida de preto; Emma e Lutz se mudaram para a Capital.

Para deixar mais claro ainda, as irmãs vão ser muito ligadas, refazendo com alguma frequência o caminho de volta a Hamburguer-Berg para visitar a mãe Teresa, que optou por morar em um Hotel, depois no Sanatório Regina (atual Hospital de Hamburgo Velho). Com a morte do marido e com o casamento das filhas, Teresa não queria morar na mesma casa, sentindo-se provavelmente só e incapaz economicamente. Sobre as acomodações, eram amplas e possuíam um dos poucos telefones particulares da região.

Magdalena, nossa depoente, pouco se lembra da avó e destas visitas. Contudo, o que se ressalta de sua entrevista é a ênfase e a preocupação dada pela velha Teresa ao seu filho caçula. Muito jovem, contando com apenas sete ou oito anos, Magdalena faz um relato sobre Jacozinho:

A mãe ficava contando história, relatos do dia a dia. Puxando assunto, mas o favorito da vó era “a” Jacozinha (com a mesmo). Lembro-me de ela perguntava sobre o seu filho, adorava falar dele: - Como vai!? Como está!? A vó ficava perguntando e perguntando... Nem sei o que a mãe dizia ou respondia.

A predileção por Jacozinho era, de fato, flagrante. Outra neta que depõe sobre isso é Olga Kroeff Echart<sup>76</sup>, que também não esconde ter ouvido falar das constantes preocupações da avó Teresa em relação àquele.

Ao tratar aqui de suas irmãs, refaz-se, de maneira indireta, o ambiente em que viveu Jacozinho, pois foi com elas que conviveu cotidianamente. Já, o nosso personagem possui o seu projeto de vida em consonância aos desejos do pai, político e empresário — as filhas seguiam o rumo dos respectivos maridos. Seus irmãos mais velhos já administravam os seus respectivos negócios, mesmo com

---

<sup>76</sup> Olga Kroeff Echart, filha mais nova de Antonio Kroeff e primeira formanda na Faculdade de Educação Física da UFRGS. Sobre a “imensa” senhora com 178 cm de altura, que hoje conta com 94 anos e com incrível lucidez, foi décadas atrás companheira da prima solteirona e filha do Jacozinho, Elgin (Guigui).

ligação estreita com os do Coronel. Antonio, por exemplo, tinha terras nos Campos de Cima da Serra, lindas às dos Englert, que, por sinal, estes últimos eram donos apenas de um terço; os outros dois terços restantes foram comprados posteriormente das irmãs Olga e Emma.

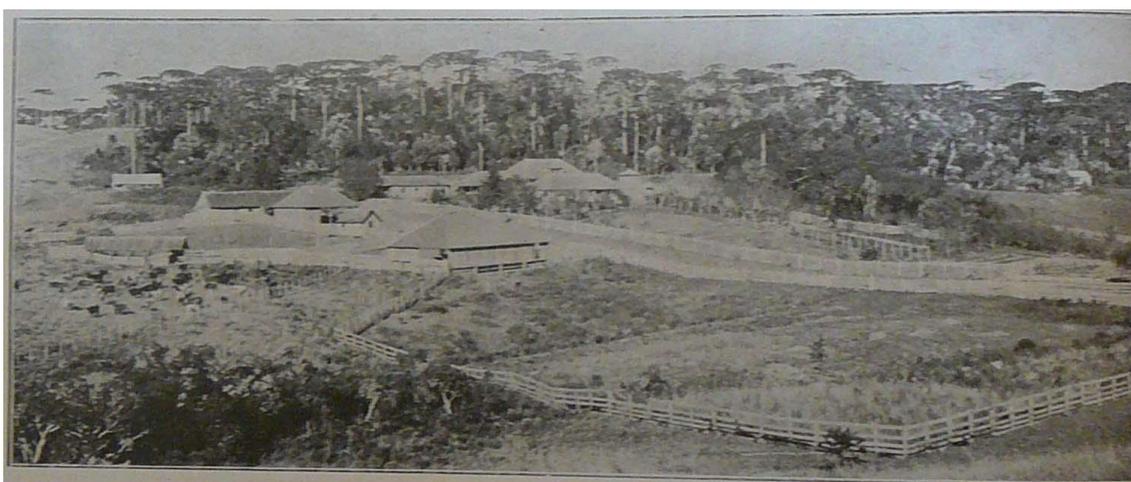


Figura 21: Rincão dos Kroeff, propriedade de Antônio Kroeff  
Fonte: Costa, 1922: 422.

Tudo ia às mil maravilhas, e o destino escolheu Jacozinho para seguir os passos do pai tanto na Política quanto nos negócios. Antonio não teria estudo superior, pois, para tanto, devia ausentar-se do Estado e ir para a capital federal, para São Paulo ou para o Nordeste. Não quis trilhar esse caminho e seguiu apenas nos negócios. Nicolao, nascido em 04 de abril de 1878, lhe foi oferecido estudar na Europa, mas, pelo visto, preferiu burlar o desejo do pai. Diz a tradição familiar que parou em São Sebastião do Caí e não arredou mais o pé, lá criou raízes e sempre se sentiu responsável pela Fazenda Paquete. Anos mais tarde adquiriu o que não tinha sido doado como presente do Coronel — este último tinha por conduta doar uma fazenda ou terras a cada filho (a) quando se casavam. A Fazenda Paquete, por ser muito grande, foi ‘cedida’ apenas uma parcela para Nicolao, que soube tirar proveitos e ampliar o seu quinhão:

Em 1894 seu pai Cel. Jacob Kroeff decidiu mandá-lo estudar Engenharia Mecânica na Alemanha. Nicolao deixou seguir a bagagem até Porto Alegre e na estação do Rio dos Sinos baldeou de trem e veio se estabelecer na Fazenda Paquete, de propriedade de seu pai. Era ali que estava o seu interesse, a sua vocação (ELOÍSA M. ARPIN).<sup>77</sup>

Ainda sobre o assunto, Masson observa:

A Fazenda Paquete já concorreu em várias exposições tanto no país como no estrangeiro. Os animais de raça apresentados para competição sempre conquistam os primeiros prêmios. Os produtos do modelar estabelecimento pastoril que, sem favor, se impõem pela qualidade, são muito bem reputados em todo o Rio Grande do Sul (MASSON, 1940: 63).

Contrariando o austero pai, Nicolao via nesse subterfúgio uma maneira menos afrontosa de dar um novo norte à sua vida e de barrar a imposição do pai. Pelo que fez da própria vida, sua opção não parece que foi de toda equivocada, sendo uma figura de destaque na agropecuária estadual. Exemplos disso são a importação do touro argentino de pura raça Holandês Max (1898); a implantação de uma das primeiras mangueiras (banheiro) carrapaticidas (1901); a inclusão de óleo de mamona no álcool combustível. Embora sendo uma figura calada e introspectiva foi um: “homem dado a toda sorte de empreendimentos, dinâmico e capaz (...)” (Elisa M. Arpin).

Na agropecuária tinha bons relacionamentos e na Política não fugia à regra, indicado como Major da Guarda Nacional (1907) e promovido a Coronel, como seu pai o fora anos antes. Assim, sem dar um único disparo, Nicolau recebeu de bom grado o posto mais alto possível<sup>78</sup> de Oficial. Na esfera pública, foi político e membro efetivo do PRR da região do Cai/Montenegro, mas preferiu intensificar os seus esforços no campo.

Jacozinho teve outro rumo e continuou nos bancos escolares, o seu curso já existia por aqui, o que não o obrigou a nenhuma fuga espetacular.

---

<sup>77</sup> Trata-se de um manuscrito de 29 de julho de 1977. Elisa Arpin era uma jornalista ligada à Família Kroeff e que achou por bem colocar no papel algumas linhas sobre o senhor Nicolao. O manuscrito tem quatro páginas cedidas para leitura pela Senhora Myriam, neta do igualmente Coronel Nicolao Kroeff. O texto faz parte de alguns papéis preservados na Fazenda Paquete. E depois lá apareceu o outro neto Sérgio e a sua esposa Leni, vizinhos à capelinha.

<sup>78</sup> O posto de General não era dado. Contudo Júlio de Castilhos recebeu tal honraria do Marechal Floriano Peixoto, do qual declinou.

Vale lembrar que Jacob Netto nasceu em três de fevereiro de 1883, portanto numa monarquia escravocrata. Ele era o último filho homem do Coronel Kroeff. Muitas mudanças marcaram a sua infância, e nos anos vindouros algumas alterações tomaram forma. No Rio Grande do Sul, poucos anos antes da virada do século, os altos estudos surgiam nos cursos de Engenharia (1897), Farmácia (1896), Medicina (1898) e Direito (1900), este último atraiu a atenção de Jacozinho. A geração, de figuras proeminentes, por exemplo, Júlio de Castilhos, Assis Brasil e Borges de Medeiros, tinham que se dirigir a São Paulo ou ao Nordeste. Borges, para aliviar o apertado orçamento familiar, retornou à terra do pai, em Recife, morando com uma tia. Sobre a faculdade de Direito,

a vocação para o poder, para a vida pública do ensino jurídico em nosso país já vem de longe. Desde os debates na Constituição de 1823, que originaram a implantação das Academias de Direito Imperiais de Olinda, posteriormente a de Recife e a de São Paulo (LIVRO, 2000: 26).

Algumas profissões como as de engenheiro, médico e jurista eram peça da engrenagem burocrática ou de serventia direta ao Governo — tem-se, aí, uma explicação para a predileção por tais cursos, vitais em sociedades capitalistas. As ciências Humanas (Geografia, História, Sociologia) eram preenchidas por curiosos ou por interessados. De fato, há no Brasil uma longa tradição de servilismo cultural. O Bacharel queria um emprego que suprisse as suas necessidades; as reclamatórias contra o Governo ficavam em um segundo plano.

Reitera-se que, por causa da necessidade de pessoas competentes, o aperfeiçoamento da erudição era feito fora dos limites da província gaúcha — assim rumaram para outras províncias os mais aquinhoados. Isso explica a importação de Magistrados: os altos burocratas eram convidados a exercer as funções de Juiz. Por um bom tempo, o Judiciário gaúcho teve forte presença *estrangeira*, gente de outras Províncias, como o pai de Borges de Medeiros e Francisco Caldas. Seu filho, Caldas Junior foi fundador e proprietário do *Correio do Povo*, atualmente nas mãos da Igreja Universal<sup>79</sup>.

---

<sup>79</sup> Já passou o tempo em que Igreja era sinônimo de escola ou de cemitério: hoje o poder está na mídia eletrônica.

A criação da República traria novos ares, e a Província Gaúcha sentia a necessidade de ter cursos universitários. O Governo do Estado, com forte influência externa (o comtismo), não via com bons olhos os privilégios de um diploma, e preferia a autorregulação do mercado.

Para mudar a realidade de falta de escolas superiores, um grupo de burocratas e de senhores endinheirados sentiu-se compelido a criar uma educação mais sólida por aqui. Com a possibilidade ofertada pela Carta Magna, havia há muitos anos uma faculdade livre, sem prova de admissão, e supostamente autônoma (privada):

O ensino jurídico chega ao Rio Grande do Sul através da Reforma Benjamim Constant de 1881, lei que autorizava o governo a conceder, para instituição particular, o título de “Faculdade Livre”. A ideia de “ensino livre” representa a ausência de tutela oficial sobre a prática dos Lentes<sup>80</sup> e está no “espírito” positivista que vai marcar os anos iniciais da República. Esse é o nascedouro da Faculdade Livre de Porto Alegre, profundamente republicana, demonstra sua vocação para o poder na inclinação para o direito público, onde se encontram os fundamentos da organização política, das teorias do Estado, da organização burocrática e da ordem institucional, tão necessárias para que a República e a democracia prosperassem (ENGELMANN, em Livro, 2000: 26).

Contudo, pode-se notar que a influência estatal era atuante no corpo docente, isto é, em grande número membros do Poder Jurídico estadual, que tinham os seus horários flexibilizados para atender às novas demandas da Faculdade. Outra forma de interferência foram os constantes<sup>81</sup> e anuais subsídios — tudo leva a crer que a Faculdade não era de fato autônoma e vivia, indiretamente, à custa do erário público estadual. Mesmo com alguns proventos, da mensalidade paga pelos alunos, parte considerável do aporte financeiro vinha de fora, e alguns dos professores (Desembargadores) não recebiam salário.

Uma instituição de ensino precisa de uma renovação cíclica, na forma de novos alunos que chegam para preencher as vagas deixadas pelos formandos. É preciso, pois, juntar um número mínimo de alunos para a manutenção e para a criação de escola, de faculdade ou mesmo de creche. Esse preâmbulo é o elo para um suposto

---

<sup>80</sup> Lente era o professor, título usado para designar o mestre efetivo, algo como professor titular na nomenclatura atual.

<sup>81</sup> O Governo Estadual pagou parte do prédio novo, sede definitiva da instituição.

convite que partiu de Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, entre outros, para membros e para demais correligionários do Partido Republicano Rio-Grandense.

O convite era na intenção de cooptar “bons” alunos para se matricularem na faculdade e dar início ao tão sonhado curso jurídico, que não saía do papel e que era apenas um desejo — a concorrência já tinha instituído os cursos mais “técnicos”. Se o convite (recomendação) de fato existiu ou só foi ofertado a Jacozinho, não se pode concluir satisfatoriamente, nem se era a sua intenção original seguir a carreira jurídica, mas o nosso personagem continuou a estudar. Sua ambição particular é outra incógnita, porém, em respeito ao pai, matriculou-se na faculdade, não repetindo o que seu irmão Nicolao fizera:

Outro traço característico de toda a oligarquia agrária brasileira é o bacharelismo: os fazendeiros fazem dos seus filhos doutores, ao invés de os destinarem a escolas técnicas e agrícolas; o ideal, nas famílias ricas, é ter alguém bacharel (CARONE, 1972: 157).

Assim como uma elite ascendente, os Kroeff teriam um doutor, que, formado, poderia seguir carreira no Judiciário ou trabalhar como autônomo. Sobre isso, tem-se que falar sobre os positivistas (dogmáticos): a sua postura de liberdade de exercício da profissão não era tão liberal quanto se pode pensar. Embora presentes na Carta Magna do Estado, eles deram-se ao trabalho de ocupar as direções das faculdades. Agiam, assim, nas duas frentes. Publicamente eram favoráveis à liberdade do exercício de “práticos”, mas na retaguarda davam insumos e controlavam as instituições de ensino superiores, o médico Protásio Alves, o engenheiro Parobé, e o jurista Otávio Rocha todos ligados ao Governo Estadual e ao Partido Republicanos Rio-grandense, que, naquela época, eram a mesma coisa. Esse desejo partidário de *tudo* possuir gerava o sentimento de aniquilar as vozes opositoras. Controlar as instituições superiores de ensino era um passo a mais nessa direção.

Um importante aspecto pouco ventilado na Historiografia tradicional, após o golpe republicano (15 de novembro de 1889) e a derrocada da Monarquia, foi a exclusão de outros partidos e de concorrentes políticos do cenário da vida cotidiana nacional. Diferente dos tolerantes monarquistas, que souberam conviver com o

Partido Republicano, este último, por sua vez, trouxe uma vergonhosa política de partido único especialmente no estado do Rio Grande do Sul.

Sobre a falta de liberdade das oposições, as guerras civis do Estado, em especial as de 1892 e a de 1923, podem ser uma explicação (via força bruta, infelizmente), de manter aberto o canal do exercício da cidadania roubada. Se dependesse apenas de Borges de Medeiros, ele teria que ficar ainda por um tempo maior, mas quis a História ver emergir a figura diminuta de Getúlio Vargas. Este preferiu seguir caminho próprio e traiu todos que pôde, assim satisfez os seus anseios por maiores poderes, não restando dúvida de que Borges de Medeiros se sentiu traído.

Nesse contexto, mais focalizando na família Kroeff, se por vontade própria ou se por influência paterna, Jacozinho tomava a decisão e seguia os estudos jurídicos. Isso exigia uma mudança de cidade, sair da colônia para a capital, ter a tão sonhada educação acadêmica, algo que parecia improvável na antiga Prússia de seus avôs, ou mesmo no Rio Grande do Sul de seu pai, que acumulara considerável capital, mas que tinha ido apenas até os limites da educação da escola particular do Sr. Wallau.

Sair do convívio diário das irmãs era perder a tutela do pai, entretanto, principalmente, a proteção materna, viver em uma nova e emergente cidade. São Leopoldo/Hamburguer-Berg era pequena para os seus sonhos. Porto Alegre ficou mais perto desde 1874, com a construção da linha férrea, com pelo menos duas viagens diárias entre Novo Hamburgo e Porto Alegre (LOVE, 1975) — a Capital se preparava para um notável crescimento.

Segundo Love (1975: 109), a Capital contava com uma população que beirava os 74.000 habitantes; já, D´Azevedo (2006: 85) aumenta um pouco essa estimativa:

É notável o boletim Mensal da Diretoria de Higiene, outubro de 1903, com a detalhada “Estatística demográfico-sanitária”, indicando, para a população calculada de 80.000 habitantes em Porto Alegre, um “movimento civil” mensal estimado em 199 nascimentos, 27 casamentos e 203 óbitos. Todos os óbitos registrados são classificados a partir de faixa etária, do sexo e da causa *mortis*.

A cidade entra em uma espiral crescente — em mais de uma década se transformaria:

Fernando Corona, que deixou pelo menos dois estudos sobre o tema, pondera que Porto Alegre, de 1900 a 1915, “sofrera transformações extraordinárias que, de vila colonial e provinciana, passaria a ser a capital que já naquele então nasceria sob orientação de grandes e competentes técnicos e artistas (ALBERTO ANDRÉ, em Livro, 2000: 177).

Jacozinho estudara na sede original, um prédio alugado, com mais nove colegas. Passados os primeiros anos, ficou claro que a Faculdade necessitava de uma sede própria: o terreno doado era anexo ao Parque Farroupilha, que tinha sido utilizado para a Exposição Estadual de 1901, outro evento que motivou a Capital. Há, no gabinete do Diretor da Faculdade de Direito, um quadro a bico de pena deste prédio.

Caixa	Transporte	Saldo
Banco de Fomento do Rio Grande do Sul	10000	
Banco de Comércio e Indústria	15000	
Banco de Fomento do Rio Grande do Sul	10000	
Banco de Comércio e Indústria	15000	
Banco de Fomento do Rio Grande do Sul	10000	
Banco de Comércio e Indústria	15000	
Banco de Fomento do Rio Grande do Sul	10000	
Banco de Comércio e Indústria	15000	
Banco de Fomento do Rio Grande do Sul	10000	
Banco de Comércio e Indústria	15000	
Banco de Fomento do Rio Grande do Sul	10000	
Banco de Comércio e Indústria	15000	

Figura 22: Livro contábil da secretaria da Faculdade Livre de Direito, 1901. Fonte: Faculdade de Direito UFRGS.

Sobre o aluno<sup>82</sup> Jacozinho, Till assevera:

Dez foram os diplomados e como seu porta-voz discursou aquele jovem que se notabilizou como tribuno e homem de pensamento: José Carlos de Souza Lobo, como primeiro aluno matriculado na faculdade. Lá também estava como integrante da histórica primeira turma de advogados formados

<sup>82</sup> Sobre a pesquisa na Faculdade de Direito, devo agradecer ao neto de Jacozinho e ex-diretor da instituição no ano de 2000.

no Rio Grande do Sul o acadêmico Jacob Kroeff Netto, em cuja descendência ilustre encontra-se aí à testa de nossa Faculdade de Direito, o professor Eduardo Kroeff Machado Carrion, a quem o destino confiaria o privilégio de comandar a Gestão do Centenário (TILL em Livro, 2000: 89).

Não se teve acesso aos exames feitos por Jacozinho. Contudo, o que sobressai na leitura das belas laudas, escritas em nanquim, em traço contínuo e sem erros ou borrões, foi a presença de um Iluminismo tardio. Vivia-se os anos de 1900: os estudos eram baseados na leitura de obras filosóficas em francês, latim e, no caso de Jacob, em alemão. As aulas eram de formação eclética com lições de Economia, de Diplomacia e até de Medicina Legal. A Faculdade era, sem sombra de dúvida, um centro nervoso, que acompanhava com olhos atentos a Política do Estado:

Mais severa ainda foi a critica a que me submetti o projeto de Codigo Civil e Commercial, publicado em fevereiro de 1903, e que recebeu emendas em maior numero. Não me contentando com o estudo que dellas fiz, as sujeitei conjuntamente com o projeto á revisão da Faculdade Livre de Direito, que, a seu turno, designou, para desempenhar o encargo, uma comissão composta de notaveis professores. Após demorada exame de todas as emendas, redigiu a douta comissão o projeto substitutivo que, por mim acceito integralmente, passou a constituir a Lei n. 85, de 15 de janeiro de 1908, que decretou e promulgou o Codigo (ALMEIDA, 1928: 52-53, a partir da fala do Presidente em: 20 de setembro de 1927).

Joseph Love (1975) vai falar da famosa geração de 1907, impressionado pelos vultos que dali saíram: Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, enfatizando mais essas personalidades e dando pouca atenção ao período e às instituições superiores, onde se configuram as maiores transformações, pois vários ali passavam.

Todo o Estado ganhava com os avanços no Ensino Superior — ganhava, também, o Doutor Jacob Kroeff Netto. Para Jacozinho, estudar Direito significava ainda mais, as portas se abriam. Ele pertencia, pois, à elite regional da colonização alemã, entrava em um grupo mais seletivo, da elite política e econômica de todo o Estado. Era um novo patamar, ascendia assim nas amizades, nos contatos e na influência.

É possível entrar em contato com alguns livros por ele utilizados e que atualmente fazem parte da Biblioteca do Tribunal de Justiça estadual. Jacozinho

resolveu doá-los após o incêndio que destruiu o antigo acervo em 1949. A relação foi repassada pela própria Biblioteca<sup>83</sup>, onde constam, catalogados, como doação do Senhor Jacob Kroeff Netto.

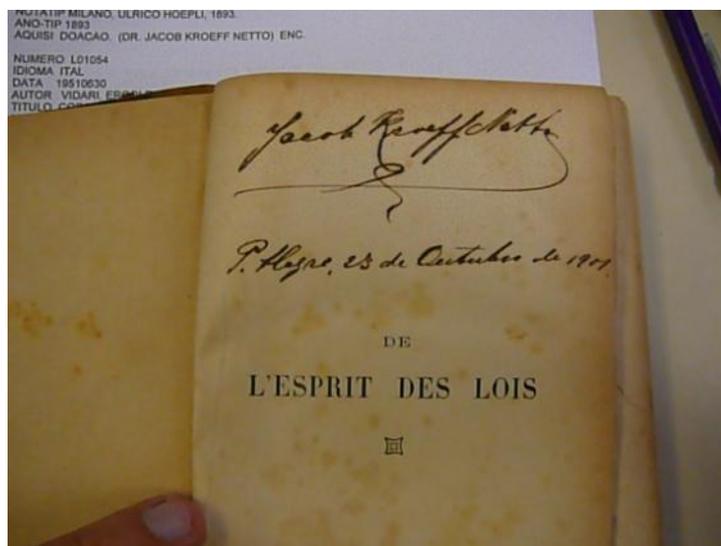


Figura 23 - Espírito das Leis, obra assinada por Jacob Kroeff Netto  
Fonte: Biblioteca do Tribunal de Justiça do Estado-RS.

Foi feito um levantamento de tal acervo, o que valeu o esforço, pois alguns exemplares contêm a sua assinatura e marca de uso, sublinhados com giz de cera. Embora com um lapso de cem anos, é possível manusear as obras e as páginas que um dia lhe foram úteis, que lhe serviram de base e de arguição na sua vida jurídica. Sobre a sua biblioteca particular, comenta o seu filho mais moço José Maria, fruto do segundo casamento com Elsa Ludwig:

O pai tinha grande apreço pela sua coleção de livros que ocupavam toda uma parede. Era a primeira coisa que ele arrumava em nossas constantes mudança de endereços. Ao chegarmos à nova morada já estava num canto instalada a tal biblioteca.

O relato do senhor José Maria não contempla o que se fez da biblioteca privada de seu pai. Contudo, uma pequena parte foi parar no Tribunal; o restante ficou um bom tempo alojado na garagem do outro filho Egon, em Hamburgo Velho,

---

<sup>83</sup> Temos cópia da carta enviada pelo Magistrado Hugo Candal, Presidente de então, em ofício n. 471, de 8 de maio de 1950.

desfazendo-se disso quando da sua mudança para Porto Alegre. É curioso registrar um livro escrito por sua irmã Amália Kroeff (Wiltgen), *Três anjos no Céu*<sup>84</sup>, que infelizmente se extraviou.

O curso de Direito, à época, era de quatro anos, e Jacob teve um aproveitamento bastante razoável. Formou-se em 1904<sup>85</sup>; sem muito ânimo para a carreira jurídica, Jacob entrou na Política. Vale recordar que sempre acompanhou o pai nesse mundo, e gostava de falar, de fazer discursos inflamados. Assim, Antonio e Nicolao davam conta do gado; Jacob seguiu no meio urbano.

Concluídos os seus estudos, a busca por uma noiva era o próximo passo naquele tempo. Vale lembrar que os Wiltgen-Kroeff já tinham unidos vários laços afetivos — e econômicos — em três casamentos. Jacozinho já deveria conhecer a futura esposa do convívio mútuo entre as duas famílias. É de se imaginar que ambos foram vistos como “bons partidos”.

Sobre os Wiltgen, coletaram-se os dados de duas fontes principais. A primeira foi a minibiografia do patriarca, Pedro Wiltgen<sup>86</sup>, que, de forma intencional, resolveu escrever algumas reminiscências e deixar isso de forma concreta, algo para ser lembrado, em especial para os netos. Outro aspecto interessante é que em 1920 Pedro residiu na Fazenda Paquete com Nicolao e com Adelina a sua filha mais velha conhecida como Moça.

A segunda fonte a que se teve acesso foi graças a uma gentileza de Joaquim (Quim) Wiltgen Barbosa que disponibilizou os escritos de sua mãe que, semelhante ao seu pai, fez um apanhado dos irmãos e dos cunhados em pequenos parágrafos

---

<sup>84</sup> Amália casou com Albino Wiltgen, e escreveu esse livro para preservar a memória das irmãs mortas de tifo.

<sup>85</sup> O Governo Federal cria a pasta de “Justiça e Interior, pelo Decreto n. 4875 de 6 de julho de 1903: concede à Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre os privilégios e garantias de que gozam as faculdades federaes congêneres” (FLEIUSS, 1922: 576).

<sup>86</sup> A pequena biografia, escrita em alemão, foi impressa em uma pequena tiragem e distribuída aos membros da Família. Pedro se deu ao trabalho de incluir fotos e alguns documentos, sobre o ducado de Luxemburgo, sua terra natal ligada à Alemanha. O Sr. Quim disponibilizou uma versão ainda não-finalizada em português. A versão final, nós tivemos acesso na Fazenda Paquete. Contudo a que foi utilizada é a versão primária, mas que foi avaliada pela Sra. Lilly Lutzenberger, que domina o idioma alemão; com o seu aval, fez-se uso da versão *inacabada* em português.

biográficos, de onde se extraíram datas importantes, como o casamento e o falecimento.

Ainda sobre os Wiltgen, muito se assemelhavam à trajetória dos Kroeff. Originários de Luxemburgo, com algum dinheiro de reserva, tentaram ser agricultores, algo que só queimou as economias da família, que se estabeleceu nas terras de São Sebastião do Caí. Malogradas as tentativas na agricultura, Pedro descobre a sua vocação, o comércio. As reservas iniciais trazidas na bagagem deram segurança e melhores condições de progresso à família. Os Wiltgen podem ser considerados pessoas com ótimas condições econômicas, mesmo sem valores concretos em espécie. Talvez não fossem tão religiosos quanto os Kroeff; em contrapartida, eram pessoas mais festivas e simpáticas, como declara Myriam (Kroeff) Schmidt<sup>87</sup>. Pedro Wiltgen, além da biografia, deixou outros relatos e fotos dos banquetes que fazia para comemorar os eventos familiares.

Os Wiltgen tiveram seis filhos homens e apenas duas mulheres. Para Jacozinho, a escolha recaiu sobre a filha caçula do casal Pedro e Bárbara (Knapp) Wiltgen: (Paulina) Ottylia Wiltgen. A irmã de Jacozinho, Amália casou-se com Albino; Anita com Francisco Wiltgen, e Nicolao, com Adelina Wiltgen. Jacob Netto se casava com mais uma Wiltgen, ou seja, eram quatro casamentos nas duas famílias. Jacozinho tinha uma profissão, era advogado e, agora, uma esposa. A cerimônia foi no dia 16 de outubro de 1906, na casa do cunhado Arnaldo Wiltgen<sup>88</sup>, na Rua Independência, 26, em Porto Alegre. Após o casamento adquiriram uma casa em Hamburgo Velho e lá constituíram seu lar. Logo começaram a nascer filhos, o primeiro foi Plínio. Pelo que consta, Ottylia era prendada e teve uma boa educação no Colégio São José em São Leopoldo — foi, como a maioria das mulheres daquela época, talhada para ser uma mãe e dona-de-casa.

O casamento era outro fator importante na manutenção do status social tanto na vida de Jacozinho quanto de Ottylia. Anos antes, Pedro Wiltgen e Jacob Kroeff

---

<sup>87</sup> Myriam Kroeff Schmidt, neta do casal Nicolao e Adelina, é uma das atuais proprietárias da Fazenda Paquete.

<sup>88</sup> Arnaldo Wiltgen, anos mais tarde, formou-se na Faculdade de Engenharia em 1915 como engenheiro eletro-técnico. Veio a falecer em 25 de maio de 1947.

Filho assinavam um acordo para melhor atender às demandas do matadouro, tornando-se sócios.

De fato, o casamento tinha uma conotação mais pragmática: era uma forma de se estreitar laços e de assegurar bons relacionamentos e, porque não, econômicos. Nas famílias da elite, interesses políticos procuravam aproximar os futuros nubentes. O amor era mais uma simpatia que com os anos amadurecia em forma de respeito e de convivência mútua. Nas famílias numerosas o contato entre os futuros noivos era realizado da seguinte maneira: um irmão mais velho, ao visitar a casa de sua pretendente, trazia um irmão ou irmã junto, que era recebido e se “fazia sala” com os outros membros da família. O primeiro contato evoluía de olhares incipientes para uma conversa, uma ou outra cartinha. Algo próximo a isso ocorreu com Jacob e Ottylia. O culto religioso era outra maneira de se conhecer, até nos Kerbs<sup>89</sup>, onde se podia dançar, e principalmente ter contato físico, isto é, tocar na pretendente. Desta forma, os laços dos Kroeff se misturaram de maneira tão ativa com os dos Wiltgen<sup>90</sup>.

Ainda sobre o assunto, os homens deviam casar com moças “puras e ordeiras”; por outro lado, as mulheres tinham que escolher um bom parceiro para lhes garantir o sustento, já que a sua profissão era a de senhoras do lar, em muitos casos bastante ativa, como já enfatizou Schupp (2007).

A irmã de Ottylia, Adelina, era outra mulher de personalidade forte e presente: dizia-se que Nicolao Kroeff mandava em toda a fazenda à exceção da sua própria casa, que ficava sob a tutela da Moça (apelido da sua esposa). Isso é importante enfatizar que, mesmo não sendo uma Kroeff, ela recebia o consentimento de Nicolao, que deveria ter tido um exemplo em casa, como teve o seu pai, ao ver a mãe tocar o Hotelzinho lado a lado de Jacob Kroeff.

No que se refere à vida profissional de Jacob Kroeff Netto, há uma grande lacuna, é difícil apresentar um quadro claro sobre isso. Tudo leva a crer que, mesmo

---

<sup>89</sup> Kerb, ou Kermesse, são tradicionais feiras onde se comemora por três dias um Santo. Elas eram uma maneira bastante comum de festividades que incluíam bailes, onde os futuros casais podiam trocar olhares e se conhecerem.

<sup>90</sup> Isso só salienta o valor da biografia de Pedro Wiltgen, que adiciona mais realismo à saga da imigração alemã.

formado, seguia a cuidar do gado junto ao pai. José Maria Kroeff credita a Jacozinho (seu pai) o desejo de ser tropeiro, pois sempre gostou de seguir a tropa nas lides mais corriqueiras. Isso cessou ao entrar no Colégio Nossa Senhora da Conceição.

Assim, casado, Jacozinho entrou na vida adulta e começaram a vir os filhos: Plínio era uma criança grande e forte, que tinha as feições particulares que pouco lembraria aos demais irmãos. Passada a alegria do segundo nascimento, a tristeza tocou a família: com apenas dois anos incompletos, morria Egon Luis. A morte não foi esquecida ou totalmente superada:

Ivan Karamazov diz que acima de tudo o mais, a morte de uma criança lhe dá ganas de devolver ao universo seu bilhete de entrada. Mas ele não o faz. Ele continua a lutar e a amar; ele continua a continuar (BERMAN, 1990: 14).

Com a perda do segundo filho, surge a primeira filha Elgin, nascida em 1915; depois vem Erna (1917); Luis<sup>91</sup> (1918), nome que Ottylia tinha predileção, e, por fim, Egon. Concomitante a isso, Jacozinho, ainda ligado ao pai e ao seu negócio, tenta uma vaga como representante municipal. A sua entrada na Política se deve ao pai, não há dúvida nisso. Seu primeiro pleito, salvo melhor análise, foi o de 12 de outubro de 1908, como indica Germano Moehlecke, importante figura na Historiografia leopoldense (aparece escrito João no lugar de Jacob):

12-10-1908 – Posse do intendente Gaelzer Netto, reeleito com 3325 votos.  
12- 10- 1908 – Posse do Conselho Municipal (9 membros) – Major Luiz Bender com 3175 votos. Presidente 1909, 1910, 1911 e 1912; Frederico Wolf com 3136. Suplentes: Pedro Hilgert Filho, Ernesto Francisco de Souza e Silva, Guilherme Lampert, Guilherme Antônio Malfatti – (posse 14-3-1909); João Francisco de Vargas, Augusto Becker, Dr. João Kroeff Netto (MOEHLECKE, 1982: 18).

A Política, no início do século XX, no Rio Grande do Sul era marcada pela forte presença do PRR. Escolhia-se fazer parte da máquina do Partido, assim se engrossavam as suas fileiras. Por seleção interna, era indicado um candidato preferencial. Era difícil ser oposição naquela época: alguma chance ocorre somente

---

<sup>91</sup> Mais conhecido por Lulu.

a partir de 1923, novamente com o auxílio da luta armada. Como o Coronel já era membro do PRR desde 1893, mesmo tendo fundado o Partido Católico, Jacob e Jacozinho eram situacionistas.

A vida política é uma parcela importante na vida do Bacharel, e isso vai lhe ocupar um bom tempo e energia do seu dia-a-dia. Com o golpe da República, a máquina dos diversos Partidos Republicanos regionais varreu por um bom período qualquer intenção de oposição. Mesmo que para tanto, as diferentes lideranças locais do Partido republicano tivessem que compactuar com as diversas agremiações em seus respectivos Estados, e, como já foi citado, o Partido Católico aderiu à nata positivista do Estado. Assim, o papel desempenhado pelos membros do PRR era de fato aniquilar ou cooptar os seus opositores.

No ambiente novo da colônia de São Leopoldo e adjacências, esse papel era facilitado: o conservadorismo possuía um forte elo com o poder mandante. Assim sendo, o PRR esteve com a Família Kroeff, ao seu lado.

É importante destacar que a Política no Império tinha sido apenas um clube fechado, em que a questão monetária era a que mais contava:

Concluindo: o sistema político vigente no Império e por conseguintes nas províncias não era exemplo de um sistema em que houvesse participação política. A participação política era, pois, restrita. Resquícios de uma dominação tradicional, senhorial, subsistem quando da implantação da República. E essa dominação, por sua vez, fora incapaz de possibilitar uma participação efetiva aos novos grupos sociais emergentes das transformações econômicas e da urbanização, ocorridas principalmente na segunda metade do século XIX. A República foi consequência inevitável da 'falta de correspondência da estrutura jurídico-política ao processo de desenvolvimento das forças produtivas'. No Rio Grande do Sul, o Partido Republicano Rio-Grandense, consciente da nova realidade econômica e social, surgida principalmente do processo imigratório, procurou capitalizar politicamente as novas camadas sociais, ainda marginalizadas na sociedade civil por um tipo de dominação já anacrônica porque inadequada a um desenvolvimento que já se fazia em moldes capitalistas (HELGA PICCOLO, em MÜLLER, 1980: 151-152).

O voto não era obrigatório e cabia ao eleitor se registrar para ter a opção de votar. Aí entra a figura de Jacob Netto: a sua função era trabalhar como representante do Partido na hora de registrar o maior número dos eleitores e ter certeza de seu comparecimento às urnas. Assim, a pessoa teria que se dirigir no dia

do pleito até a casa de um membro declarado do PRR e, no voto aberto, dizer em quem votava. Essa absurda prática eleitoral foi a forma que Júlio de Castilhos encontrou para se manter de maneira *atemporal* no poder. Sobre os abusos impostos à população em geral pelos republicanos, que eram tão eficientes em apontar as mazelas do regime monárquico — voto censitário, pouca participação popular, exclusão de mulheres e ex-escravos — pouco as modificaram e não souberam melhorar o pleito tanto assim.

Cabe citar que um dos mais fortes defensores do voto secreto foi Mario Pinto Serva, em especial na sua obra *Voto Secreto*, escrita por volta de 1910 a 1920:

O voto secreto extinguirá radicalmente todas as oligarquias, o voto secreto produzirá a criação dos grandes partidos nacionais, o voto secreto saneará a política do país, o voto secreto formará a consciência nacional, o voto secreto fará no Brasil inteiro cidadãos conscientes, dignos e verdadeiramente patriotas, o voto secreto constituirá o nosso renascimento cívico, o voto secreto entregará ao povo a escolha real e efectiva dos seus governantes, o voto secreto inaugurará a democracia no Brasil, o voto secreto acordará as virtudes dormentes da raça, o voto secreto será a aurora de uma nova era nacional, o voto secreto acabará com os progressos de representantes das oligarquias estaduais, (...), o voto secreto despertará a raça brasileira do sono no cataleptico em que jaz postada (SERVA, s.d.: 14).

Segue o referido autor e nas páginas seguintes vai ao cerne da questão:

Com a mesma inércia com que tolerávamos a escravidão, que nos enxovalhou a história, permitimos agora que permaneça e perca eternamente o cacequismo eleitoral que nos degrada. É ninguém se levanta. Ninguém se mexe. Ninguém mostra sentir incender com um simples traço de pena.

A reforma eleitoral, criando o voto secreto entre nós, não custa um vintém nem ao governo nem a ninguém. Mas com a mesma falta de carácter e de energia com que deixamos perdurar e expandir-se o tráfego e a escravidão até quase o século XX, permitimos actualmente no Brasil inteiro a mais horrorosa e nojenta bacchanal eleitoral, que são todos os nossos pleitos, como base do nosso regimen e fonte de mandato de todos os nossos governantes. A propaganda pelo voto secreto tem muito mais alcance real que a propaganda que se fez em prol da República. Os propagandistas da República, se visavam realmente instituir o governo popular, deviam agora propugnar o voto secreto porque era preferível a monarquia ao cacequismo que ora impera proveniente do horrível systema eleitoral (SERVA, s.d.: 21).

Sobre o nosso Estado, com um olhar mais direto em relação ao PRR, Freitas assevera:

O regime castilhista formava uma estrutura completamente calafetada, sem uma fresta pra respirar. Como disse José Veríssimo, “abrangia todas as relações humanas”, e “determinava as regras de conduta da atividade humana”. Na esfera intelectual e artística, o poder quase absoluto do Partido Republicano produzia nefastos efeitos. Banidas a discussão e a crítica, não restava a intelectuais e artistas outra alternativa que a da “integração” no PRR. A bem-azeitada máquina do partido desbaratava, com fria e inapelável eficiência, qualquer veleidade de independência. Graças ao monopólio do político do PRR, pôde Borges de Medeiros reeleger-se por quatro vezes Presidente do Estado, usufruindo o poder durante um quarto de século: na História republicana brasileira, nenhum homem exerceu o poder por tanto tempo. Tal como seu predecessor, sempre desdenhou da popularidade (FREITAS, 1998: 193).

Nesse ambiente hostil à democracia, Jacob Netto foi Deputado por vários mandatos. Diferentemente do pai, nunca vai aprovar um emenda ou uma lei de sua autoria. Assim, sobre a sua participação na Assembleia de Representantes, encontra-se outra lamentável realidade. A Casa Parlamentar se reduzia a confabular:

Nos brasileiros, não somos cidadãos de uma Republica: somos sodditos inermes de uma autocracia absoluta. É preciso, pois restituir ao povo o direito de compor as camaras legislativas. Só assim elle se reconciliará com as instituições vigentes, só assim renascerá a sympathia e a confiança na Republica (SERVA, s.d.: 181).

A Carta Castilhista, aclamada como avançada, em verdade era um arremedo de Positivismo e de hipocrisia nas palavras de Assis Brasil (1908). Este último disse ser a Carta um ato solitário de Castilhos e que ele, Assis Brasil e Ramiro Barcellos apenas assinaram o Anteprojeto com alterações mínimas. De origem humilde, com pouquíssima representação, o PRR tinha alcançado o poder de forma abrupta e em pouco tempo aniquilado as oposições, sempre rotuladas de monarquistas ou de antipatriotas. Sobre o início do PRR em São Leopoldo, novamente cita-se a palavra de João Silva, quando de sua palestra no Primeiro Congresso sobre História e Geografia de S. Leopoldo:

Quase em meados de 1889 foi organizado aqui o Clube Republicano, composto de cento e poucos cidadãos, dos quais apenas 20 eram eleitores. um pleito eleitoral, apareceram 22 eleitores. Como se explica isso?

Nas vésperas da eleição, aderiu ao partido o cidadão Carlos F. Bier, com um grupo de operários, entre eles dois votantes que fizeram êste aumento. Na instalação do partido, vieram para sua primeira sessão os ágoras finados Dr. Júlio de Castilhos, Ramiro Barcellos e outros. Ambos como de costume, fizeram seus discursos exaltando a ideia republicana.

(...) Após a Proclamação da República, o partido ganhou a forte colaboração dos partidos monárquicos, principalmente dos conservadores e liberais, antigos floristas, como o Cel. Epifânio. São Leopoldo soube da Proclamação da República no dia 16 de novembro, notícia recebida aqui pelo bondoso velhinho Carvalho, que muito nervoso transmitiu a nova.

Houve 3 dias de festas populares, muita música, churrasco, etc. e 'Viva a República!' (SILVA apud Duarte, 1947: 358-359).

A Carta Castilhista transformou o Parlamento gaúcho em uma Câmara de intimidados contadores: a sua função primordial era aprovar o orçamento estadual, mas a confecção das leis era um privilégio do próprio Governador, chamado de Presidente naquele tempo:

Dois tipos de eleição, pelo menos, eram fundamentais para o domínio local – as de Presidente do Estado e as para Assembleia dos Representantes. As primeiras pelo amplo poder de que o Executivo dispunha, concedido pela Constituição de 14 de junho. As da Assembleia, pelo papel que ela desempenhava na “verificação dos poderes”, controle eleitoral e como avalizadora do orçamento proposto. Na realidade, essa era a função central dos deputados rio-grandenses: aprovar o orçamento anual nos três meses em que ficavam reunidos (TRINDADE, 1980: 43).

O Corpo Legislativo tinha basicamente a função de chancela do orçamento — peça de ficção —, que no Governo de Borges de Medeiros deu até superávit, ou seja, o Governo conseguiu a mágica façanha de não gastar tudo que lhe era devido e acumulou mais capital para o ano seguinte. Votar contra o orçamento era perder o seu assento na Câmara e tornar-se figura ingrata e proscrita diante da máquina do Partido e do Governo Estadual. Assim, o Parlamento se reunia em outubro até o fim do ano e em algumas legislações avançou janeiro adentro.

Como Deputado, Jacozinho recebia um abono, que não era significativo em termos econômicos, além de um passe-livre no trem, segundo o seu filho Egon: “— Era só para o pai, quando íamos junto para a capital a madrasta tinha que pagar a sua passagem”.

Vale destacar que a Política era um segundo meio de manutenção ou até de ampliação do capital original. Embora o “salário” fosse apenas uma ajuda de custo e não uma possibilidade de ganho permanente, ser político produzia um capital mais importante, porque ajudava a desburocratizar, acelerava as pendengas e uma série de impedimentos comuns à vida econômica. Certamente, os Kroeff tinham interesse nessas atividades: no caso de Jacozinho, era mais a divisão de tarefas, ele era um braço político e jurídico do conglomerado do velho Coronel, que, já distante da política representativa, mantinha-se ativo nos bastidores com o auxílio do filho caçula. Como se viu, ser Deputado não demandava tanto assim, o que quer dizer que Jacozinho tinha uma vida além da recém-restaurada Casa dos Representantes, localizada ao lado do Piratini e à frente do Solar dos Câmara.

Jacozinho, com a vida de casado, foi empregado do pai nos negócios; já formado, é de se imaginar que atuou como advogado ou auxiliar. Dados sobre as atividades profissionais de Jacob Netto são peças raras.

O que se sabe é que, por volta de 1906, tornou-se sócio do pai em um de seus empreendimentos — as conservas de carne de gado e porco. Cuidava da atividade política, que a ocupava mais intensamente antes dos pleitos com visitas aos correligionários, por meio de churrascadas, de discursos — essa era a sua especialidade — e de reuniões no PRR de São Leopoldo.

Sobre essas reuniões, teve-se acesso a várias atas mandadas a Borges de Medeiros que as lia e que eram resumidas. Como um informante, o redator do PRR de São Leopoldo descrevia com a sua percepção a participação dos membros do diretório local. Grande parte desses relatórios ainda preservados constitui o Fundo Borges de Medeiros no IHGRGS. Mesmo com o controle rígido de Borges, a vida no Partido, em especial para Jacozinho, não foi tão difícil, conseguindo cuidar de seu pequeno império familiar.

Outra importante fonte sobre o período de 1914 a 1918 são alguns exemplares da revista *O Maneco*<sup>92</sup>, publicada em Porto Alegre, com um forte apelo satírico e de

---

<sup>92</sup> Esse era uma publicação de caráter bastante debochada. Que não só ridicularizava as origens germânicas de vários parlamentares, como Arno Philip que virou Asno Philip; Gaelzer Netto (intendente de São Leopoldo) apelidado de Kaiser. Fora as piadas étnicas, estávamos em período de Guerra, as críticas iam além e botavam em xeque a validade dos trabalhos legislativos, bem

oposição ao Governo Estadual. Pode-se ver como parte da sociedade encarava o trabalho no Legislativo e até Jacozinho recebeu algumas críticas.

Em 1912, portanto, já casado e pai, Jacozinho acompanhou o casal Jacob e Theresa e suas três irmãs a uma longa viagem à Europa. O velho Coronel Kroeff que queria matar saudades de sua terra natal, e pararam em Bad Ems, estação de veraneio perto de Coblença (Alemanha), que ainda hoje recebe os ricos alemães. Era o fechamento de um ciclo para Jacob Filho, retornando assim ao Velho Continente com uma condição econômica muito mais favorável. Aqui chegou ainda jovenzinho e assustado com tantas mudanças; com a ajuda do pai, aprendeu a ser negociante e fez fortuna — chegou, pois, a hora de voltar e de rever as suas origens.



Figura 24: Família Kroeff em Bad Ems, Alemanha, 1912.  
De pé, Emma, Jacozinho, Olga, Hildegart; sentados, Jacob Filho e Theresa.  
Fonte: Acervo Lutzenberger.

Cabe ressaltar que sucederam dois fatos nessa viagem. A caminho de Roma, talvez em Stuttgart, param em um bar à noite, somente o Coronel e Jacozinho, para tomarem uma cerveja. Como a casa estava cheia, perguntaram a um senhor se ele

---

como podem ser transladadas para os dias atuais, onde se reclama da pouca presença dos parlamentares, pauta de assuntos secundários. A Biblioteca da PUCRS tem no seu acervo vários exemplares de onde retiramos os subsídios.

não se importava em dividir a mesa. O senhor, muito gentil, disse que não havia nenhum empecilho e tomaram várias taças do precioso líquido. Pouco depois, a singela figura disse que era um rei e que estava ali à paisana, pois não queria ser bajulado a noite inteira. Como se verá mais tarde, o monarca, já destronado, retribuiu a cortesia e visita São Leopoldo, onde Jacozinho faz as honras da casa. A citação abaixo é de Rubens Neis.

Foi em junho desse mesmo ano que o ex-rei da Saxônia D. Frederico Augusto III visita São Leopoldo, hospedando-se no Seminário. (...) Acompanhados pelo P. Dufner e o Dr. Jacó Kroeff, partem às 7,30 em 2 autos para Bom Jardim e Hamburgo, donde à tarde voltam de trem a Pôrto Alegre (DUARTE, 1947: 322).

Foram também a Roma: no dia 17 de outubro de 1912, tiveram uma reunião privada com o Sumo Pontífice. Jacob Kroeff Filho trouxe como recordações preciosas os santinhos de Sua Santidade (regiamente pagos) para todos os filhos e até para o seu sócio Pedro Wiltgen.

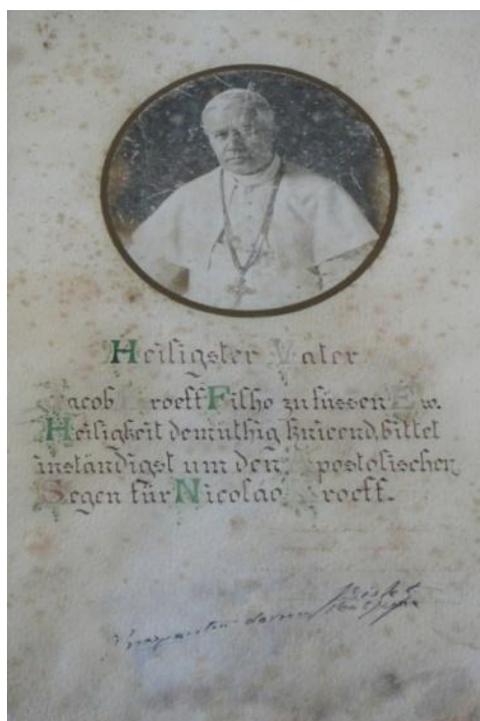


Figura 25: Santinho do Santíssimo, Vaticano: 17/ 10/ 1912, dedicatória a Nicolao Kroeff  
Fonte: Acervo Fazenda Paquete

De volta ao Rio Grande do Sul, a vida seguiu a sua normalidade e o casal encomenda mais um filho: nasce Elgin, a primeira filha. Depois vem Erna e Luiz (Lulu) e, por último, Egon. Pelo visto, o luto por Egon Luis não havia sido sanado. A mácula se fazia presente diante do casal Jacob e Otylia: os filhos homens subsequentes receberam a difícil tarefa de preservar ou de suplantar a memória do jovem falecido, que ainda era uma lembrança penosa no seio da família. Fora isso, nesse período, ainda à frente dos negócios, o hábil Coronel amplia os seus negócios e consegue um contrato de exportação — vai vender carne aos ingleses.

O contrato era respeitado por ambas as partes. Surgiu um contratempo: o Coronel deveria ausentar-se por uma nova temporada na Europa, pois estava com bócio (doença comum na época) e sentia-se compelido a procurar ajuda em terras distantes. Foi em companhia apenas de Teresa: aqui ficaram à frente dos negócios Albino Wiltgen e Jacozinho, o seu homem de confiança.

Uma viagem para a Europa demandava um longo período: via navio, levavam-se algumas semanas para lá chegar. Os gaúchos tinham duas opções: ir até Rio Grande e se dirigir para Santos ou para o Rio de Janeiro, local preferido para mais uma estada. Assim, a viagem levava alguns meses e pouco se podia fazer para trocar informações. O correio ainda não tinha muita agilidade e a carta-resposta era algo impraticável, pois o viajante não permanecia em uma mesma localidade por tanto tempo assim. Ao que consta, a operação na Alemanha foi um sucesso, mas Albino e Jacozinho trocaram os pés pelas mãos.

O que de fato aconteceu ainda é fruto de controvérsia e cada membro ouvido para a presente pesquisa tem uma versão diferente dos fatos. O Matadouro era uma sociedade entre os Wiltgen e os Kroeff; assim sendo, Albino cuidava de seus interesses e Jacob, do seu lado. O contrato tinha sido celebrado em 1918, ampliando os negócios das famílias. Recapitulando, a trajetória de Kroeff Filho começou com um açougue junto às dependências do pai. O gado era criado em terras do sogro. O tino e a esperteza sempre o acompanharam. Após alguns anos, já vendia a sua carne para Porto Alegre, o trem facilitava bastante a sua vida. Sonhos maiores ofereceram as delicadezas Kroeff aos habitantes do Rio de Janeiro e de São Paulo. No caminho, havia-se juntado a Pedro Wiltgen, outro hábil negociante; em pouco mais de uma década aportavam no mercado internacional

europeu. A mesma Guerra que trouxe um Lutzenberger cansado da destruição em sua Bavária abriu espaço para os bens do futuro sogro:

21/8/1918 CORREIO DO POVO 21 de Agosto de 1918 ANNO - XXIV Num. 197 p. 4 CONTRATO DE PRODUÇÃO DE CARNE EM CONSERVA "Os srs. Kroeff & Wiltgen, desta capital, acabam de firmar no Rio de Janeiro, com os srs. Clayton Obsburgh & C., firma inglesa ali estabelecida, contrato para toda a produção de sua fabricação de presuntos e conservas marca "Tigre". Na assinatura do contrato a firma Kroeff & Wiltgen foi representada pelo seu socio coronel Albino Wiltgen. Foi intermediário dessa transação o sr. Oscar Machado, representante geral da referida firma em S. Paulo" (BRUM, 2009: 72).

Jacozinho acompanhou tudo isso de perto; contudo, no ano de 1922, parece que *perdeu a mão* e para isso há três versões. Na primeira, uma grande remessa já pronta não foi embalada no tempo hábil e estragou no traslado; a firma inglesa, por sua vez, negou-se a pagar pela carga deteriorada. Na segunda, Jacob demorou em comprar as folhas de flandres, pois havia falta dessa matéria-prima no mercado, atrasando a remessa e os ingleses não quiseram pagar o lote. Na terceira, a firma inglesa recebeu o produto em perfeito estado, mas não honrou o pagamento, pois estava quebrada, frente às dificuldades que se seguiram após a Grande Guerra.

O que de fato aconteceu ainda carece de melhores dados, para que se possa expressar uma opinião mais balizada. Contudo, Jacob e Albino foram, de certa maneira, proscritos na família. Na volta da viagem e a par de tudo, o velho Coronel com seu ímpeto prussiano renovado e curado do bócio, vociferou contra o filho e o marido de sua filha. Algumas cicatrizes jamais se curaram. Albino, profundamente ofendido, preferiu ir morar no Rio de Janeiro e de lá não voltaria antes da morte do sogro. Jacozinho igualmente ficou em um autoexílio, mas não levantou a voz contra o seu pai.

Como se não bastasse todo esse sofrimento, o diminuído Jacob teria que conviver com uma perda ainda maior que a do vil metal. Sua amada esposa tinha dado a luz ao seu último filho, Egon, em março de 1920, o qual mal pôde amamentar, estava acometida de uma grave doença<sup>93</sup> — a suspeita era tuberculose —, o bebê foi logo afastado do convívio materno.

---

<sup>93</sup> Fez-se uma longa e exaustiva pesquisa nas listas de internações da Santa Casa de Porto Alegre, a começar pelo ano de 1918 até 1922. Infelizmente não se encontrou os seus registros, de Ottylia

A dura doença consumia não só as energias de Ottylia, mas um Jacob impotente ao seu lado sofria a dura realidade da morte que rondava — nesse lapso de dois anos, perdeu muito de sua energia e dinheiro. Os filhos mais velhos já estavam em internatos ou com parentes, a família foi, aos poucos, sendo dilacerada. Cada um dos filhos guardaria para si um forte ressentimento em relação à perda da mãe, que, sempre vigilante, era quem cuidava deles.

Sem os rendimentos de seu próprio negócio, pois o que tinha em parceria com o pai fora liquidado para salvar o resto da firma, o viúvo Jacozinho precisou do auxílio para ter um provento. Seu irmão mais velho o socorreu, e empregou-o. Antônio havia assumido o Matadouro, devido às complicações que o fogo trouxera a seus empreendimentos, nos Campos de Cima da Serra. Todavia, Jacozinho e Antônio não tinham a competência do pai — é provável ainda dizer que lhes faltava a “corrida” do irmão Nicolao. Mesmo bem intencionados, o abatedouro não rendia como antes. E pior, o negócio anos mais tarde seria repassado. Atanásio, filho de Antônio, tornou-se responsável pela família na transição e tentou manter tudo ativo, mas falhou: em pouco tempo, o matadouro foi desativado e só o terreno tinha algum valor.

Assim, o sólido império da carne, aos poucos, foi desaparecendo. Antônio, ainda tomado pela tristeza e por uma provável depressão, morreria anos mais tarde. Desolado, não se recomporia do incêndio<sup>94</sup> que destruiu tudo o que arduamente fora construído em um local isolado, conhecido como Rincão. Sua filha Olga chora até hoje: é pesada a lembrança dessa memória, ao relatar essa passagem de sua vida.

A depoente declarou que o matadouro, após a morte de Antonio, não resistiu e foi fechado logo em seguida. Seu concorrente, o Provenzano, resistiu mais alguns anos. Com no matadouro Kroeff, dali saiu outro Prefeito para a cidade de Novo

---

Wiltgen Kroeff, são em média quatro mil nomes por ano. Uma segunda hipótese sustentada pelos historiadores responsáveis pelo setor é a de que o seu nome estaria na relação das clínicas especializadas. Entretanto, como, atualmente, o centro de memória passa por reformas, a pesquisa não pôde ser concluída antes do término deste trabalho. Mas as mudanças serão bem-vindas para as pesquisas futuras.

<sup>94</sup> O incêndio destruiu tudo que havia sido construído até então. A fazenda tinha sido aprimorada com uma bela casa, dois galpões, um para o beneficiamento da Erva-mate e o segundo para a fabriqueta de queijos. Tudo numa questão de horas se reduziu a cinzas.

Hamburgo. Na terra dos alemães, a carne teria muito voto. Sobre os matadouros, há uma obra de Benedicto de Freitas, que faz uma apologia a um matadouro estatal:

Jamais o Matadouro de Santa Cruz e seu pessoal, faltaram ao cumprimento do dever. Êle é ainda o grande consôlo do povo e a esperança dos poderes públicos, contra a ganância dos exploradores da bolsa alheia. Cumpre não desampará-lo (FREITAS, 1950: 136).

Apesar de serem dolorosas à depoente, as suas preciosas informações sobre o pai Roberto e sobre o seu processo de abatimento abrem uma janela, pois não se sabe o quanto desse (res)sentimento ficou impregnado igualmente em Jacob Netto, que bem poderia ter a mente parecida com a do irmão, comprometendo parte de sua vitalidade.

Kroeff Netto é outro que aos poucos vai se estagnando e não consegue superar as perdas. Há, deste modo, duas tragédias tão perto uma da outra. O seu interior sentiu o baque, com a mulher morta e com a dura reprimenda que recebeu do pai — Jacozinho torna-se por um período uma pessoa mais frágil, derrotada e amarga.

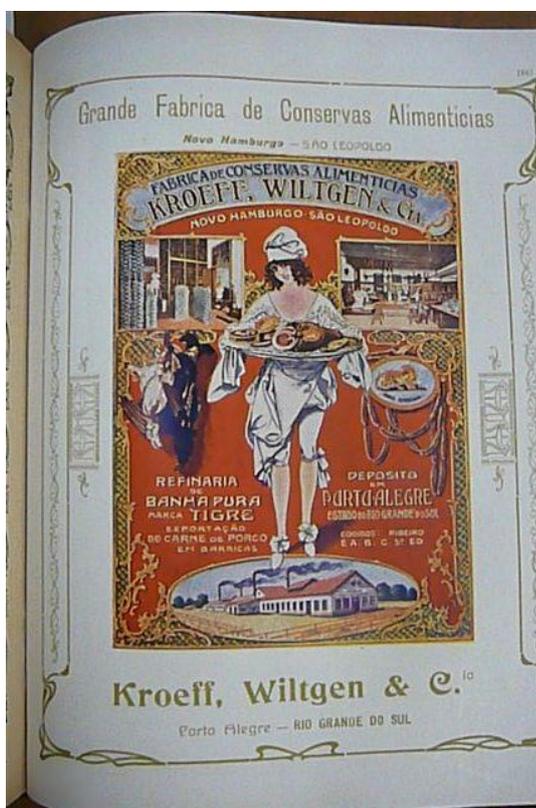


Figura 26 - Propaganda do Matadouro Kroeff / Wiltgen  
Fonte: AHRs: Anuário Laermert 1918-1919

Sua filha Erna,<sup>95</sup> antes de morrer, ainda comentou que, em um dos dias subsequentes ao triste velório da mãe Ottylia que era uma pessoa dócil e benquista, viu o pai desmoronar em lágrimas, ajoelhado no chão e com os cotovelos sobre a cama. Mesmo na presença de uma criança, ele chorava inconsolável, lágrimas doídas e essa imagem a acompanhou por muitos anos, o que a ajudou a não emitir opiniões sobre o seu pai, caracterizado pela filha como uma alma sofrida. Passado tudo isso, Jacob precisava reagir. A família estava despedaçada, cada filho vivia em um local diferente. Os mais velhos tinham abrigo em internatos, e nisso seguiam o ritmo da família. Egon, por sua vez, iria morar com seus tios duplos Nicolau Kroeff e Adelina Wiltgen (irmã de Otylia).



Figura 27 - Família Nicolao Kroeff, na Fazenda Paquete  
Fonte: Acervo Fazenda Paquete

---

<sup>95</sup> De personalidade decidida como a Tia Hildegart e como o avô Jacob, Erna era uma senhora de palavras comedidas e bem pensadas — só fez a confidência por insistência do irmão Egon que perguntou sobre aquele episódio. De outra maneira tinha por conduta pessoal evitar o assunto sobre Jacob Kroeff Netto e Elsa Ludwig, a madrasta. Uma segunda vez que se autorizou a falar do pai foi para comentar da queda no padrão econômico. Achava o pai muito apático e culpava a viuvez como a segunda morte simbólica dele, lembrando também a perda de Egon Luis.

Sobre o período na Fazenda Paquete, Egon Kroeff, hoje um senhor de 90 anos, guarda as melhores lembranças da infância. Ele foi para lá logo depois da agravada situação da mãe, que nem a conheceu ou que guarda poucas lembranças sobre esta — era, pois, mais um filho do *casal paqueteiro*. Os “irmãos” da atual família, já rapazotes, não careciam de tanta atenção da Tia Moça (Adelina), que, também consternada pela perda da irmã, superprotegia a criança órfã.

Egon residiu na Fazenda por cinco anos. Quando tinha em torno de seis anos, foi avisado da visita de seu pai, o que lhe causou grande ansiedade. Nunca lhe haviam omitido que vivera ali por fatalidade da mãe, mas sentia-se muito ligado à Tia Moça e a considerava uma legítima mãe. Nicolao, mais calado e ausente, não tinha assim uma presença tão marcante quanto à esposa. A visita do pai era uma motivação extra. Sobre o pai, Jacozinho, é preciso recuar um pouco.

Viúvo em 1922, ficou um ano sem ter muito que fazer. O mal-sucedido nos negócios o abalou ainda mais, e ele resolveu casar-se novamente. A pretendida seria Elsa Ludwig, colega (de Ottylia) nos tempos de Colégio São José, além de amiga íntima de Adelina. Uma prova de tal relacionamento pode ser vista na fotografia de comemoração das bodas de ouro do casal Wiltgen. Outra marca dos laços de amizade foi a escolha de Elsa como madrinha da primeira filha do casal Elgin. Outro relato que indica o convívio entre as irmãs Wiltgen e Elsa é o da Exposição Estadual, mencionada por Damasceno.

Se fizessem indústria de seus talentos, como José Wolmann, instalados em Porto Alegre, teriam podido certamente aproximar-se desse profissional, sem nenhum constrangimento, as Sras. Adelina Wiltgen e Elsa Ludwig, ambas de São Leopoldo, as quais se inscreveram salientemente no certame com várias e bonitas peças de porcelana pintada, merecedoras dos mais francos elogios” (DAMASCENO apud MOEHLECKE, 1978: 250).

Moça prendada, de nível socioeconômico compatível<sup>96</sup> com os Kroeff, a bela Elsa parecia ser uma escolha lógica: já conhecida da família, a sua aceitação seria maior e mais rápida do que uma estranha qualquer. Essa percepção de Jacob Netto

---

<sup>96</sup> Igualmente descendente de teutos, a sua família tinha posses em Canoas; o tio era abonado e era um proeminente comerciante da região.

mostrou ser uma péssima escolha que lhe traria consequências não-imaginadas, ao político e ao pai de família.

As primeiras fotos do novo casal são feitas na Grande Exposição de 1924, quando Novo Hamburgo rouba de São Leopoldo a primazia de organizar uma feira/exposição para comemorarem o centenário da imigração alemã. Esse evento de muita importância vai dar ensejo para a futura emancipação da cidade, e o casal Jacob e Elsa foi ali fotografado. Sobre o evento, há referência sobre uma filmagem, algo bastante raro inclusive para a época:

Já foi tirado um filme de 1.800 demonstrando vários aspectos do certame. Este filme será exibido, como propaganda, em vários pontos do Estado (DUARTE, 1946: 124).

A Feira movimentou toda a colônia, ao apresentar os seus principais produtos de exportação. A Praça Central de Novo Hamburgo foi cercada e dentro dos muros a exposição foi realizada. Embaixadores, negociantes e até o ocupado Borges de Medeiros presenciaram os eventos, que foram presididos por um ainda atuante Jacob Kroeff Netto:

A população toda de Hamburgo Velho e Hamburgo Novo aglomerou-se na estação desta última localidade, ocupando o edifício e as suas adjacências, à espera do trem presidencial, que pouco antes das 14 horas era avistado. (...) Ao penetrar na estação o trem presidencial, cuja máquina trazia na frente bandeiras nacional e rio-grandense, as bandas de música executavam marchas festivas, centenas de foguetes de dinamite esturruavam e ouve-se uma salva de morteiros. (...) Por entre calorosas manifestações da grande massa popular, que o vitoriava, desembarcou, o Dr. Borges de Medeiros, recebendo em seguida os cumprimentos das comissões diretoras de recepção. (...) Ao transpor o Presidente do Estado a larga porta principal que dá ingresso ao recinto, foi a mesma aberta de par a par, dirigindo-se às autoridades para o fundo do certame, onde se localiza o salão de concerto. (...) Aí, após breve descanso, servindo café e finos charutos, manufaturados na própria localidade, sentaram-se todos em uma grande mesa, na boca do palco, havendo o nosso ilustre amigo, Dr. Jacob Kroeff Netto, presidente da comissão diretora, entregue em breves frases a presidência dos trabalhos ao Dr. Borges de Medeiros. (...) A êsse tempo o recinto da exposição estava literalmente tomado pelas comissões representativas das sociedades estranhas e todas as locais, as de Hamburgo Velho e de São Leopoldo, colégios públicos e particulares, associações desportivas, beneficentes, etc., etc., e por uma multidão calculada em mais de 5 mil pessoas (DUARTE, 1946: 95-96).

A Feira movimentou por uma semana toda a cidade e foi grande o número de visitantes. Outro que discursou foi o próprio Jacob Netto, como indica Duarte (1946:

103-110) — teve-se, assim, acesso a mais um dos seus raros discursos preservados. A Comissão Organizadora se reuniu para uma fotografia que hoje é utilizada equivocadamente como foto da Comissão Emancipadora da cidade.

Em São Leopoldo, as festividades foram de menor monta, mas se seguiram algumas atividades, nas quais Jacob Netto era nomeado como líder político do Segundo Distrito, Hamburguer-Berg ou Piedade (DUARTE, 1946: 129). Também, foram oferecidos vários páreos em homenagem ao centenário. É de se imaginar que Jacozinho queimou algum dinheiro nisso, pois esse seria um dos poucos vícios que teria na vida, mas não se conseguiu saber se chegou a ser um apostador inveterado<sup>97</sup>.

Um dos primeiros atos de Jacozinho em relação à nova esposa foi reunir a família novamente: os seus filhos dispersos seriam trazidos de volta para que pudesse formar um lar novamente. Ele vai atrás de cada um de seus filhos, o que nos leva de volta à Fazenda Paquete.

Em um fatídico dia, Jacob e Elsa vão buscar o caçula, Egon. Mesmo contrariada, a Tia Moça entrega a criança, mas nunca mais se relacionaria amigavelmente com Elsa. A primeira via a segunda como uma mulher interesseira ao casar com o viúvo da irmã. De personalidade difícil até intrometida, nunca aceitou de bom grado o novo casamento do irmão do marido e fez tanta pressão que, por exemplo, Nicolao se sentiu compelido a se afastar de Jacob — aqui se tem mais uma perda.

A vida na nova família não era um mar de rosas, a nova mãe até que se mostrou presente na educação dos filhos. Luiz,<sup>98</sup> o segundo mais velho a morar em casa, era mais encrenqueiro, sempre respondendo e argumentando com dona Elsa. Mas tal História teria mais um capítulo: em 1930, nasce José Maria, único filho do casal e sexto de Jacob. O rebento é citado como o ponto de mudança na relação

---

<sup>97</sup> Jacozinho, ao falecer, deixou como herança omitida três cavalos de corrida, que escondeu da família, em especial da esposa Elsa. A surpresa pegou a todos, em especial a seu filho José Maria que recebeu a notícia por intermédio de “Caneco” (Urbano Arnecke), figura lendária de Novo Hamburgo que vendeu os animais e honestamente deu o dinheiro à família.

<sup>98</sup> Plínio concluiu os seus estudos e se manteve ausente; as filhas estavam internas, e o convívio era assim reduzido.

entre os filhos de Ottylia com Elsa. Segundo os seus relatos, a até então discreta madrasta torna-se superprotetora do novo filho e se intromete cada vez mais nos assuntos de Jacob, que se mostra indiferente ou acanhado em responder à mulher.

No mundo da Política, 1927 marca outra página importante para Hamburguer-Berg, que era apenas o segundo distrito de São Leopoldo. Com a Exposição três anos antes, o desejo de emancipação se torna uma força nova e decidida. Jacob Netto vai ser o elo político e sensibiliza diretamente a Borges de Medeiros, visto que, sem o apoio deste último, nada aconteceria.

Sobre a emancipação, é importante ressaltar que, desde a implantação do trem, a futura cidade de Novo Hamburgo vai ser o novo funil para a produção da colônia, o que a impulsiona economicamente. Diferentemente do que atesta Carneiro, na citação que se segue, a possível vingança de Borges de Medeiros por uma baixa nos índices de aprovação do seu partido, faz pouco sentido, pois a união em prol de uma maior autonomia política era uma velha questão dos hamburguenses:

Contarei uma graça e que diz respeito à criação do Município de Nôvo Hamburgo: contrariado com os eleitores do Município de São Leopoldo, mas satisfeito com os eleitores do 2º distrito, o senhor Borges de Medeiros resolveu transformar o dito distrito em Município (CARNEIRO, 1963: 32).

Há no arquivo do Vale dos Sinos um texto datilografado de autoria de Carlos Dienstbach Neto, que já menciona no distante ano de 1889 o desejo daquela comunidade de se tornar independente em virtude da não-construção de uma ponte:

Junto com uma ferrovia também chegaram os serviços postais diários e o serviço telegráficos, agilizando sobremaneira a comunicação, cujas correspondências eram expedidas apenas nos dias estipulados pela imprensa: em janeiro quatro dias antes do mês, fevereiro três dias, março três dias, daí em diante o esquema seria como em abril, três vezes por mês (SANTOS, 2002: 88).

Outro estudioso no assunto é Oscar Moehlecke<sup>99</sup> que aponta a criação de um imposto, em 1908, pelo Intendente de São Leopoldo, Gaelzer Netto, fato que demonstra a importância daquela região:

Motivou a criação deste imposto a importância local desses lugares e a densidade da sua população que requer outras exigências de ordem econômica, principalmente com a inauguração da Linha Férrea para Taquara. (...) Comprovando a afirmação anterior do Intendente Gaelzer, da importância que já tinha novo Hamburgo, e de certa forma, renunciando o seu futuro como local da exposição, vejamos o que diz a mensagem de 1908 no item 'Exposições': 'Nos dias 15 a 18 de maio findo, teve lugar, em Hamburguer-Berg, uma pequena exposição agrícola, promovida pela associação 'Rio Grandenser Bauerverein', que foi bem sucedida. Esta intendência prestou o seu apoio moral à utilíssima festa de trabalho, esperando, outrossim, que a mesma se reproduza anualmente, ao menos no interesse geral da nossa lavoura, cujas condições urge sejam melhoradas, a fim de alcançarmos o movimento econômico rural, hoje observado nos estados de maior cultura' (Mensagem ao Conselho Municipal pelo Intendente em 1908, citado por MOEHLECKE, 1978: 275).

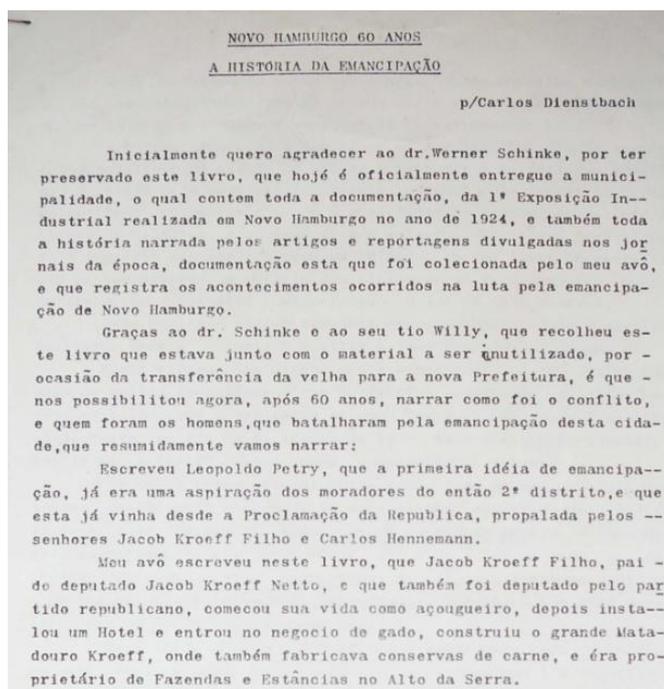


Figura 28 - Carlos Dienstbach Neto, e referência a primórdios da emancipação  
Fonte: Arquivo do Vale dos Sinos

<sup>99</sup> Para uma visão mais ampla deste renomado autor da História local, indica-se ainda na mesma obra: O Vale dos Sinos era assim (1978), p. 271-284.

Para tanto, Hamburgo Velho e “Novo” já contavam com duas coletorias de impostos: uma estadual e outra federal. Bem antes disso, com a construção da linha férrea, aquela localidade tinha progredido muito, conforme salienta Telmo Müller:

Os ingleses, sem muita cerimônia, como teriam que chegar a Novo Hamburgo, construíram a última estação, talvez por economia, e por razões de ordem técnica no local determinado. O local era ponto de confluência das várias vias de penetração para as ricas colônias alemãs (MÜLLER, 1980: 279).

Mais recentes são os dados numéricos sugeridos por Truda (1930: 122), no ano da emancipação:

A pequena cifra de Novo Hamburgo não deve illudir. Esse município della se desforra, brilhantemente, no total da produção industrial. Sendo o de menor área territorial, em todo o paiz, valorizou-se, com effeito, por uma formidável actividade fabril, desdobrada em múltiplas manifestações sobretudo relacionadas com a industria de couros.

Avaliados em 914.000 contos a produção industrial do Estado, em 1927, para Ella deram os municípios a que nos vimos referindo, os contingentes seguintes:

Estrella .....	7.362	contos
Lageado.....	9.500	“
Montenegro.....	12.3794	“
Novo Hamburgo .....	35.000	“
Santa Cruz.....	20.244	“
São leopoldo.....	21.250	“ (...)
Total .....	136.647	contos

Com a emancipação, em parte para agradar a Borges de Medeiros (Decreto emancipador n. 3.819, de 5 de abril de 1927), em parte por ser um homem sem muitas pretensões, assume Jacob Kroeff Netto interinamente como intendente — o Decreto seguinte, n. 3820, diz respeito a isso. Nos noventa dias que fica no cargo trata da burocracia propriamente dita, organiza a Casa e as eleições que elegem Leopoldo Petry como o seu sucessor.

Ainda sobre seu período como chefe do executivo local, a reduzida participação de Jacozinho, é indicada pelos poucos registros<sup>100</sup> da recém-criada municipalidade. Nos seus despachos, fora as repostas de felicitações, pouco se fez. A ideia era de Jacob Netto concorrer ao cargo, nas eleições vindouras e assumir a casa pelos quatro anos seguintes. Assim pleiteava o próprio Presidente Borges, que garantiria uma eleição sem maiores dificuldades. Seu filho Egon Kroeff reproduz com alguma hesitação, o que se sucedeu na época, o corrente ano de 1927. Em seu relato repetia constantemente a falta de ambição do pai (Jacob Netto) que se sujeitava de bom grado aos desígnios do partido, entenda-se, aqui, a visão bastante pessoal de Borges de Medeiros. Essa falta de desejo pelo poder, ou ambição será uma constante na vida de Kroeff Netto, que pouco se esforçava em seu próprio benefício.

Mas nesse período em particular, desculpava se como sendo mais um soldado nas trincheiras do partido, sem lugar para individualismo, pois estavam em jogo o bem da futura cidade e a manutenção do *status quo* da própria agremiação republicana local. Isso em muito ajudaria a tornar Jacozinho, um nome de consenso, inclusive com o aval de Borges.

De volta à emancipação, muito se discutia a necessidade de maior autonomia por parte dos moradores tanto de Hamburguer-Berg (Hamburgo Velho) e a outra parte da futura cidade conhecida desde então como Novo Hamburgo. Era a necessidade de se desmembrarem de São Leopoldo, município que não atendia com eficiência as demandas desses moradores, deslocados da *sede* da intendência.

Jacozinho, mesmo não levantando com afinco a bandeira da emancipação, muito acelerou o processo, quebrando a antipatia natural de um governante, por exemplo Borges que decidia arbitrariamente muitos dos desígnios do Estado. Mesmo assim, com todo esse poder nas mãos, Borges de Medeiros precisava agradar a ambos os eleitorados da “velha” São Leopoldo e da nova municipalidade de Novo Hamburgo. O presidente do Estado não podia simplesmente voltar-se para as lideranças e a numerosa população do antigo município, originado com a imigração alemã. São Leopoldo, além de perder parte de seu território, deixava de

---

<sup>100</sup> Livro de Registros da Intendência Municipal de Novo Hamburgo. (Fonte: Arquivo do Vale dos Sinos)

recolher a receita gerada em Novo Hamburgo. Esse era o problema na mesa de Borges de Medeiros.

Sendo “alçado” à figura de Intendente não se pode negar o fato de que a participação de Kroeff Netto foi decisiva, mesmo por ser “omisso”, para diminuir as resistências de Borges de Medeiros, o que, à época, fazia toda a diferença no mundo político. Por ser uma liderança antiga, Jacozinho foi aceito de bom grado, e após seu curto período de intendência, resolveu morar em São Leopoldo, calando um ou outro detrator que o acusavam de querer obter ganhos “pessoais”, nutrindo sua vaidade particular no processo de divisão dos municípios. No curto período, pouco mais de três meses, em que esteve na intendência, Jacob Netto pode ser visto como alguém que atuou na condição de mandato tampão, ou, ainda de outra forma, que, nessa função, atingiu o zênite na sua carreira política.

Considerando-se a possibilidade de que a carreira política tivesse chegado ao topo, é preciso recuar um pouco, pois, numa reviravolta do destino, novamente o mundo de Jacob começou a ruir. Um ano antes (1926), seu pai havia falecido, e o testamento não dava conta das brigas internas na família. Com a ausência de espólio generoso para si Jacozinho se vê em apuros financeiros que haviam começado pouco antes, em 1922.

Com os tristes eventos de 1922, Jacob Kroeff Filho vendeu algumas de suas posses para saldar as dívidas geradas pela má administração da empresa enquanto esteve na Europa. Na falta de um capital de maior giro, vendeu algumas de suas melhores propriedades, o que atinge outros membros da família, pois, como se viu, algumas propriedades eram doadas e parte permanecia em usufruto dos filhos. A esse respeito, Antônio teve que vender um precioso terreno no Kaiserwald, há muito tempo pertencente à família. Com o capital necessário para acalmar os credores, o grupo sofre um forte abalo. Aqui, Jacob Netto vê a sua parceria com o pai encerrada e a sua firma finalizada. O pai, muito irritado com o filho, obriga-o a assinar promissórias no valor do “desfalque”, o que Jacob não nega. Passados alguns anos, e por pressão da mãe protetora — mais uma evidência da forte presença feminina —, Jacob Filho, consternado com a inépcia administrativa de seu filho, que, mesmo com essa dificuldade, não era visto como aproveitador, teria sido perdoado em sua dívida de 1922. Mas o Coronel nunca se deu ao trabalho de comentar ou de impor



De volta ao ambiente familiar, com a emancipação de Novo Hamburgo, cidade industrialmente rica, as filhas já mais maduras não fazem questão de viver com o pai. Lulu segue o mesmo destino. Plínio, já autossuficiente, convive apenas o necessário e demonstra certo inconformismo com a nova parceira do pai. Assim, pouco a pouco, Jacob Kroeff Netto vê os filhos se afastarem.

Os insucessos o acompanham: em 1928 termina a sua participação na Câmara Estadual. Nunca mais haveria de ocupar um cargo no Parlamento. Em anos futuros, tenta plantar eucaliptos como alimento para as fornalhas para a crescente indústria local — outro fracasso.

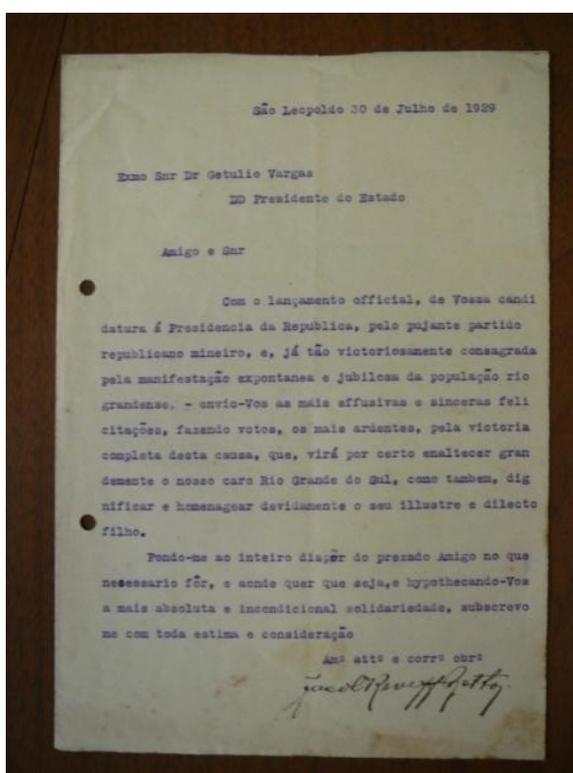


Figura 30 - Carta de apoio a Getúlio Dornelles Vargas, por Kroeff Netto  
Fonte: AHRs: Maço Governantes, ano de 1929

A sua segunda esposa, Elza, de forte temperamento, reclamava sempre às voltas com as questões financeiras. Sem muitas condições para se sustentar, Jacob Netto abandona as lides campeiras e torna-se fiscal da Fazenda Estadual. Como funcionário teve uma vida mais calma e garantiu o seu sustento e certo conforto à família. Mas a sua sorte não durou muito, pois, mesmo apoiando o golpe de 1930 e

a imposição de Getúlio para Presidente, prefere não se alinhar ao antigo colega, ficando fiel a Borges de Medeiros, que, em uma eleição indireta na Câmara Federal, perde para o seu ex-comandado.

Getúlio assume o poder após a Constituição de 1934, para um governo de manutenção. Já instalado no Catete, desde 1930, não vê razões para se ausentar, clama por mais alguns anos. Borges de Medeiros é forçado a sair do Estado, e Jacozinho é cassado, o que compromete a sua única fonte de renda até então.

Desse período de vacas magérrimas, seu filho José Maria lembra com maior clareza. As dificuldades são bastante óbvias: estuda “de favor” por alguns anos no Colégio Marista São Jacó, em Novo Hamburgo, o qual o seu avô e o seu pai ajudaram a construir<sup>101</sup>.

Já contando com alguma idade, no ano de 1933, Jacozinho pede permissão à Justiça para hipotecar a sua casa, que metade já fora cedida aos filhos como herança materna. No processo, Jacob explica que a intenção é comprar gado e revendê-lo; para o empréstimo, a hipoteca é a garantia de que necessita. O Juiz concede a permissão, Plínio dá o aval, mas antes este último passa um sermão no pai.

---

<sup>101</sup> A pesquisa dessa informação ocorreu graças ao auxílio da funcionária Patrícia dos Santos (Colégio Pio XII); no Arquivo Marista de Porto Alegre, pela arquivista Carine Costamilan.

presteza no serviço.  
Escritório : Ladeira n. 45.  
3as., 5as e 6as. 2ª ord.

**COLLEGIO SÃO JACOB**  
Em  
**Hamburger-Berg**  
Internato e Externato

No dia 15 de março des e anno, abre se neste pittoresco e saudavel lugar, o recém-construido, Collegio São Jacob, para meninos, dirigido pelos já demais conhecidos e reputados Irmãos Maristas, sendo que todas as preleções serão dadas em allemão.

Pensão, incluído todo o ensino, de accordo com o programma, rs. 50\$000 mensal.

Matricula desde já acha-se aberta e pode ser pedida, como também prospectos do director do Collegio ou dos membros da comissão.

Jacob Kroeff Filho  
Pedro Adams Filho  
Jacob Kroeff Netto  
João V. Hennemann.

s. n. até 15 maç.

Dr. W  
M  
Residência  
2ª ord

Figura 31 - Anúncio do Colégio São Jacob (Ir. Maristas) em 1915  
Fonte: Jornal A Federação, 21/01/1915

Plínio, o filho mais velho de Jacozinho, era muito diferente do pai, pois sempre foi um negociante e *virador*<sup>102</sup>. Acumulou considerável fortuna ao longo da vida. Porém, no início da vida profissional, contou com a ajuda do seu tio e padrinho Luis Englert (casado com Hildegart) que o colocou na famosa Missão Econômica ao Japão (Kroeff, 1937), abrindo novas portas ao jovem sem muita perspectiva. Logo na sua volta se encantou com uma pequena moça de origem italiana, que desposaria meses mais tarde, Laura Rizzo, ela foi colega das suas irmãs no internato São José (São Leopoldo), o que facilitou o relacionamento. A família recebeu bem a notícia dos nubentes. Seu irmão menor, José Maria, uma criança naquele tempo, pensou que a sua futura tia tinha sido presente de alguém no Japão, devido à sua baixa estatura e aos seus cabelos negros. Plínio sempre se sentiu ligado ao tio Nicolao e ao primo Telmo. Ambos entendiam do comércio de carne, encaminharam aquele para trabalhar alguns anos no Matadouro Renner, de Montenegro.

<sup>102</sup> Por virador seria apropriado de chamá-lo de empreendedor. Tinha uma mentalidade voltada aos negócios. Personalidade decidida, que pouco lembrava o gentil, mas titubeante Jacob Netto.

0 5 DE AB

**A PEDIDO**

**Ao Povo de Novo Hamburgo.**



O Comitê pro-candidatura do sr. **Plínio G. Kroeff** a deputado estadual convida o eleitorado deste município a sufragar nas urnas o nome do seu candidato nas eleições de 19 de Janeiro.

**Plínio G. Kroeff** é filho deste município; descendo de uma família que há de setenta e seis anos trabalhando com o povo desta terra, no seu nobre trabalho de engrandecer a cada vez mais; seu pai é o sr. Jacob Kroeff Netto, um dos primeiros trabalhadores pela emancipação de nossa comuna; seu avô foi o Cel. Jacob Kroeff Filho, cuja interesse pelo nosso progresso, ainda está a memória de todos; seu bisavô, Jacob Kroeff, há um século, fundou o Hotel Esplendido e foi um esclarecido lutador pelo desenvolvimento da presente cidade de Novo Hamburgo.

**Plínio G. Kroeff** não é político, mas um incansável trabalhador, que deve sua posição de destaque nos meios comerciais, industriais e ruralistas do nosso Estado ao seu trabalho honesto, à sua tenacidade e as nobres qualidades de seu caráter; como homem de trabalho conhece as necessidades do povo; sua inteligência saberá defendê-lo e a independência do seu caráter saberá lutar com ele quando for preciso.

**Plínio G. Kroeff** é candidato do benemerito Dr. Borges de Medeiros. O povo de Novo Hamburgo tem uma grande dívida de gratidão para com este ilustre homem de Estado, que sempre deu provas de amor à nossa terra, e, contra uma forte oposição dentro do seu próprio Partido, não hesitou em decretar a nossa emancipação política, base do nosso admirável progresso de que tanto nos orgulhamos. Inducindo **Plínio G. Kroeff** para candidato, o nobre chefe do Partido Republicano Riograndense, deu mais uma prova de sua elevada orientação política, pois, acoltando um cidadão apolítico, filho de nossa terra, mostrou que acompanha a corrente daqueles que defendem a tese de que para a reconstrução de nossa vida econômica profundamente abalada, é imprescindível a colaboração de homens de reconhecido valor no campo das atividades práticas.

Votando em **Plínio G. Kroeff** damos o nosso voto a um filho ilustre de nossa terra, contribuiremos para a formação de um grupo de homens de trabalho na futura Assembleia do Estado e pagaremos uma parte de nossa dívida de gratidão para com Borges de Medeiros.

**VOTAE EM PLÍNIO G. KROEFF**  
Comitê pro "Candidatura **PLÍNIO G. KROEFF**"

**Sociedade de Cantores de Hamburgo Velho**

Julio de  
RDT  
Fincias  
Caxias  
Por este  
causa: Joo  
Eltra Ter  
re de  
do e real  
Quem  
la, quon  
Nro. H  
neto de  
O abal

Julio de  
EDIE  
Fincias  
Caxias  
Por este  
causa: A  
man e S  
sillares, m  
do, quon  
neste dia  
Quem  
la, quon  
Nro. H  
neto de  
O abal

Julio de  
RDT  
Fincias  
Caxias

Figura 32 - Anúncio de Plínio Gilberto Kroeff  
Fonte: O 5 de abril, 10/01/1942

Plínio tenta seguir a carreira política com a ajuda do pai. Entretanto, após derrotas nas urnas, torna-se um político apenas dos bastidores, para a imensa satisfação de sua mulher Laura, que ainda conta com gosto essa sua vitória pessoal, proporcionada pela derrocada nas urnas.

Em 1938, ele voltou de uma expedição econômica ao Japão, começando assim uma carreira de sucesso; em contrapartida, seu pai está a ponto de perder o emprego de fiscal da Receita Estadual. Com a briga entre Getúlio Vargas e Borges de Medeiros no ano de 1934 e com a eleição indireta na Câmara, Jacob Netto, sempre fiel ao antigo Presidente, não apoia o novo, e seu prestígio abala-se ainda mais. Por volta de 1935, foi enviado para Caxias, como inspetor; na cidade, iria ficar até 1940, quando retornou a São Leopoldo. Jacozinho, por via indireta, indis põe-se com a nova elite administrativa<sup>103</sup> a ponto de ser exonerado, sem rendimento.

<sup>103</sup> O Brasil passava por mais uma transição chamada de Estado Novo, onde o presidente Vargas aumentava ainda mais seu poder.

Sem uma fonte de renda fixa, Jacozinho retorna à vida de autônomo (advogado), mas não obtém muito sucesso nisso. Fica assim alguns anos estagnado. Passada uma década, é readmitido como funcionário estadual, logo em seguida se aposenta, tendo novamente algum sossego e estabilidade financeira. Sobre a vida profissional como funcionário estadual fazendário, infelizmente a Secretaria do Estado não disponibilizou os dados; contudo, com a ajuda dos filhos Egon e José Maria refez-se a sua trajetória lógica.

É importante referir também que Jacozinho, como representante do PRR, foi chamado para apaziguar deferentes disputas ocasionadas pela Guerra de 1923, pois tinha amigos de ambos os lados. No Alegrete, em particular, foi convidado a intervir na construção de um consenso, o que aceitou apenas para satisfazer os seus amigos mais próximos.

Ainda sobre sua personalidade, ou visão de mundo, os filhos de Jacozinho apresentam versões distintas: a sua comedido filha Erna julga o pai um pouco desanimado diante da perda insubstituível da amada esposa ou como um sujeito que teve tudo muito fácil na vida e que não se acostumou a lutar pelo que deveria ser seu. Essa versão, de fato, é em parte repetida por seu outro filho, Egon. Para este, o pai era muito tolerante e evitava ao máximo tomar partido, em especial, no caso da escolha da nova mulher que mais complicou do que ajudou a sua vida.

Contudo, o “restante” da família tem uma opinião divergente. José Maria, por sua vez, lembra-se do pai no Tribunal, defendendo os seus colegas germânicos falsamente acusados de nazistas. O velho defensor, com sua voz vibrante, inocentou com a sua defesa alguns desses homens que eram naturais das antigas colônias, muito longe de serem membros do Partido Único Alemão. Como bem relata João Silva, na querela sobre as atividades do nacional socialismo germânico quando aborda o assunto no Congresso de São Leopoldo, logo após o término da Segunda Grande Guerra, o importante era matar de vez as *bruxas*:

Seus principais habitantes eram geralmente trabalhadores e amigos de sua segunda pátria. Não havia ainda aquela maléfica infiltração de certos elementos, da época nazista, que em no seio, embora rodeados de tôdas as considerações, nem sempre foram todos nossos amigos (SILVA apud DUARTE, 1947: 343).



Figura 33 - Anúncio de Jacob Kroeff Netto  
 Fonte: Jornal O 5 de abril, 03/05/1940

Um segundo depoimento que não pôde ser coletado (devido a problemas de saúde da depoente) foi o da senhora Ivanósca, primeira mulher de José Maria, que, em uma rápida conversa telefônica, demonstrou grande afeto ao sogro, que chamava de pai. Igualmente, por motivo de saúde, José Maria Kroeff, com doença grave, não foi possível ocorrer uma segunda entrevista, para esclarecer alguns pontos surgidos no decorrer desta pesquisa.

De fato, essas duas últimas pessoas, José Maria e Ivanosca, conviveram nos últimos anos com o velho senhor e poderiam atestar — se não uma mudança de postura — outra interpretação no que diz respeito ao caráter e às atitudes de Jacob Kroeff Netto.

Por último se reproduz aqui mais uma informação da senhora Olga Echart, que, por ser companheira de Elgin (filha mais velha de Jacozinho), foi chamada algumas vezes para tentar reatar os elos perdidos. O segundo casamento, com já sublinhado, causou muitas celeumas na família. Elgin saiu de casa e pouco conviveu com seu pai. Alguns anos mais tarde, Jacozinho resolveu mudar os rumos da relação diante da “perda” dos filhos, e a sobrinha Olga fora acionada para convencer Elgin a visitar seu pai.

Essa conversa entre Olga e o tio Jacob se repetiu uma ou duas vezes, e Elsa estava presente e pouco opinou, como Olga enfatiza. Sobre o tio Jacob, sempre achou que ele não era uma pessoa frouxa, muito menos desanimada, mas talvez não tivesse a capacidade de utilizar as ferramentas tão habilmente empregadas nos discursos que fazia. Elgin revê as sua postura e convive mais harmonicamente com a madrastra, vulgarmente chamada de “madame”. Por fim, Jacozinho visita os filhos com maior frequência e leva a sua esposa junto. Velhos ressentimentos não desapareceram, mas o convívio mais frequente foi reatado.

Jacob Netto tem o seu último almoço em família, na casa de Egon, com a presença da madastra Elsa, que, com o passar dos anos, tinha o seu lugar mais bem aceito. No dia seguinte, ao cerrar um galho de árvore, morre de ataque de coração fulminante, aos 83 anos de idade.

Por fim, as sobrinhas que foram entrevistadas<sup>104</sup> atestam que Jacob era uma pessoa simpática e benquista, mas teve as suas opções equivocadas na vida. Em especial, a família de modo geral, netos e bisnetos do Coronel ouviram informações vagas sobre os problemas de 1922 (contrato mal-fadado com a firma inglesa), mas não puderam dar o seu depoimento ou dar partido da situação de qual teria sido a participação de Kroeff Netto nos eventos.

Mesmo em regiões diferentes e em um tempo apenas aproximado, a vida de J. Simões Lopes Netto tem várias similitudes com as do último Kroeff (Netto) pesquisado. Ambos nasceram em condições excepcionais — tanto de cuidados quanto financeiras — em uma Província ainda muito atrasada, pobre, monárquica e escravocrata. Assim, dentre os poucos afortunados, em um contingente de miseráveis, eles não souberam aumentar e muito menos manter o seu patrimônio político e monetário, que, com o passar dos anos, foi progressivamente dilapidado, permanecendo fortemente o seu sobrenome.

À semelhança de Simões Lopes, que recebe uma sobrevida com a [re]publicação do seu livro de literatura regional, os *Contos Gauchescos*, mesmo que a sua vida seja um somatório de falhas e de escolhas equivocadas, em especial no mundo dos negócios — aqui, Jacozinho o acompanha quase com perfeição. O

---

<sup>104</sup> Carmen, Olga, Magdalena não guardam nenhum tipo de sentimento adverso ao velho orador.

que se vê na vida de Jacob Netto se reproduz, em certa medida, na obra de Carlos Reverbél (1981), ao retratar o capitão pelotense. É uma mostra que nem todos sabem aproveitar dos recursos familiares: por trás do nome impoluto, há indivíduos com diferentes capacidades. Embora no apogeu, esses filhos da elite não tiveram o tino para manter os mesmos padrões ofertados pelos seus respectivos pais:

Com os sonhos extraviados, encanecido, gasto, arruinado em negócios, despido de cargos que exercer nas principais entidades comunitárias, ao lado das figuras mais representativas da cidade, o nosso querido Capitão ficara reduzido a ter de morar na modesta casa de uma cunhada doceira e a ter de trabalhar como redator remunerado, num órgão de imprensa local, o que corresponde a uma espécie de atestado de pobreza, traduzindo um estado de extrema necessidade (REVERBEL, 1981: 276).

Voltando à Família Kroeff, esta, como um todo, sentiu a perda da mãe Ottylia. Mesmo reunidos após o trágico evento, não chegaram a constituir um grupo unido. Os anos em que cada um dos filhos foi entregue à guarda de parente ou de religioso cobraram o seu preço. Após a reincorporação jurídica ao antigo emprego, alguns hábitos permanecem em Jacozinho, e a rala pensão dá a si e a sua esposa uma vida tranquila sem o luxo de outrora. Melhora como pai, cuida com mais atenção de José Maria. Outro vício mantido é a Política: sem o ânimo ou muito menos sem o destaque de antes, gravita nas trincheiras locais de Novo Hamburgo, com a mudança de residência para lá. Passam-se alguns anos e volta a Porto Alegre. Era membro do MTR, ao qual vai ser ligado até a sua morte. Dias antes de sua morte, foi ao diretório municipal de Novo Hamburgo opinar sobre uma querela. Como última homenagem, recebe as condolências na Câmara Federal e dos camaradas de militância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorreu-se um longo período analisando-se uma família e alguns de seus membros em particular, e é preciso refazer o caminho inverso para tentar alinhar alguns pensamentos fruto das pesquisas e dos dados obtidos ao realizar essa dissertação. Mesmo num estudo científico, a busca de informações sobre o passado é um interessante exercício de autoconhecimento, principalmente quando envolve antepassados diretos. Como já enfatizado na figura do *tom*, a dissertação é uma coletânea de opções, achados e até insucessos, certezas que vão se modificando em contato com as novas informações, contradizendo anseios e aspirações prévias.

A escolha pela família Kroeff foi uma motivação sempre presente desde o curso de graduação, visando a ampliar os conhecimentos sobre a parentela. Paralelo a isso, outro aspecto vem à tona: a imigração alemã ao estado sulista. Esse fato une o local de origem da família Kroeff - o velho continente Europeu, e o fenômeno de transladar-se ao Novo Mundo. Essa escolha, mudança de morada e hábitos de vida, foi uma opção escolhida por milhares de europeus que buscavam dias melhores. Sua importância como temática não se resume apenas à História regional, mas seus desdobramentos são sentidos em toda a nação brasileira, sem se esquecer das consequências na própria Alemanha. Sem dúvida, a imigração é um tema de enorme relevância social. Mesmo a imigração, aqui abordada em caráter particular, num núcleo familiar específico, o presente estudo, serviu de ensejo para um levantamento criterioso de muitos aspectos “soterrados” diante dessa vasta temática.

Assim, sem perder o fato macro - a imigração, esta pesquisa gerou um levantamento bastante pormenorizado de alguns indivíduos - os Kroeff, perdidos no manancial de milhares de pessoas, ou na massa de desconhecidos. Isso em parte retoma o caráter único do indivíduo, e ajuda a auferir novos liames a uma temática bastante recorrente, e que já produziu elaborados trabalhos. Logo, para falar em imigração alemã foi preciso outra abordagem.

Esse enfoque, do macro evento para um pequeno número de indivíduos é uma mudança sob um prisma mais costumeiro. Assim, falar sobre um personagem em especial - Jacob Kroeff Netto, foi a grande motivação do trabalho. Esse legislador e emancipador de Novo Hamburgo apresentava um espaço ainda não desbravado.

O foco era conseguir o máximo de dados “políticos” sobre Kroeff Netto, contudo, isso mostrou-se um dos primeiros e mais dolorosos reveses, uma via “curta”. A ideia era boa em teoria - 12 anos na função de parlamentar, chefe do partido republicano em Novo Hamburgo, certamente encontrar-se-ia uma gama de informações, dados, notas, discursos na acalorada arena política gaúcha.

No entanto, na primeira pesquisa de campo foi justamente, nesse cenário, a própria assembleia gaúcha, em que se teve a nítida, e esvaziada, imagem do parlamento gaúcho, em especial do período pesquisado, que intencionalmente coincide com os mandatos de Kroeff Netto<sup>105</sup>.

Muito do que originalmente se propunha fazer, conhecer a fundo a figura do parlamentar Jacob Kroeff Netto, sob influência direta de meu falecido avô Egon, precisou ser reavaliado. Como já foi comentado não que a história narrada sobre seu pai, Jacozinho, fosse fantasiosa, mas carecia de maior profundidade. E principalmente, o parlamentar naquele período não passava de um mero *conselheiro fiscal* do próprio executivo. Os anais da casa legislativa do estado do Rio Grande do Sul comprovam isso. Com a falta de discussões, atas breves e mal redigidas mostram o quanto o parlamento era negligenciado. A ausência era corriqueira a todos os deputados, inclusive Jacob Kroeff Netto, que faltava às sessões com grande frequência.

---

<sup>105</sup> Como referido anteriormente, ao descobrir a participação de Jacob Kroeff Filho, suas duas legislações foram igualmente escrutinadas.

Assim, conhecer Kroeff Netto passou a ser: entender outros aspectos de sua vida, os negócios e opções feitas ao longo da vida. Ligações e oportunidades foram por ele gradualmente desperdiçadas, mesmo sendo deputado estadual por mais de uma década, não produziu uma lei sequer, e pelo visto não tentou mudar a realidade do parlamento, uma casa sem autonomia em relação ao poder executivo, e muito distante da legítima representação da população.

Aos poucos, a figura de Jacob Netto dividia a atenção e já não era o objeto único a ser pesquisado. Não se queria falar em política no geral, o caráter familiar sempre esteve em voga. Ao incluir Jacob Kroeff Filho que fora igualmente deputado estadual, uma nova opção se apresenta, pois, como estrangeiro e “alemão” nato, esse dado fez aflorar novamente a temática da imigração.

Concomitante a isso, houve uma busca na qual emergiam os “Kroeff”, no levantamento bibliográfico proposto das variadas obras escritas sobre os primórdios da ocupação de germânicos no estado. Essa busca revelou duas figuras “novas” Miguel e Lourenço, os primeiros Kroeff a chegarem ao Rio Grande do Sul. Eram os irmãos de Jacob Kroeff, o açougueiro e, com essa nova informação, a pesquisa recuava em alguns anos, para compreender a função da grande família Kroeff, que ainda unida influenciava seus outros membros.

A participação de seus dois irmãos, e de seus respectivos logros, em terras nacionais foi sem dúvida determinante para a tomada de decisão de Jacob Kroeff, que seguiu o rumo dos irmãos. Novamente, a imigração pula a frente e torna-se assunto que merece maior cuidado.

Em uma das primeiras pesquisas no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, agora ciente do papel preponderante de Miguel Kroeff, no livro oficial dos desembarques<sup>106</sup> acha-se, pela primeira vez, o nome de Jacob Kroeff e a indicação de seu próximo rumo, as terras provinciais da colônia de Santa Cruz. Esse fato redirecionou o esforço neste pesquisa, visando a encontrar a “terra prometida”, o lote específico de Jacob Kroeff e sua família.

---

<sup>106</sup> Fundo Imigração. Livro C -091; páginas 17 e 35 (AHR)

Por um bom tempo dedicou-se a atenção aos registros da colônia Estadual de Santa Cruz, que foram de grande valia para recriar a atmosfera de então, a zona colonial do estado gaúcho. Têm-se, ali, graças à documentação preservada, as primeiras agruras, a superação, enfim, a nova vida nas pradarias sulinas americanas. Entender esse começo, ou melhor, conhecer os diversos aspectos que pautavam a vida dos colonos foi uma experiência rica.

Outra feliz *descoberta* ocorreu ao se buscar um perfil mais aproximado de quem eram os Kroeff, de onde vieram, e como era a sua terra natal, Merl. Mas, o que mais chamou a atenção foram as descrições de lá, constatando-se que Merl, em grande medida se parecia com a futura morada de Jacob Kroeff em Hamburguer-Berg. Procurou-se, assim, o conceito de “zona de conforto” para elucidar tais semelhanças. Hamburguer-Berg se mostrou, em muitos aspectos, uma alegre escolha, que até lembrava a terra natal de Miguel, Jacob e Lourenço Kroeff. O relevo e o clima semelhantes foram uma boa ajuda no começo. Em ambiente familiar, o jovem Jacob Kroeff fez bons relacionamentos, criando uma rede de interesses a sua volta que deve ter sido de grande importância para seus negócios. O hotel possibilitaria conhecer pessoas, fazer contatos e ainda ser um minicentro de reuniões, para aquela comunidade no limite “urbano” do antigo município de São Leopoldo. Por ser um elo bem localizado em uma região que se tornaria uma das mais prósperas do Estado, Jacob Kroeff, o antigo açougueiro, soube aliar seu conhecimento de carne com a competência administrativa no seu eclético estabelecimento comercial. Do hotel colheu bons frutos, como atestam os dois inventários pesquisados no Arquivo Público Estadual. A primeira divisão do espólio de sua esposa, e, por último, a partilha de seus próprios bens quando de sua morte, entre os vários descendentes. Esse simplório matador de porcos, tipo médio, com alguma educação formal, conseguiu progredir socialmente mesmo distante da sua terra natal, proporcionando uma vida mais confortável a seus filhos.

Um deles em especial, o varão Jacob Kroeff Filho, soube alavancar um próspero negócio da carne. Esse *alemão* que aqui chegou com apenas quatro anos, aprendeu desde cedo o valor das boas conexões e rede de influência. Na infância, junto ao pai, sempre atento aos muitos visitantes e clientes, despertou um bom sentimento junto aos clientes mais assíduos, em especial do casal Philip e Bárbara Steigleder. Assim conheceria a futura esposa Teresa, que, na condição de filha

única possuía uma grande propriedade rural nas adjacências do hotel (*Kaiserwald*). Após se casar, começaria vida nova, recriando para si um novo título, de *marchant*, e não apenas como filho do hoteleiro da região. Aliando interesses em constituir uma prole foi sábio ao se casar, atitude que só ajudou seu apurado tino comercial. Também enveredou pela política, como “militar” na Guarda Nacional, recebendo, anos mais tarde, o posto de coronel Kroeff. Cresceu em destaque na sua comunidade, pleiteando desde muito cedo a emancipação política da futura cidade de Novo Hamburgo. Era um *personagem desconhecido* antes da pesquisa, mas foi crescendo em relevância diante de tudo aquilo que fez: matadouro, fábrica de sabão, criação de cavalos e até participação no Prado dos Navegantes<sup>107</sup>. Na seara política, foi “vereador” e na sua última legislatura foi presidente da câmara municipal, responsável pela primeira lei orgânica de São Leopoldo, em tempo de república. No cenário estadual foi deputado por dois mandatos e junto com colegas e correligionários fomentou uma nova agremiação política, o Partido Católico de Centro, e que todos eles pensavam representar os ideais religiosos, com poder de ampliar a contribuição política dos colonos. Mesmo sem muita duração, o Partido Católico do Centro, ao qual Kroeff Filho e o grupo de colonos se uniam sob a bandeira religiosa, se levantou contra o exclusivismo do PRR, partido liderado por Júlio de Castilhos.

Ainda na presente dissertação, retoma-se a Biografia como uma renovada abordagem historiográfica. Essa maneira de análise encara a vida de um indivíduo ou grupo, como o feito com os distintos Jacobs. O termo renovado tem a preocupação de explicitar a visão mais ampla e de se levar em conta, com maior valor, o entorno, e ao se falar sobre os Jacob Kroeff, Filho e Netto, comenta-se sobre outros membros da família: Teresa, Nicolao, Emma e Hildegart, sendo que cada indivíduo ajudou a mostrar, de fato, os objetos de estudo. Sobre o ambiente (o plano social), pretendeu-se entender um pouco a dominante cultura Castilhista e como se exercia a política naquele período dos coronéis.

Talvez ainda seja relevante comentar sobre o rico material, encontrado sobre Jacob Kroeff Filho, que, como já destacado, foi um importante vulto na História

---

<sup>107</sup> Bairro da cidade de Porto Alegre.

gaúcha, merecedor de um estudo mais detalhado, pois muitos dos dados colhidos foram descartados nessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Newton. **Silveira Martins**. Porto Alegre: Tchê!, 1985.

ANAIS da **Câmara dos Deputados**: volume VII de 1966. Brasília.

ABRANTES, Visconde de. **Memoria sobre meios de promover a colonização pelo Visconde de Abrantes**. [Salvador]: Imprensa Oficial, 1926. Fac-símile da edição alemã; Berlin: Typographia de Unger Irmãos, 1846.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro: Irmãos Laemmert, 1918-1919.

ALMEIDA, João Pio de. **Borges de Medeiros**. Porto Alegre: Globo, 1928.

ALENCASTRO, Luiz. **História da Vida Privada no Brasil 2: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

AMSTAD, Theodor. **Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul (1824-1924)**. São Leopoldo: Unisinos, 1999. Trad. de Arthur Blásio Rambo.

ASSEMBLEIA dos Representantes do Rio Grande do Sul; 2º a 9º legislatura. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: A Federação. 1892-1927.

ASSIS BRASIL, J.F.. **Dictadura, Parlamentarismo, Democracia**. Porto Alegre: Globo, 1908.

AVÉ-LALLEMANT, Roberto. **Viagem pelo Sul do Brasil [1858]**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

BECKER, Klaus. **Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai**. Canoas: PAH, 1968.

\_\_\_\_\_ (org.). **Enciclopédia Rio-Grandense**. v. 1-5. Canoas: Regional, 1957.

BEHREND, Martin. **O 5 de abril**. Porto Alegre: Metrópole, 2002.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BITTENCOURT, Aurélio Virissimo. Política e Poder nos primeiros anos da República: a correspondência entre Júlio de Castilhos e seu secretário, Aurélio Virissimo de Bittencourt. **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**. v. 19. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

BJERG, Maria (org.). **La familia** - campo de investigación interdisciplinario. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2004.

BRENNER, José. **A saga dos Niederauer**. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.

BÜHLER, Pedro Ernesto. **A casa do imigrante alemão no sul do Brasil: "o sonho e a técnica"**. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Caderno de Pesquisa: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937**. São Luis: EDUFMA, 2009.

CASTRO, Jeanne Berrance de. **A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850**. São Paulo: Nacional, 1979.

CARNEIRO, José. **Karl Von Koseritz**. Porto Alegre: IEL, 1959.

\_\_\_\_\_ (org.). **I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**. Porto Alegre: UFRGS, 1963.

CARNEIRO, Lígia. **Trabalhando o couro – do serigote ao calçado “made in Brazil”**. Porto Alegre: LPM, 1986.

CARONE, Edgard. **A República Velha**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

CHAUL, Nasr (org.). **Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias**. Goiânia: UFG, 1998.

COLÉGIO SANTA CATARINA. **Cem anos de História**. Porto Alegre: Nova Prata, 2000.

COSTA, Alfredo da (org.). **O Rio Grande do Sul** (completo estudo sobre o Estado). v.1. Porto Alegre: Globo, 1922.

COSTA, Emília da. **Da Monarquia à República**. Momentos decisivos. São Paulo: Alameda, 2007.

COSTA, Rogerio Haesbaert da. **RS: latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CRUZ, Manuel Braga da. Os católicos e a Política nos finais do século XIX. **Análise Social**, v. XVI, p. 259-270, 1980.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil: 1850**. São Paulo: Martins, 1972.

D´AZEVEDO, Martha (org.). **Protasio Alves e seu tempo (1859-1933)**. Porto Alegre: Já Editores, 2006.

DREHER, Joahann Carl; BERCHT, Heirinch Georg. **Memórias de imigrantes**. Trad. de Günter Weimer. Porto Alegre: EST, 1988.

DREYER, Lilian. **Sinfonia inacabada: a vida de José Lutzenberger**. Porto Alegre: Vidicom, 2004.

DOMINGUES, Moacyr. **A nova face dos Muckers**. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

DUARTE, Eduardo. **O centenário da colonização alemã no Rio Grande do Sul (1824-1924)**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1946.

DUARTE, Manoel (org.). **Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo**. Porto Alegre: Globo, 1947.

FLEIUSS, Affonso. **Historia administrativa do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

FONTOURA, João Neves da. **Memórias**. Porto Alegre: Globo, 1969.

FLORES, Hilda (org./trad.). **Memórias de Brummer** (Cristovão Lenz; Henrique Schafer; Jorge Schanck). Porto Alegre: EST, 1997.

FORTES, Ariosto Borges. **Viação férrea do Rio Grande do Sul: suas estações e paradas**. Porto Alegre: 1962. (datilografado)

FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

FUNKE, Alfred. **Aus Deutsch-Brasilien - Bilder aus dem Leben der Deutschen im Staate Rio Grande do Sul [O Brasil Germânico - Retratos da vida dos alemães no Estado do Rio Grande do Sul]**. Trad. de Leipzig: B. G. Teubner, 1902.

FRANCO, Sergio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Globo, 1967.

FREITAS, Benedicto. **História do Matadouro Municipal de Santa Cruz [RJ]**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1950.

FREITAS, Décio. **O homem que inventou a ditadura no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

GANS, Magda Roswita. **Presença teuta em Porto Alegre no século XIX: 1850-1889**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GIEBRECHT, Ralph M. **Estações ferroviárias do Brasil**. V.F. Rio Grande do Sul (1920-1966). 2007. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs/linhaspoa/kroeff.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

GOMES, Ângela. **Escrita de si**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HARTMANN, Darci J. **Introdução às Memórias**, 2006. Disponível em: <<http://hartmannsmemorien.blogspot.com>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

HÖRMEYER, Joseph. **O que Jorge conta sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1966.

\_\_\_\_\_. **O Rio Grande do Sul de 1850**. Porto Alegre: Luzzato, 1986.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO (IPHAE). **Patrimônio ferroviário no Rio Grande do Sul: inventário das estações 1874-1959**. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

KANNENBERG, Hilmar. **Fundação Evangélica, um século a serviço da educação, 1886-1968**. São Leopoldo: Rotermond, 1987.

KERN, Marinho. **A vida sempre recomeça**. São Paulo: Marco Zero, 1993.

KERN, Paulo H.. **Quem é quem: ruas e praças de Novo Hamburgo**. Canoas: La Salle, 1994.

KONDER, Marcos. **Lauro Müller**. Florianópolis: FCC, 1982.

KROCKOW, Christian Graf Von. **Prússia: um balanço**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

KROEFF, Marcos Antônio. **De ano em ano, de pedra em pedra, uma História de todos nós**. São Leopoldo: Rotermond, 1978.

\_\_\_\_\_. **Escrito familiar**. 1980 (datilografado)

KROEFF, Mario. **Imagens do meu Rio Grande**. Rio de Janeiro: s.n., 1972.

\_\_\_\_\_. **O gaúcho no panorama brasileiro**. Rio de Janeiro: s.n., 1977.

KROEFF, Plínio G.. **Missão econômica brasileira ao Japão**. Porto Alegre: Globo, 1937.

LANDO, Aldair (org.). **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento, 1981.

\_\_\_\_\_. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LANGENDONCK, Madame Von. **Uma colônia no Brasil**. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2002.

- LEITE, Dante. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LEMOS, Carlos. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.
- LINCK, Alexandre Tollens. **Os Kroeff no Brasil**, 2006. Disponível em: <<http://www.kroeff.blogspot.com>>. Acesso em: 14 jul. 2010.
- LIVRO DO CENTENÁRIO da **Faculdade de Direito da Ufrgs**. Porto Alegre: Síntese, 2000.
- LOVE, Joseph L.. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MASSON, Alceu. **Caí**: monografia. São Sebastião do Caí: Prefeitura Municipal de Caí, 1940.
- MARCHIORI, José Newton Cardoso. **Santa Maria**: relatos e impressões de viagem. Santa Maria: UFSM, 1997.
- MARTINS, José. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.
- MASCARA. **Revista Ilustrada**. S.t. Porto Alegre, ano 7, n. 7, jun. 1925.
- MATTOSO, José. **A escrita da História**. Lisboa: Estampa, 1997.
- METZLER, Hugo. **Vor 25 Jahre!** Porto Alegre: Typographia do Centro, s.d.
- MEYER, Otto. **Apontamentos sobre a História da Sociedade Independência** (ex-Sociedade Germânia) de Pôrto Alegre em seu centenário a 23 de junho de 1955. Porto Alegre: Globo, 1955.
- MOEHLECKE, Germano. **O Vale dos Sinos era assim**. São Leopoldo: Rotermund, 1978.
- \_\_\_\_\_. **São Leopoldo era assim**: o passado pela imagem. São Leopoldo: Rotermund, 1982.
- MORAES, Carlos. **A Real Feitoria da Linha Cânhamo**. Porto Alegre: EST, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O colono alemão**. Porto Alegre: EST, 1981.
- MORAES, Roque. **Análise textual**: discursiva. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2007.
- MÜLLER, Telmo Lauro (org.). **Imigração e colonização alemã**. Porto Alegre: EST, 1980.
- \_\_\_\_\_. (org.). IV Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. **Anais**. São Leopoldo: UNISINOS, 1987.

MUXFELDT, Hugo. **Os Mucker 100 anos depois**. Porto Alegre: Ed. do autor, 1983.

NOAL FILHO, Valter Antonio. **Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890**. Santa Maria: Anatterra, 2004.

O MANECA. Jornal. Porto Alegre. Edições de 1917 e 1918.

PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e oligarquia (1889-1943)**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978.

PETERSEN, Sílvia. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho-1870-1937**. Porto Alegre: Tchê!, 1992.

PETRY, Leopoldo. **O Município de Novo Hamburgo**:monografia. Porto Alegre: Nação, [1940?].

\_\_\_\_\_. **São Leopoldo** (2º volume). São Leopoldo: Rotermond, 1966.

PETRY, Maria Cecília. **A nova e brilhante Estrela**. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Escutando o passado**. Novo Hamburgo: s.n., 1995. (datilografado)

PICCOLO, Helga. **A Política rio-grandense no Segundo Império: 1868-1882**. Porto Alegre: Gabinete de Pesquisa de História do RS, 1974.

\_\_\_\_\_. **Vida política no século 19**. Porto Alegre: da Universidade, 1992.

PIMENTA BUENO, José Ant.. **Relatório da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Typ. Portella, 1850.

PIMPÃO, Altair Carlos. **Vieram em busca da liberdade**: os 150 anos de imigração alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Olímpica, 1974.

**POVOADORES DO RIO GRANDE DO SUL: 1857-1863**. Porto Alegre: EST, 2004.

RABUSKE, Arthur. **A secular Matriz Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, RS**. São Leopoldo: Unisinos, 1978.

RAMBO, Athur. **A Revolução Federalista e os teuto-brasileiros**. São Leopoldo: UNISINOS,1995.

REVERBEL, Carlos. **Um Capitão da Guarda Nacional** – vida e obra de J. Simões Lopes Netto. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1981.

RIBEIRO, Célia. **Fernando Gomes um mestre do século XIX**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.

RODRIGUES, Nadir. **Ação inovadora dos Irmãos Maristas no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Epece, 2000.

ROQUETTE PINTO, Edgard. **Ensaio de Antropologia brasileira**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1982.

ROSA, Otelo Rodrigues. **Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: Globo, 1930.

SANCHES, Manuela (sel.). **A invenção do homem: raça, cultura e história na Alemanha do século XVIII**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, [2000].

SANTOS, João Pedro dos. **A Faculdade de Direito de Porto Alegre: subsídios para sua História**. Porto Alegre: Síntese, 2000.

SARLET, Erica. **"...Ainda hoje plantaria minha macieira..." - 160 anos - Escola Pindorama**. Novo Hamburgo: Sinodal, 1994.

SCHEMES, Cláudia. **Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo: 1901-1935**. Porto Alegre: 2006.

SCHMIDT, Benito (org.). **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

SCHNEIDER, Adolfo. **Povoamento - imigração colonização**. Joinville: s.n., 1983.

SCHNEIDER, Regina. **A instrução pública no Rio Grande do Sul: 1770-1889**. Porto Alegre: EST, 1993.

SCHUPP, Ambros. **A missão dos jesuítas alemães no Rio Grande do Sul**. Trad. de Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os Muckers: episódio histórico extraído da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul**. Trad. de Alfredo Pinto. 2. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer Editores, s/d

\_\_\_\_\_. **Os Muckers: a tragédia do Ferrabrás**. 4. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1993.

SCHÜTZ, Liene. **Os Bairros de Novo Hamburgo**. Novo Hamburgo: L.M.M.S., 2001.

SEBEOK, A. (org.). **O signo de três: Dupin, holmes, peirce**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SERVA, Mario Pinto. **O voto secreto ou a organização de Partidos Nacionais**. São Paulo: Imprensa Methodista, [s.d].

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974.

SILVA, Haike. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão**: a História de uma liderança étnica (1868-1950). São Leopoldo: Oikos, 2006.

SILVA, Marcos da (org.). **República em migalhas**: História regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande (I, II, III)**. Porto Alegre: Sulina, 1969.

STOLTZ, Roger. **Cartas de imigrantes**. Porto Alegre: EST, 1997.

TEIXEIRA SOARES, Álvaro. **História da formação das fronteiras do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblex, 1973.

TILL, Rodrigues. **História da Faculdade de Direito**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

TROSSEN, Michael. **Das-weingut**, 2010. Disponível em: <[www.das-weingut.com](http://www.das-weingut.com)>. Acesso em: 14 jul. 2010.

TORRONTEGUY, Teófilo. **As origens da pobreza no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

TRIBUNA ILLUSTRADA. Porto Alegre, ano 1, n. 10, quarta-feira, 24 mai. 1927.

TRINDADE, Hélijo. **Poder Legislativo e autoritarismo no RS (1891-1937)**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

TRUDA, Leonardo. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1930.

TUBINO, Nina. **A Germanidade no Brasil**. Porto Alegre: Nova Prata, 2007.

UMANN, Josef. **Memória de um imigrante boêmio**. Trad. de Hilda Flores. Porto Alegre: EST, 1981.

WAIBEL, Leo. **Capítulos da Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

WERLANG, Willian. **A família Johannes Heinrich Kaspar Gerdau**. Agudo: Werlang, 2002.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

WIKIPÉDIA. Vários. 2010. Disponível em: <<http://www.wikipedia.com>.> Acesso em: 14/07/2010.

WILTGEN, Pedro. **Minibiografia**. São Sebastião do Cai: 1920. (datilografado).

YALOUR, Margot. **Como fazer teses em saúde pública**: conselhos e ideias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS

Barbosa, Joaquim (Quim) Wiltgen. Família Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz.

Bins, Carla Adams; Telmo Bins. Família Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz.

Echarte, Olga Kroeff. Família Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz.

Englert, Carmen Kroeff. Família Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz.

Kroeff, Egon. Família Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz.

Kroeff, José Maria. Família Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz.

Kroeff, Laura Rizzo. Família Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz.

Kroeff, Marcos. Entrevista concedida a João Luz e demonstração *in loco* das antigas propriedades da Família Kroeff em Hamburgo Velho e Novo Hamburgo.

Lutzenberger, Magdalena. Família Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz.

Stemmer, Gaspar Henrique. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz.

**APÊNDICE B - ARQUIVOS PESQUISADOS**

Arquivo do Colégio São José (São Leopoldo)

Arquivo do Colégio Santa Catarina (Novo Hamburgo)

Arquivo do Colégio São Jacó (atual Pio XII) (Novo Hamburgo)

Arquivo da Faculdade de Direito (UFRGS)

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – AHRS

Arquivo Marista do Rio Grande do Sul

Arquivo Municipal de Porto Alegre – Moysés Vellinho

Arquivo Público do Rio Grande do Sul – APRS

Arquivo do Vale do Rio dos Sinos (Novo Hamburgo)

Arquivo do Poder Parlamentar (Assembleia Estadual - RS)

Centro de Documentação Pesquisa da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre – CEDOP. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Livro de Registros Geral de Enfermos da Santa Casa de Misericórdia. Livro n. 20-22, 1918-1922.

Fazenda Paquete (Município de Capela de Santana)

Província Brasil Meridional Jesuíta (BRM)

Museu Visconde de São Leopoldo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

L979J Luz, João Hecker  
Jacob Kroeff – Jacob Kroeff Filho – Jacobe Kroeff Netto :  
o hoteleiro, o coronel, o intendente : 1855 a 1966 / João  
Hecker Luz. – Porto Alegre, 2010.  
173 f.

Diss. (Mestrado em História) – Fac. de Filosofia e  
Ciências Humanas, PUCRS.  
Orientador: Prof. Dr. René Ernaini Gertz.

1. História – Rio Grande do Sul. 2. Imigração Alemã –  
Rio Grande do Sul. 3. Colonização Alemã – Rio Grande do  
Sul. 4. Família Kroeff – História. I. Gertz, René Ernaini.  
II. Título.

CDD 981.65052

**Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)